


FLORENTIA FLORENTIA

UM ESQUELETO
À DERIVA



Devir Floresta: Um Esqueleto à Deriva

Ricardo Quara Barata

Trabalho Final de Graduação 2

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Do Rio de Janeiro*

Orientadora: Iazana Guizzo

Rio de Janeiro, 2022

Prefácio

Sentia no peito a brisa da manhã, o sol ainda bocejava enquanto me afastava da praia de São Conrado em direção à massa verde que se erguia até esvaecer para além das camadas de almofadas brancas. Tal qual uma mãe que cobre seu filho na cama, o vento trazia os lençóis de encontro ao relevo, majestoso, o gigante permanecia imóvel ao leve toque da capa que se tecia e desmanchava com a chegada do azul celeste.

Na mesma direção, buscava me afastar dos estranhos ruídos para trilhar o caminho de casa, ganhando altura enquanto me preenchia de sossego; o ar que infla meus pulmões também sustenta todo tecido vivo que cobre a terra; o sol que agora aquece meu corpo por nergas que crescem das nuvens também esquenta todos os seres.

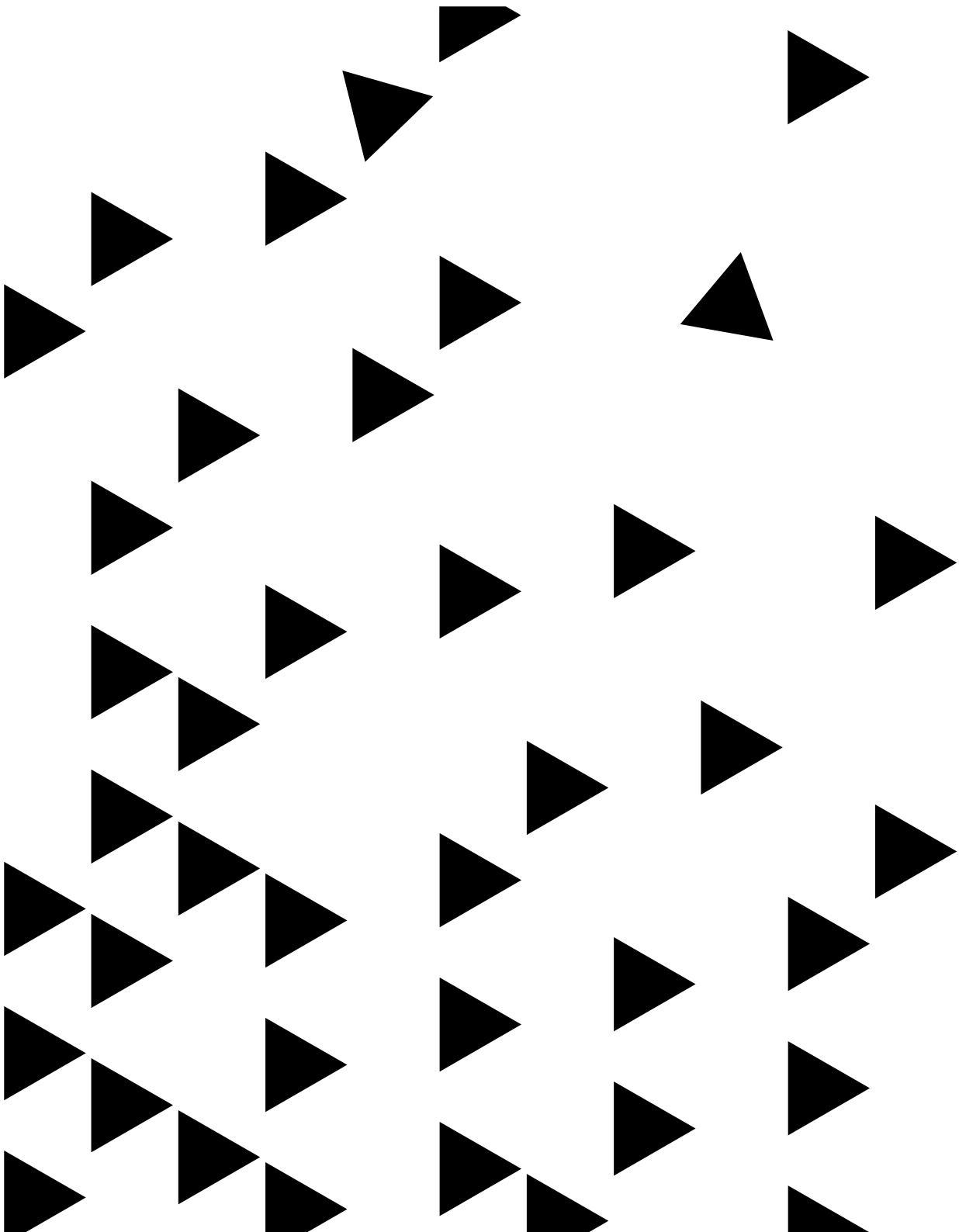
Fecho os olhos por um instante de um sopro e me sinto ali, satisfeito por simplesmente ser agente integrante de tudo que me cerca. Agora já consigo distinguir as inúmeras esponjas verdes: são milhares de formas e tamanhos, as copas se sobrepõem umas às outras, se empurrando para alcançar os raios de sol, que dá brilho ao tocar as folhas assopradas pelo vento.

São verdes suficientes para se lembrar de esquecer qualquer outra cor que já possa ter visto. Correm verdes musgo, oliva, esmeralda, limão, bandeira, cítrico, abacate, jade, exército e vários outros mais intensos. Todo mar vai ganhando mais força à medida que as casas vão se dissipando, ficando mais espaçadas até acabarem. Apenas uma telha ou outra remanesce naufragando nas ondas verdes.

Já lá no alto, avistei algo diferente, uma estranha turbulência alterou a direção dos ventos e me fez tremer como em um espasmo. Me aproximei da sensação e realizei um volume cinza enorme, um plano mais alto de tudo que qualquer árvore poderia ter.

Alto e triste, não parecia haver outro de sua espécie pelos arredores, afundava em uma solidão de janelas, desacompanhada em um vasto oceano. Naquele espaço, toda vida era suspensa, o soar dos pássaros era silenciado e o brilho das diferentes folhas eram ofuscados pela pesada massa cinzenta, fez-se a sombra. Ali no esqueleto de São Conrado, a incerteza da vida era engolida pelo mundo concreto, armado.





Sumário

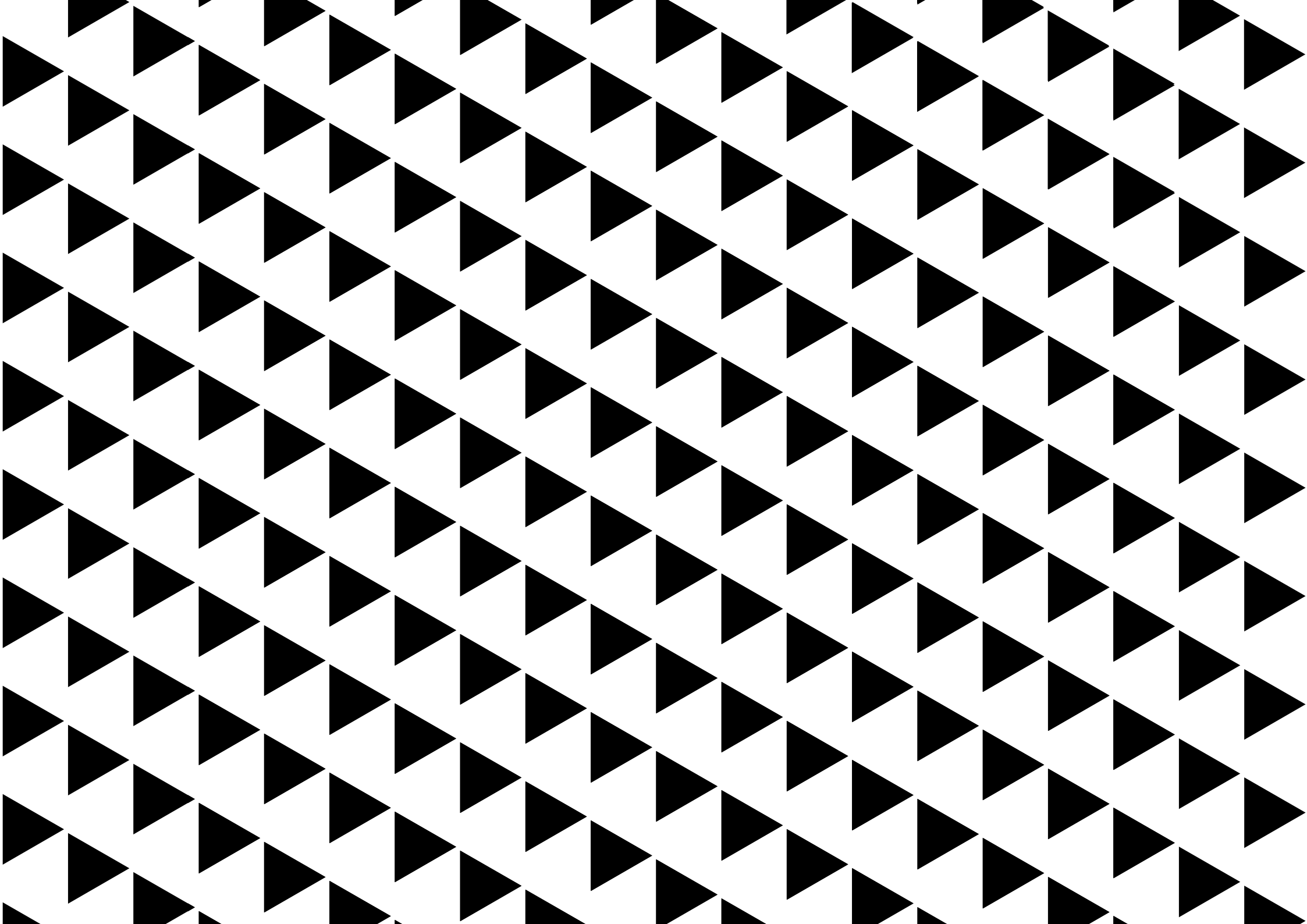
I. Introdução

II. De longe

III. De perto

IV. De dentro

V. Tropeços



I . Introdução

O trabalho final de graduação a seguir parte de uma inquietação, um incômodo gerado ao encontrar uma construção abandonada no meio da Mata Atlântica, em São Conrado. Essa conjuntura possui uma carga simbólica particular, pois se trata de um Edifício-Esqueleto de 16 andares inacabado e perdido no coração da floresta. Chamo-o desta forma pois só é possível enxergar o osso da estrutura. A obra nunca foi finalizada e, assim, a massa de concreto permanece há sete décadas sofrendo corrosão e rachaduras. Alguns vestígios de revestimento cerâmicos podem ser notados nos andares superiores, assim como plantas e musgos, mas são os entulhos, as goteiras e os inúmeros buracos nas alvenarias e nas lajes que apontam para o comprometimento da estrutura como um todo.

O que um volume de concreto com 125 metros de comprimento e 56 de altura está fazendo em meio a Floresta da Tijuca?

Como ele pode ter surgido e o que sua própria existência nos diz sobre as escolhas que vêm sendo tomadas no mundo contemporâneo?

A partir dessas indagações, vi a possibilidade de estudar mais a fundo o papel da arquitetura na (falta de) relação do objeto construído com seu entorno imediato. Além disso, tal condição me ajudou a levantar questionamentos sobre a própria profissão que optei por exercer, como por exemplo qual legado está sendo construído, qual nos é ensinado e para onde desejamos caminhar, tanto como arquitetas e arquitetos quanto sociedade como um todo.

As urgências do nosso tempo

“Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá a sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. (...) Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra. Com todas as evidências, as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécies em extinção aumentando, será que a única maneira de mostrar para os negacionistas que a Terra é um organismo vivo é esquarterá-la? Picá-la em pedaços e mostrar: “Olha, ela é viva”? É de uma estupidez absurda” - KRENAK, Aílton (A vida não é Útil, p.17)

O vertiginoso desenvolvimento exploratório da nossa espécie é justificado não só pela apropriação de técnicas que possibilitam a manipulação dos recursos naturais, mas principalmente pela necessidade humana de se distinguir do resto da vida terrestre. Será que a nossa sociedade capitalista, predatória e que ainda vive regida pelo neocolonialismo deve se conceder o direito de alterar quaisquer paisagens da forma que lhe for melhor entendido?

Nossa espécie parece ter chegado em um consenso geral de que sim. Podemos. E assim é. Assim está sendo, pelo menos.

Desde 1970, atingimos o esgotamento dos recursos do planeta (hoje consumindo o equivalente a 1,7 Terras por ano)¹ e, ainda assim, jogamos no lixo diariamente 1/3 de toda comida produzida no mundo, o equivalente a 1,3 bilhão de toneladas², enquanto a fome e a miséria (pelo menos em terras brasileiras) só cresce. Houve queda de mais de 60% de toda vida selvagem nos últimos 70 anos, assim como a redução considerável dos portes dos animais. Além disso, o acréscimo médio de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais³ já põem vários ecossistemas em risco.

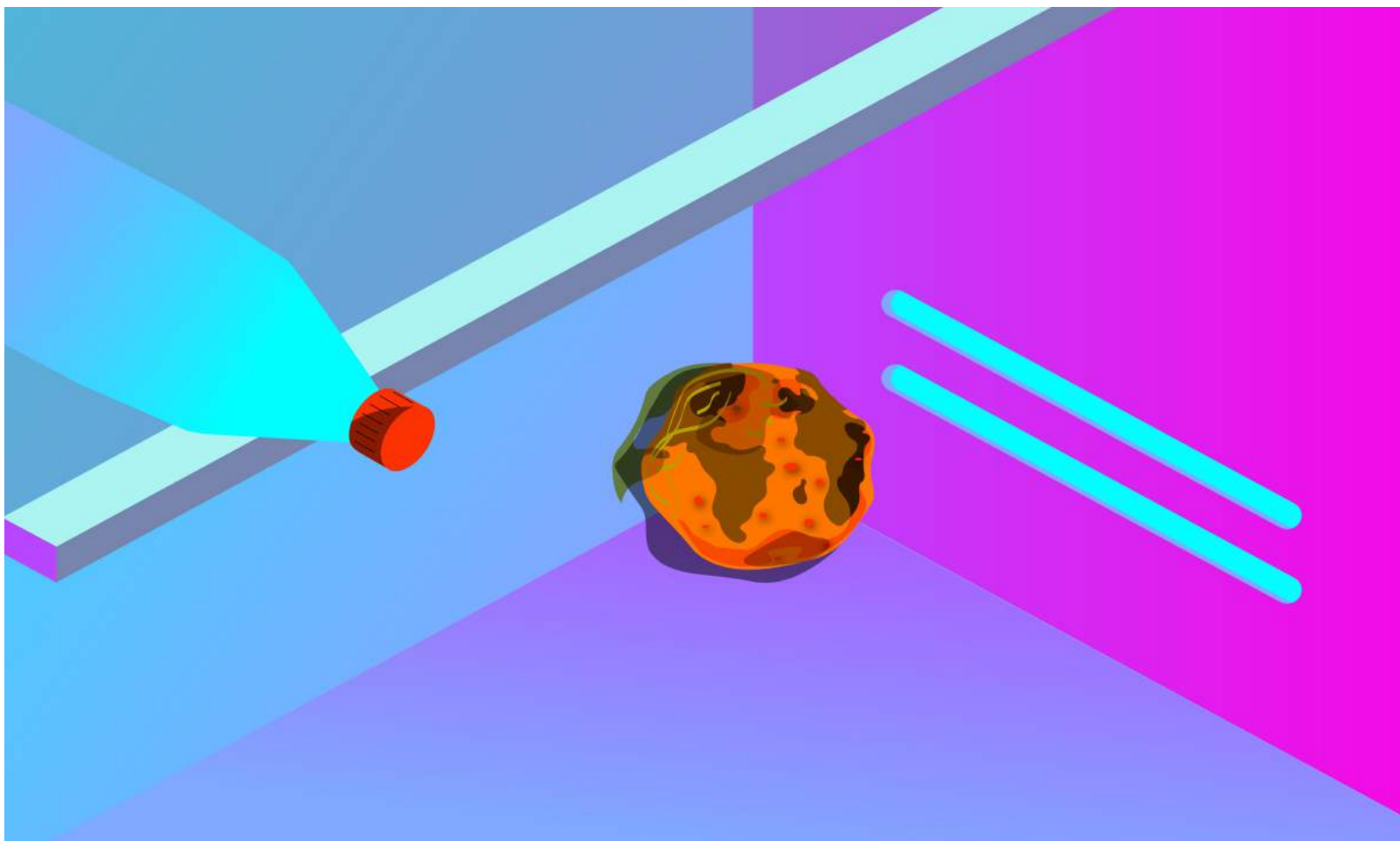
1 A informação é do Global Footprint Network (GFN), uma organização de pesquisa responsável pelo cálculo do Dia da Sobrecarga da Terra, que mede a chamada Pegada Ecológica das atividades humanas no mundo.

2 Disponível em: <http://www.qualfood.com/noticias/item/1113-um-terco-dos-alimentos-produzidos-no-mundo-acaba-no-lixo>

3 (Relatório Planeta Vivo de 2020, lançado pela ONG WWF e ZSL). Disponível em: <https://livingplanet.panda.org/pt-br/> - “ONG WWF em parceria com a ZSL”

Não obstante, esse trabalho é redigido enquanto o Brasil queima. Incêndios criminosos que abrem caminhos para plantações de monoculturas em áreas de preservação ambiental se alastram de norte a sul, o STF julga a tese do Marco Temporal, crianças yanomamis sofrem de desnutrição crônica e mais de 600 barcos de garimpo ilegal sobem o Rio Madeira atrás de ouro, enquanto milhares de quilômetros quadrados são desmatados em tempo recorde, ameaçando não só os povos originários como a preservação do planeta como um todo.

Diante de todos esses fatos, será que estamos diante de um cenário que desencadeará a Era das Extinções ou seriam todos esses comportamentos reversíveis ainda em tempo? Se sim, quais estratégias poderíamos adotar para gerar mudanças significativas nesses tempos de morte?



O estudo avançou na tentativa de levantar questionamentos sobre as formas hegemônicas ocidentais de se habitar a Terra, simbolizadas em termos como progresso e desenvolvimento. Eles tendem a justificar uma cosmovisão (isto é, o conjunto de valores, crenças, impressões, sentimentos e concepções prévias que dá forma a uma visão de mundo) de um grupo específico: capitalista, colonizador e inconsequente.

Imerso na perspectiva de uma ordem social global patogênica construída sobre genocídios, ecocídios e escravidão, a inquietação com a forma que o ser humano vem se relacionando com a natureza não me ocorreu de forma abrupta. Isso se dá por este ser um processo de desconstrução que ainda está em vigor e que já atravessa anos, embora tenha se intensificado frente os contrastes que marcam o período pandêmico em que este trabalho se encontra. Portanto, o desenvolvimento deste dismantelamento de um certo modo de viver surge concomitante à minha própria consolidação como cidadão, arquiteto e, primordialmente, como ser humano e se configura através do constante esforço de realizar, apontar e desmistificar práticas e vícios adquiridos durante minha formação.

O antropólogo Arturo Escobar (1952), em seu estudo “O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós desenvolvimento?” (2005), destaca que o termo desenvolvimento está impregnado nos discursos de governistas desde a década de 1950, estando intrinsecamente ligada ao ideal de modernidade. Essa nomenclatura passa a englobar teorias, políticas, programas e objetivos, substituindo o evolucionismo e agregando em si as principais aspirações destes. Com sua consolidação, a economia liberal se volta exclusivamente para o mercado e o capital se torna o cerne do progresso, o vetor do desenvolvimento e o responsável pela produção arquitetônica, que passa a responder aos interesses respectivos. A formulação de uma arquitetura dita ‘oficial’, simbolizada pelo controle estatal e a expansão do mercado imobiliário, suprime outras formas de se fazer arquitetura.

Levando em consideração o aumento sem precedentes de desastres ecológicos, seria a modernidade uma espécie de névoa de informações e costumes que paira pelas grandes cidades em busca de manter a alienação dos próprios habitantes? Digo, qual seria a razão para não assimilarmos os dados e as notícias cada vez mais alarmantes dessa crise global? Bruno Latour, antropólogo e sociólogo francês nos dá uma rica contribuição em seu livro “Jamais fomos modernos”:

*“A modernidade teria feito dessa separação ato constitucional, subdividindo o conhecimento para, assim, crermos que devemos manter a distância entre os políticos, aos assuntos sociais, e os cientistas, no que diz respeito à natureza das coisas, sem que haja interlocuções centrais de articulação.” -
LATOURE, Bruno (1994, p.19)*

Essa lógica, que advém desde o século XVII com a primeira revolução industrial, compôs a “constituição moderna” (1994,p.19), que anestesia a sociedade em um repertório de “ciência versus política”. Logo, o antropocentrismo⁴ prioriza a política em detrimento da ontologia, ou seja, é concebido o homem em posição central do pensamento. Nesse preceito:

O que seria então a natureza? Seria ela um elemento inanimado e distante do humano?

4 Etimologicamente, a palavra antropocentrismo se originou a partir do grego anthropos, que significa “humano”, e kentron, que quer dizer “centro”.

A modernidade histórica “assinala uma ruptura na passagem do tempo e assinala um combate no qual há vencedores e vencidos”, formando uma dicotomia falsa entre o mundo social e o mundo natural, em que o segundo é compreendido como fonte inesgotável de recursos que deem sustentação ao desenvolvimento (1994, p.15). Ocorre assim um afastamento inevitável do ser humano com a natureza, processo acelerado consideravelmente a partir do século passado, quando houve a troca do meio rural pela dinâmica frenética das grandes cidades.

A negação aos alertas que o planeta vem indicando se faz cada vez mais latente. Para além da dicotomia que o discurso moderno estabelece, uma série de autores (que ainda serão apresentados) sugerem a constatação de uma outra: a contraposição do entendimento de que terra, alma, corpo e espírito de todos os seres vivos constituem uma unidade originária. Do outro lado, há os interesses individuais de uma classe social específica, uma pequena elite global. Sobre esta, as recentes viagens espaciais de Jeff Bezos e Elon Musk -os dois homens mais ricos do mundo- parecem refletir um processo de fuga do planeta, fruto da crença de que o que garantirá um futuro promissor para a humanidade é o investimento bilionário no espaço.

Não seria este um dos maiores símbolos do descolamento espiritual do ser humano com o planeta?

Como corrobora o ativista, ambientalista, escritor e líder indígena Aílton Krenak, em seu segundo livro *A Vida Não é Útil*, “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.” Nesse mesmo livro, também critica a ideia de que o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar.

“Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade”. - KRENAK, Aílton (p.10)

Krenak destaca a ganância das pessoas de continuar consumindo e produzindo acúmulos em cima da escassez de outros grupos e territórios. A sub-humanidade, como defende o autor, representa todos os grupos minoritários que podem ser considerados descartáveis pelo sistema, isto é, cidadãos incapazes de gozar seus direitos de forma plena, sem que fossem perseguidos, escravizados, expulsos ou ignorados pelo estado e corporações.

Nesse contexto de indiferença com o próximo, o que representa a existência de um edifício-hotel enorme de concreto armado⁴ no Parque Nacional da Tijuca (hoje uma unidade de conservação e proteção integral da natureza)?

A lógica de usar a floresta como apenas um terreno para implementar negócios e assim lucrar se assemelha, no âmbito de intenções, às queimadas de ecossistemas inteiros para instalar grandes monoculturas (como já ocorreu nesse mesmo lugar). Logo, não seria o edifício a materialização da apatia dos envolvidos em relação ao contexto imediato, no caso à floresta (e todos que nela habitam)? Em ambos os casos, a desconexão espiritual soa como justificativa para a inversão de prioridades baseada no desrespeito com o outro.

4 A tipologia da estrutura de concreto armado com traços racionalistas e ortogonais foi e ainda é uma fórmula repetida incansavelmente em todo o mundo, independente do contexto, do sítio, das necessidades e da cultura que o povo vive, como se ela fosse sempre a melhor escolha.



Para ilustrar melhor tal conceito de miséria e escassez que temos como produto do sistema econômico instaurado - fruto da industrialização dependente dos modelos dos países centrais -, trago uma reflexão dos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, em seu livro “Encantamento – sobre política de vida” (2020):

“A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro.

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. (...) O salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo.”

Sobre as táticas de batalha entre as cosmovisões, quantas vezes uma narrativa precisa ser contada para ela se tornar verdade? Tão intrínseca na nossa sociedade, essa concepção moderna que vai nos levar ao desenvolvimento pleno é apontada como verdade única universal, garantindo a manutenção dos meios de poder desses grupos. Entretanto, será que existe apenas uma única verdade? É cabível escolher apenas uma versão em detrimento de tantas perspectivas possíveis e elegê-la como universal?

Levando em consideração que a produção de bens só aumenta e sua distribuição é profundamente desigual, como poderia o “povo da mercadoria”⁵ adotar uma ideia única de humanidade e ainda definir o caminho mais sustentável para se seguir?

5 Em seu livro “A Queda do Céu”, Davi Kopenawa, líder político yanomami, escritor e xamã, atribui esse processo à inversão no apreço pelas coisas em detrimento de pessoas, assim, os brancos são denominados o “povo da mercadoria”, pois produzem diferenças enquanto anunciam o conceito de humanidade como extrato homogêneo.

Diante desse contexto, qual é o papel da arquitetura na manutenção dessa desigualdade? Ora, há milênios a arquitetura se mostra ferramenta crucial para concretizar a imposição do poder, basta pensarmos qual era (e ainda é) a função das fortalezas, castelos, torres, palácios, muralhas e outros. O que todas essas estruturas têm em comum? A primeira característica que me vem é a escala. É através da adoção de uma escala monumental e grandiosa que a arquitetura gera desconforto, pois faz qualquer pessoa se sentir minúscula (ela literalmente precisa olhar para cima). Não há relação entre o corpo de um indivíduo e a construção.

É possível traçar um paralelo direto com o edifício-esqueleto, visto que ele é duas vezes mais alto do que as copas das árvores ao redor, parece ter sido projetado de cima (novamente, descolado do chão). Como é possível pensar em uma arquitetura que dialogue melhor com os seres (humanos e não humanos) e que se posicione em prol do interesse de todos, sem buscar a exclusão?

Parece necessário afirmar que *“O ar cabe a todos que respiram”*.

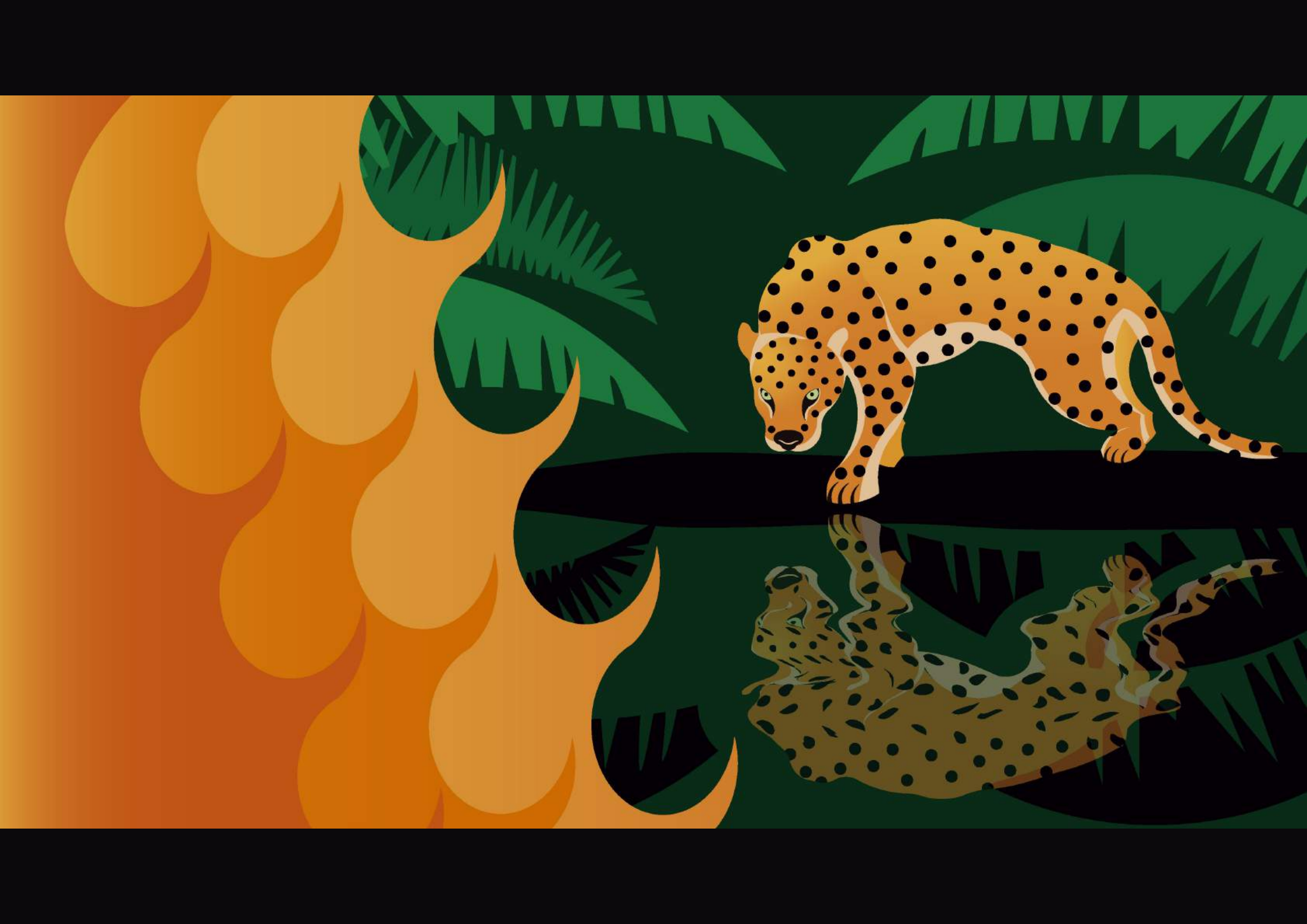
O método

Tal qual o momento catártico que antecede o pulo na rampa de voo livre, onde é necessário ganhar velocidade em uma corrida em direção ao abismo, o prosseguimento ao estudo se mostrou um salto de fé. Isto porque um roteiro metodológico rígido não cabia ao trabalho, visto que as indagações e as escolhas se deram de forma sinuosa, ensaio atrás de ensaio, desmonte atrás de desmonte, de modo que ele foi se moldando durante sua própria materialização, respeitando o tempo de cada etapa processual.

Essa imprevisibilidade se configura na não linearidade do processo metodológico, visto que as indagações e autocríticas a respeito das escolhas feitas me deslocaram inúmeras vezes para adoções projetuais sensíveis e fundamentações teóricas mais atentas aos seres ao nosso redor. A metodologia então se guiou através do **desapego**.

Do desapego de crenças já consolidadas, desapego da própria pesquisa -que ora ganhava outro rumo-, desapego de uma estrutura e, por fim, desapego de saber. Abrir mão de respostas dadas foi a chave para que eu me permitisse a livre criação de perguntas, sem que necessariamente houvessem respostas positivas. Logo, elas se multiplicaram e houve o esclarecimento de que a metodologia talvez fosse justamente a produção de indagações a métodos conhecidos.

Buscar diluir preceitos rígidos se mostrou crucial para que a investigação de outras possibilidades de futuro possa aflorar. Ainda, sugerir outras perspectivas de se enxergar o que chamamos convencionalmente de desenvolvimento do planeta (feito por nós e para nós, humanos), surgiu como necessidade durante esse estudo de caso, visto que esse termo é utilizado em larga escala ao redor do mundo inteiro para justificar atos não sustentáveis, atrelados diretamente à produção de lixo, poluição, esgotamento de fontes, extinção de espécies e outros fatores que, juntos, fomentam a crise climática atual.



Mas como dar prosseguimento a **um trabalho que se molda justamente pelas questões que se abrem?** Donna J. Haraway, professora e autora do livro “Staying with the Trouble”, sugere o método de “ficar com o problema”, pois a turbulência é a melhor forma de dar continuidade ao pensamento “entre”, que demanda a crença em uma “incerteza criativa” (2016, p.34).

A solução foi tentar achar as perguntas certas. Duas (de muitas) não saem da minha cabeça. A primeira:

O que fazer com o edifício-esqueleto?

E, para além do projeto, que estratégias alternativas poderiam ser adotadas para dar destaque a um objeto que, mesmo imenso e destacado da paisagem há setenta anos, continua ignorado por todos?

A partir da pesquisa investigativa sobre o local, o objeto e todo o contexto em que ele emerge, foram coletados fragmentos de histórias. O trabalho seguiu com a certeza de que esses fatos fariam parte inerente do projeto e, por isso, precisariam ser contados. Entretanto, apenas narrá-los de forma descritiva e fria não alcançaria o nível de empatia desejado, não tocaria as pessoas.

Para romper a barreira da impessoalidade busquei contá-los de uma maneira outra, fazendo paralelos com outros campos do saber, valorizando a subjetividade e interligando esses fragmentos em um tempo que não é medido, calculado e linear, tal qual estamos acostumados a tratar, mas sim o *tempo-força*, *tempo-multiplicidade*, o *tempo-possibilidades*.

Após o reconhecimento do objeto, a história subsequente se baseia na minha visita ao território na esfera do sonho. Sobre tal preceito, Em “Ideias para adiar o fim do mundo” Krenak nos diz que sonhar não é abdicar da realidade, do presente, mas buscar outros modos possíveis de lidar com a vida, em que as questões práticas “*estão abertas como possibilidades*”. Logo, o sonho é uma espécie de libertação: dos conceitos, das definições, dos pretensos universais (eurocentrismo e antropocentrismo, por exemplo).

Desta maneira, o conto transita no gênero da fabulação especulativa, tecendo com linhas encantadas as experiências que pude vivenciar em minhas visitas (como sons, cores, texturas, cenários e personagens) junto com a apresentação da minha proposta arquitetônica para o edifício.

Conectá-los nesta estrutura orgânica integrada me permitiu agregar significados e vínculos para produzir “pensamentos tentaculares” ecológicos, isto é, fomentar o cultivo da habilidade de agir em sintonia com a terra para gerar conhecimento coletivo por meio de práticas ecológicas¹. Com sorte, culminaríamos em uma emaranhada rede que seria capaz de se *tornar-com*, através da coexistência por meio da fantasia e, assim, contribuir com uma história para *adiar o fim do mundo*.

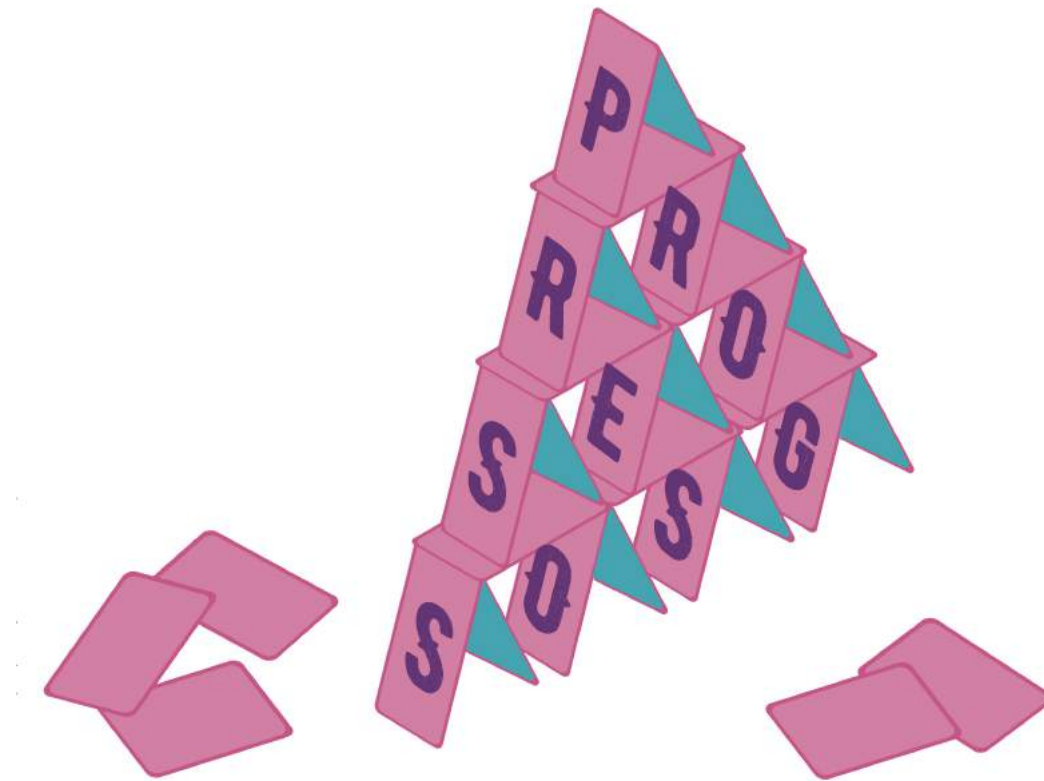
1 Donna evidencia que “atuar com responsabilidade é sobre ausência e presença mútua, com a interlocução entre ação e passividade, ativa e inativa, laços e deslaços” (2016, p.28)

O trabalho propriamente dito

O trabalho consiste em três atos fundamentais, cada um deles narrará um momento específico da minha aproximação com o objeto de estudo. Assim, o avanço da pesquisa é retratado pelo nível de afastamento dado no capítulo: o primeiro é o recorte do objeto, a intenção e a indagação inicial de me debruçar sobre ele. O segundo, conta a história do edifício a partir de uma perspectiva mais próxima, apresentando-o junto com a pesquisa histórica. A terceira parte trata da narrativa baseada na minha visita ao local de dentro, que inclui o projeto em si. Ainda, um anexo final com conteúdos processuais que não constam nos capítulos anteriores apresenta um material de referências projetuais que perdeu espaço na apresentação final.

O objetivo nestas páginas é questionar a perspectiva falida de progresso, materializada no hotel nunca inaugurado construído na década de 1950 no Rio de Janeiro. Para isso, será necessário desvendar como e quais relações se estabelecem entre os diferentes corpos presentes no local e, conseqüentemente, gerar reflexões críticas, ora poéticas, a respeito da relação do homem com o mundo (e todos os outros seres).

Esses questionamentos atravessam várias esferas do saber porque as decisões que levaram a construção desse edifício-esqueleto não foram exclusivas, mas fazem parte de práticas enrijecidas que permeiam o campo da arquitetura e do urbanismo de forma atemporal. Problematizar as metodologias que articulam a minha própria formação foi necessário para garantir a liberdade de desenvolver o trabalho de forma mais segura e sincera.



Não proponho apresentar respostas para tais levantamentos, mas apenas sugerir a existência de outras interpretações sensíveis através do entrelace de fatos e narrativas. Não possuo a pretensão de conceber soluções prontas para problemas extremamente complexos que permeiam todas as camadas da sociedade. A intenção é abrir o debate da crise do Antropoceno, que surge como um conceito político, fruto da autocrítica do comportamento do ser humano frente seus impactos.

Não obstante, Vinciane Despret reforça em seu texto “O que diriam os animais se...”, que são os momentos em que a vida é posta em risco em períodos de morte e luto (como em nossos dias) que mais se faz necessário a criação de laços entre os seres. Em tempos de extinção em massa, precisamos de outras histórias e novos métodos para mudar nossa relação com o mundo e nos ensinar novas formas de projetar, menos violenta, mecânica e menos dominadora. Histórias que fujam do molde narrativo restrito por padrões econômicos, que tratem de outros tópicos para além dos cenários de guerra e dos contos heróicos, mas sim que ensinem a coevolução através da *sedução*, do *laço afetivo*.

Ainda, o professor, filósofo e escritor Thom Van Dooren, no seu livro “Flight Ways” (2014), trata que o luto é sobre lidar com a perda e, assim, entender e aceitar os significados de mudança do mundo, valorizar o que ainda está vivo e se permitir renovar com novas relações para dar prosseguimento à vida. Assim, a proposta é trilhar um percurso de sobrevivência colaborativa baseado na força de engajar a produção intelectual alternativa através da necessidade de se reerguer frente ao iminente distúrbio do abandono.

Em última instância, o projeto a seguir surge como um convite para habitar o edifício, sentir sua presença e a da floresta, conviver, criar memórias, compreender sua escala, sua história e, por fim, diluí-lo. Quem sabe consigamos aprender a ***ser menos***.



II . De longe

Não é de hoje o meu apreço pelos espaços que manifestam um convívio intenso entre o ser humano e a natureza ao seu redor. Como nasci e cresci no Rio de Janeiro, demorei para perceber que nem sempre os elementos naturais são tão presentes na vida cotidiana. Digo isso tendo a convicção de que esse contato frequente se dá em uma realidade de privilégios, pois a concepção de cidade maravilhosa reconhecida por seus pontos turísticos não engloba todas as outras realidades existentes vividas pelas pessoas, nem considera todas as outras cidades que existem para além dos turistas. O Rio de Janeiro é uma cidade contraditória, que possui a violência impregnada em suas raízes, assim como a falta de planejamento frente ao crescimento descontrolado da cidade. Ou seja, o convívio pleno e seguro com a natureza se dá, majoritariamente, em uma pequena porção do território. Entretanto, foi nele que minhas experiências foram sendo acumuladas já desde cedo.

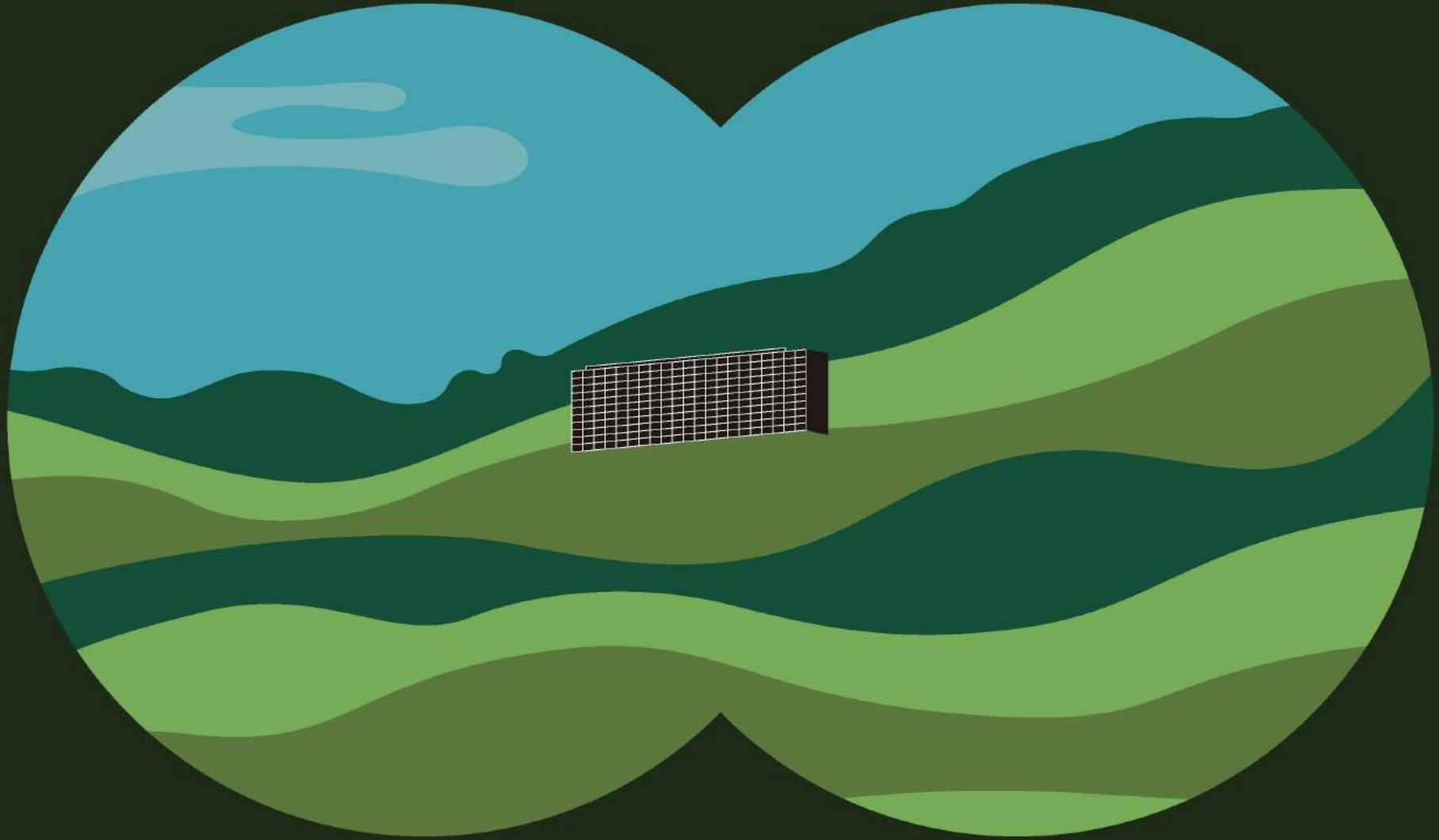


Para chegar na sala de aula da minha antiga escola, eu atravessava um rio por uma ponte e subia uma ladeira cercada por floresta: eram habituais as interrupções na sala de aula pela visita de micos que entravam pelas janelas, por exemplo. É verdade que depois que me afastei do Rio Rainha, na Gávea, ainda mantive o contato com a Mata Atlântica através do Jardim Botânico, do Parque Lage, das praias, lagoas, reservas, morros e pelos muitos trajetos que compõem a Trilha Transcarioca, o percurso que atravessa toda a cidade com seus mais de 180 km. Com o tempo, desenvolvi interesse pelas possíveis formas de se pensar a natureza como elemento fundamental para uma ambiência agradável e equilibrada.

Com duas das maiores florestas urbanas do mundo, o Parque Estadual da Pedra Branca e o Parque Nacional da Tijuca, e uma orla com 86 km de extensão, é notório que o contato com a natureza é um dos aspectos fundamentais do identitário carioca. O estilo de vida, isto é, o conjunto de hábitos impregnados na rotina de muitos cariocas é marcado pela ocupação de áreas ao ar livre. Seja no caiaque, em uma prancha de surfe, bicicleta, skate ou a pé, a cidade oferece um leque bem diverso de opções de lazer: uma relação entre as paisagens naturais e o próprio corpo das pessoas é estabelecida, em um lugar de cuidado com a qualidade de vida através de práticas físicas ou contemplativas.

A cidade cresceu em meio à acidentes geográficos, logo, as imposições naturais e a expansão urbana geram ocupações do território que podem se mostrar atípicas, com encontros não usuais marcados tanto pelo contraste quanto pela mescla de agentes diversos. Foi em uma das trilhas cariocas, mais precisamente quando decidi subir a Pedra Bonita, que notei uma dessas situações inusitadas.

Era manhã de um sábado azul, eu estava esperando um amigo chegar no ponto de encontro quando, de um quiosque na orla de São Conrado, avistei uma mancha cinza escura no meio da floresta.



Um edifício abandonado, talvez? Como o único caminho é subindo toda a Estrada das Canoas - uma rua aberta em 1949 que sobe o Morro do Cochrane (680 metros acima do nível do mar) para alcançar o Alto da Boa Vista -, imaginei que iria cruzar com o objeto eventualmente. A imagem altamente contrastante entre o tecido verde e o distante cinza ecoou em mim durante todo o percurso, mas para minha surpresa, não consegui notá-lo em nenhum momento. Com uma breve pesquisa, descobri depois de se tratar do esqueleto de São Conrado, uma grande construção abandonada que viria a ser um hotel.

Não é raro encontrar estruturas abandonadas no estado do Rio de Janeiro, ainda mais depois da capital ter sido sede das Olimpíadas de 2016. O seu legado trouxe muitos projetos que não saíram do papel, várias obras de infraestrutura inacabadas espalhadas pela cidade e, não obstante, o descaso do abandono de estruturas prontas. Entre elas está a Vila Olímpica, que tem um terço da ocupação prevista, e o Parque Olímpico, que conta com arenas que não são utilizadas há quase cinco anos, por exemplo.

A lista de elefantes brancos está longe de parar por aqui, e trago aqui apenas alguns outros exemplos: na década de 1970 o conjunto Residencial Delfim Imobiliária, composto de 15 prédios, foi construído em Jacarepaguá, mais precisamente em uma área de manguezal.

A instabilidade evidente fez com que as massas de concreto apresentassem rachaduras e o complexo foi abandonado sem que as instalações de elétrica, água e esgoto fossem concluídas.



Há também o caso que mais se assemelha ao objeto de estudo aqui tratado, o projeto do Hotel Panorama, em Niterói. Localizado em uma área de proteção ambiental, ele contaria com comprimento monumental e se assemelharia assim ao Pedregulho, o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, mas apenas um trecho foi concluído. Seu destaque topográfico oferece uma vista privilegiada da Baía de Guanabara e do Rio de Janeiro, mas o edifício foi abandonado na década seguinte e, hoje, está inserido em uma área de proteção ambiental recoberta por floresta secundária de Mata Atlântica.

Será que suas existências monumentais poderiam gerar um incômodo do abandono, visto a impossibilidade de se tornar esquecida?

Levanto essa questão pois a própria Ilha do Fundão, local onde se encontra o prédio do meu curso de graduação, já contou com estruturas jamais utilizadas, fruto do hiper dimensionamento do Hospital Universitário da UFRJ. A solução? O edifício sobressalente foi implodido em 2010, como retrata o documentário “HU” (2011), de Pedro Urano e Joana Traub.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHIsGhIXa4o>



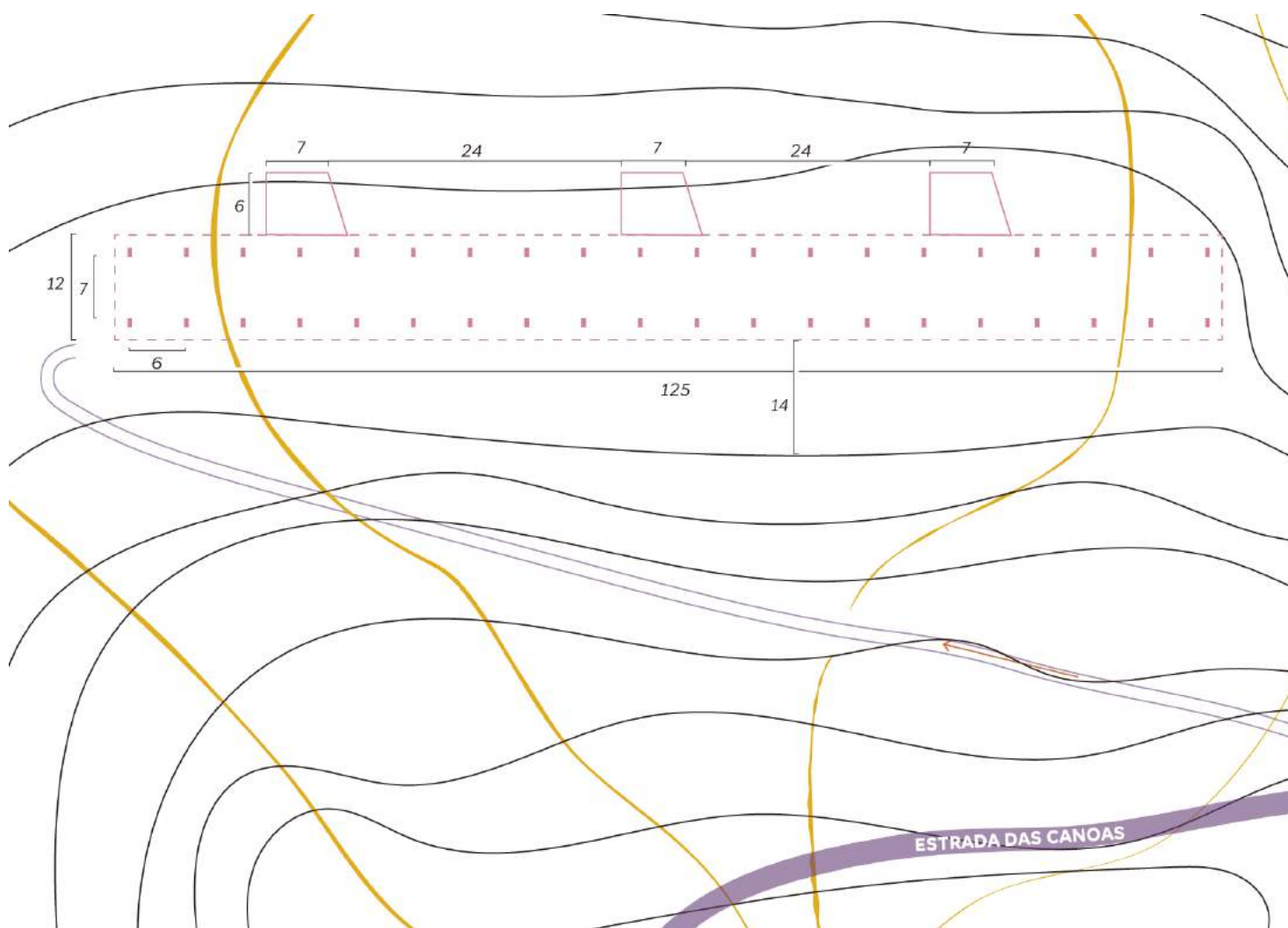
Disponível em: <https://www.piniweb.com.br>



Após uma pesquisa inicial, descobri que se tratava de uma estrutura modular, suas dimensões são de 125 metros de comprimento por 12 de largura, ou seja, um de seus sentidos(x) é 10 vezes maior que o outro (10x), contando com um eixo de 3 pilares que se repete a cada 6 metros.

Conta também com 3 torres de circulação, localizadas na fachada noroeste, na parte de trás, e também possui 32 mil metros quadrados de área construída.

Localizado em uma encosta, foi necessário planificar o terreno, criando um platô de 14 metros de comprimento.

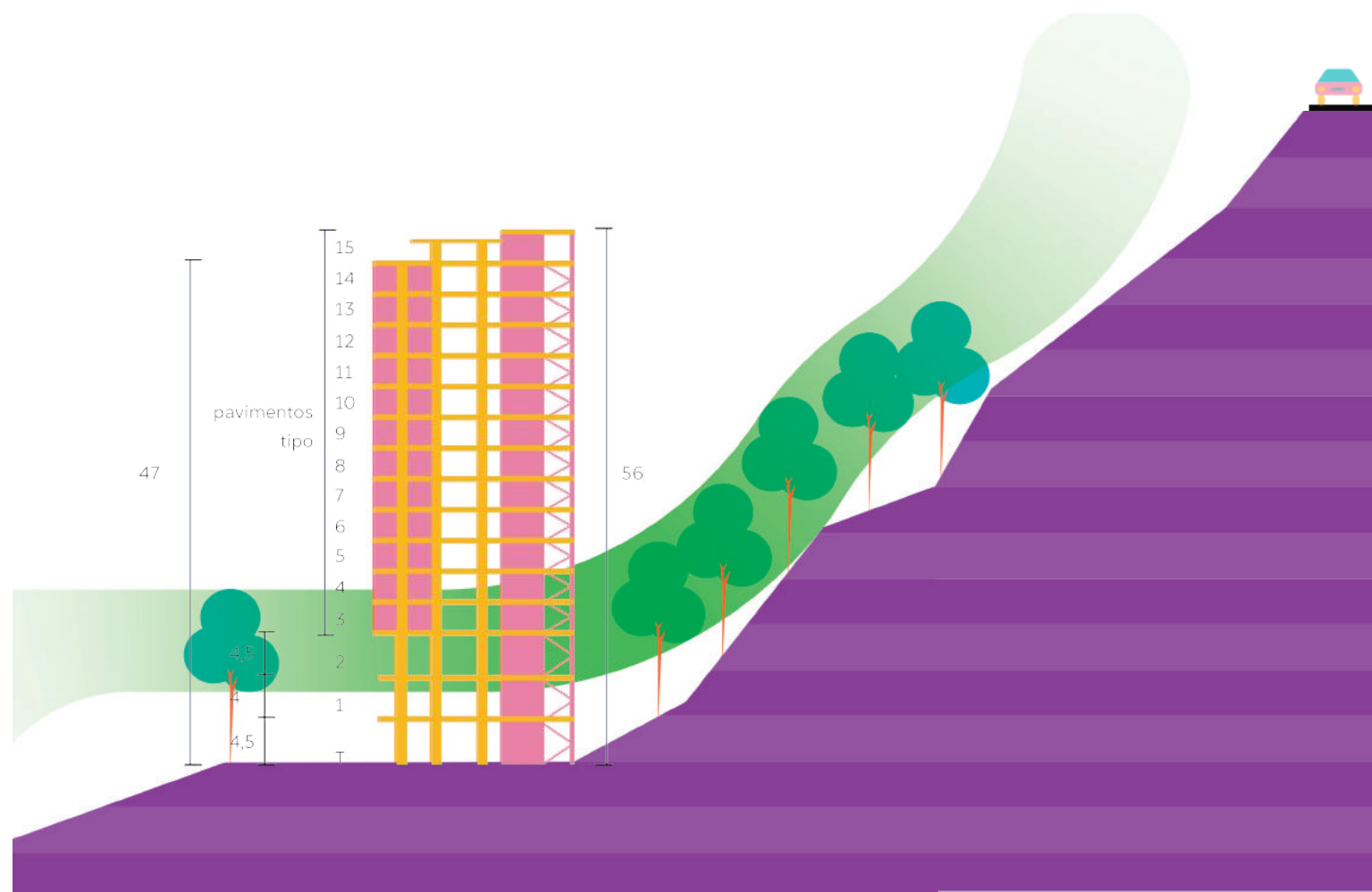


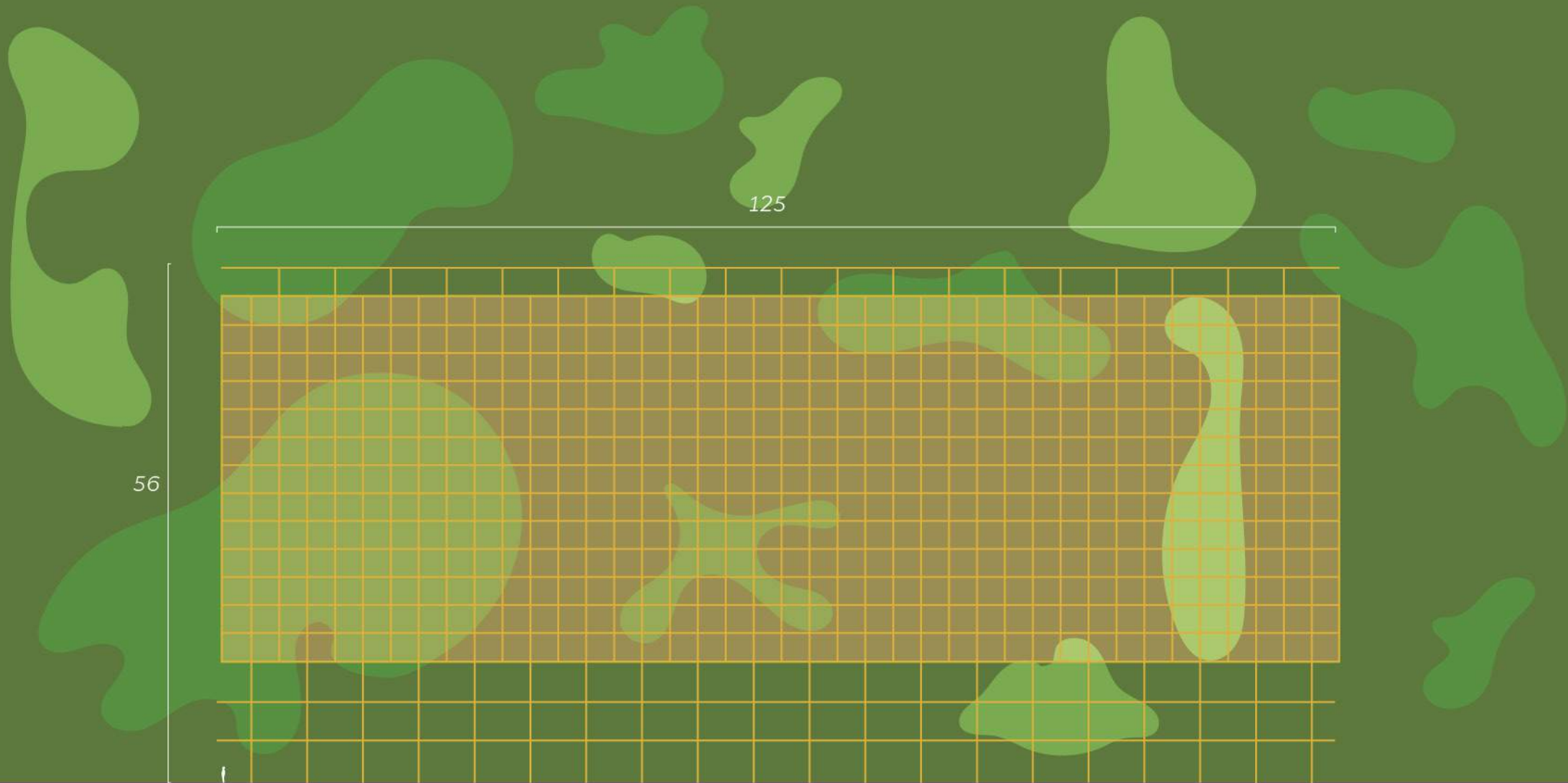
A estrutura do Gávea Tourist Hotel (GTH) foi projetada por Décio da Silva Pacheco e foi erguida pela construtora Califórnia Investimentos em 1953, com o intuito de oferecer um hotel de referência internacional.

O edifício possui 16 andares, sendo os 3 primeiros com o pé direito mais generoso e os outros 13 são pavimento tipo.

A estrutura totaliza 56 metros de altura.

36 metros a mais do que a média de altura da massa arbórea.

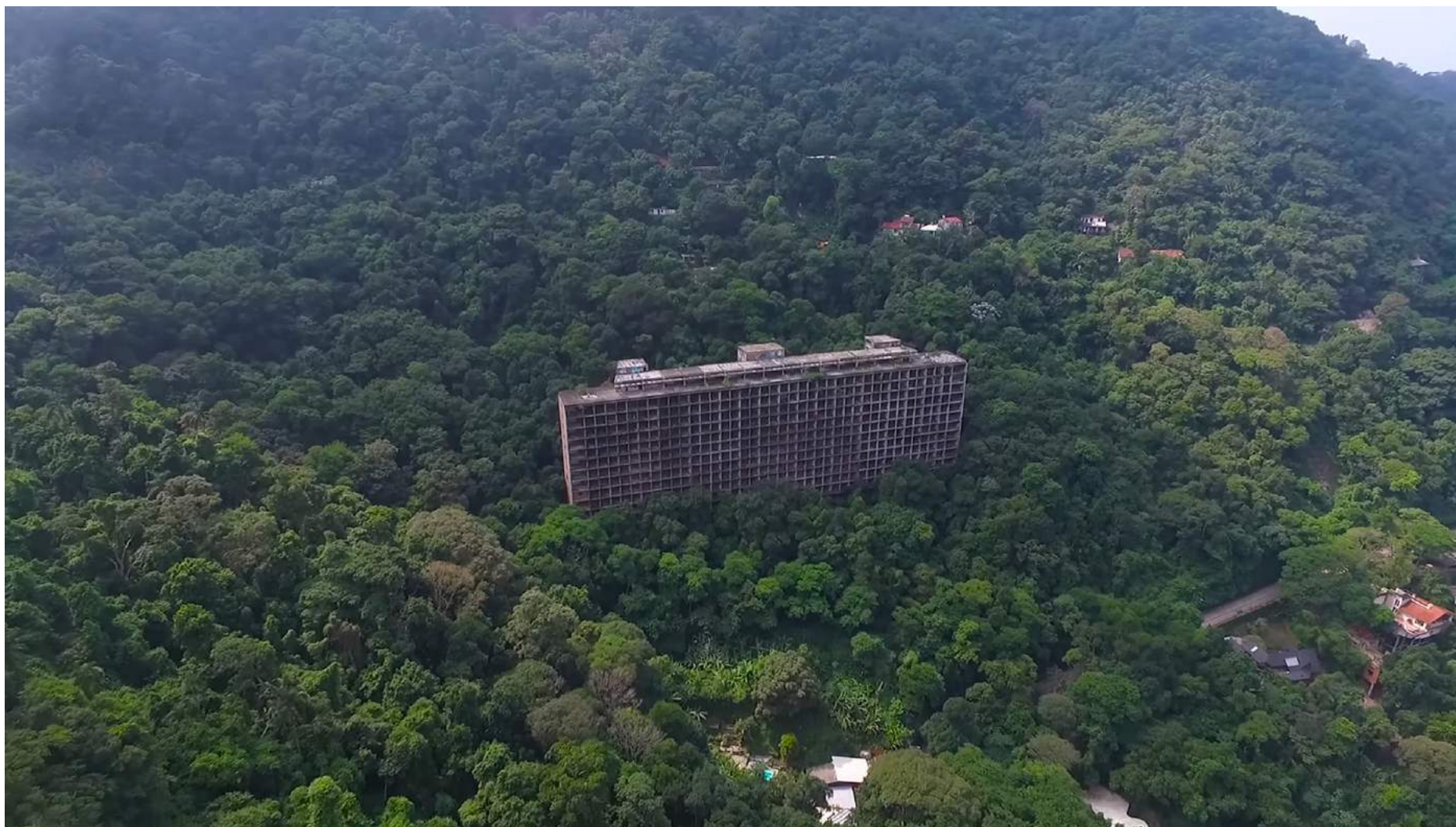




A fachada oposta (que pode enxergar) é subdividida por um grid de concreto de 3x3 metros, que serviriam de divisórias entre os quartos do hotel, somando 480 unidades.

Aquele primeiro impacto visto lá debaixo do quiosque, há mais de 1500 metros de distância, se potencializa de forma assustadora quando de perto. Mais adiante na Estrada das Canoas, pude ver o corpo de concreto subir duas vezes mais alto do que qualquer árvore ao redor: ele se destaca com seus mais de trinta metros expostos à luz do dia.

Seu tamanho gera uma estranheza sólida que me arrepia. Não consigo conceber a imagem de Décio Pacheco vendo seu projeto construído no mar verde e julgando-o natural, há uma forte desconexão.

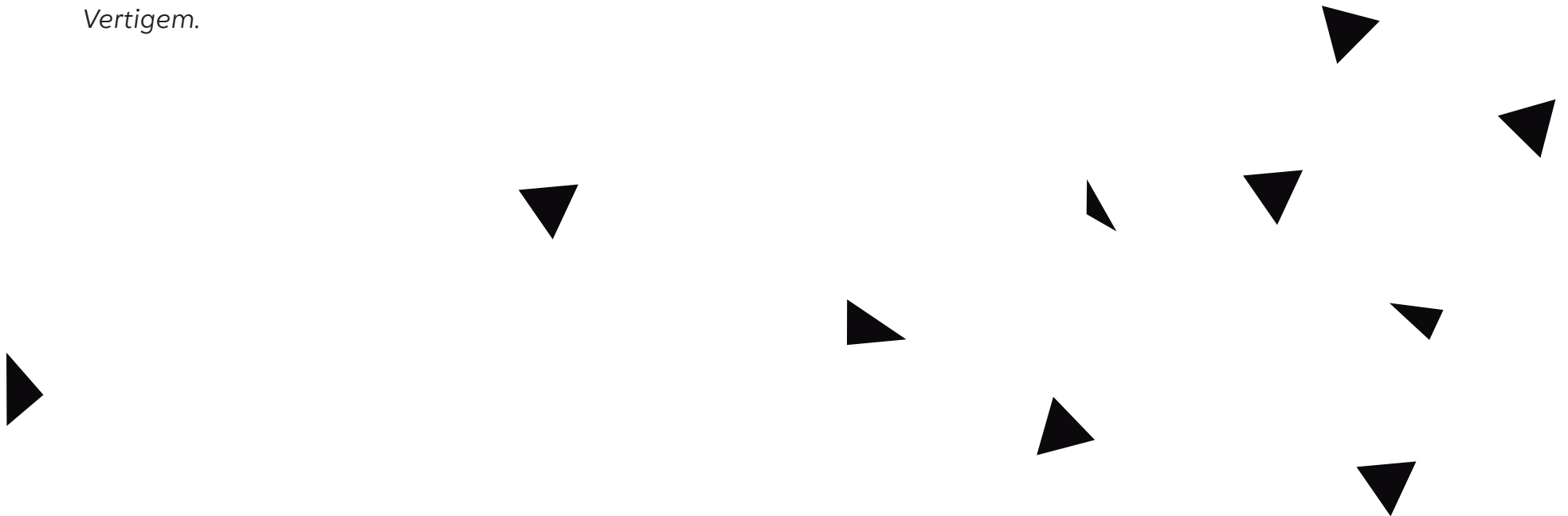


O que será que ele sentiu?

Alívio de vê-lo pronto ou será que foi tomado por orgulho, tal qual um troféu conquistado? Não tenho outra reação a não ser o choque. A estrutura parece ter sido recortada lá dos condomínios de torres perto da praia de São Conrado e colada ali, entre os troncos das árvores há 300 metros de altura do nível do mar. Parece que estou diante de uma colagem surrealista, que emprega doses de delírios e incoerência em meio à paisagem.

A figura da massa de concreto armado parece viciada em se replicar em direção ao céu, onde as lajes buscam vencer as árvores. É um personagem estrangeiro que gera angústia pela intensidade de sua natureza extremamente contrastante com o seu entorno, que carrega toda a densidade e força de um ecossistema típico da Mata Atlântica.

Vertigem.





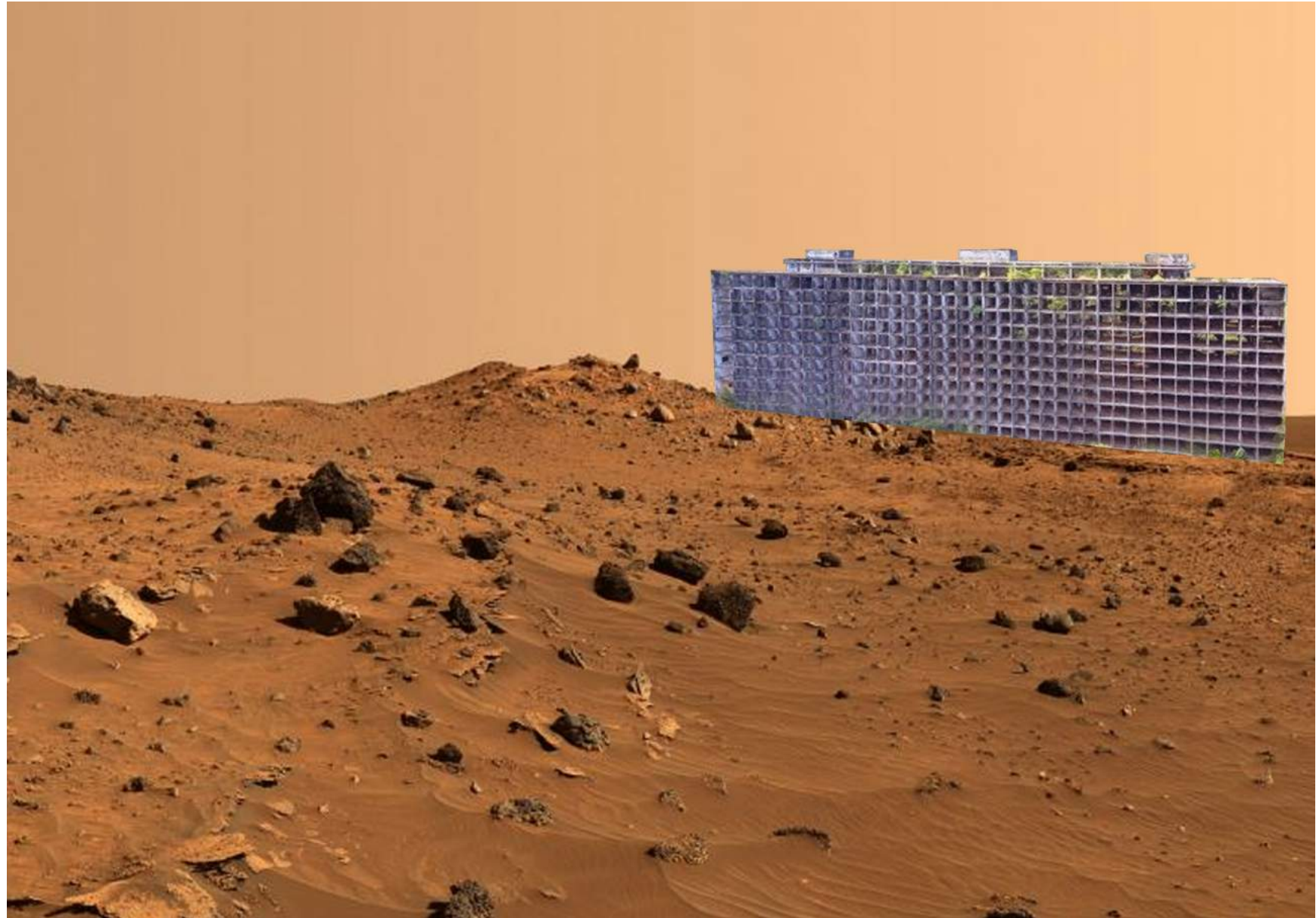
Desse modo, se aprofundar no embate gerado pela presença do empilhamento vertical da estrutura é uma tarefa complexa, pois o objeto é afetado pelo contexto tanto quanto o contexto é afetado pelo objeto. Assim, ao longo da pesquisa precisei ensaiar essa escala em outros territórios, comparar a estranheza que sentia ao ver esse aglomerado de concreto solto na mata.

E se ele estivesse em outro lugar?

É o que me perguntava constantemente. Quais seriam as relações que ele faria ou se negaria a fazer? Ora, a partir do entendimento de que o edifício se ergue indiferente, será que a sensação do contraste se manteria em relação ao contexto, caso fosse outro?

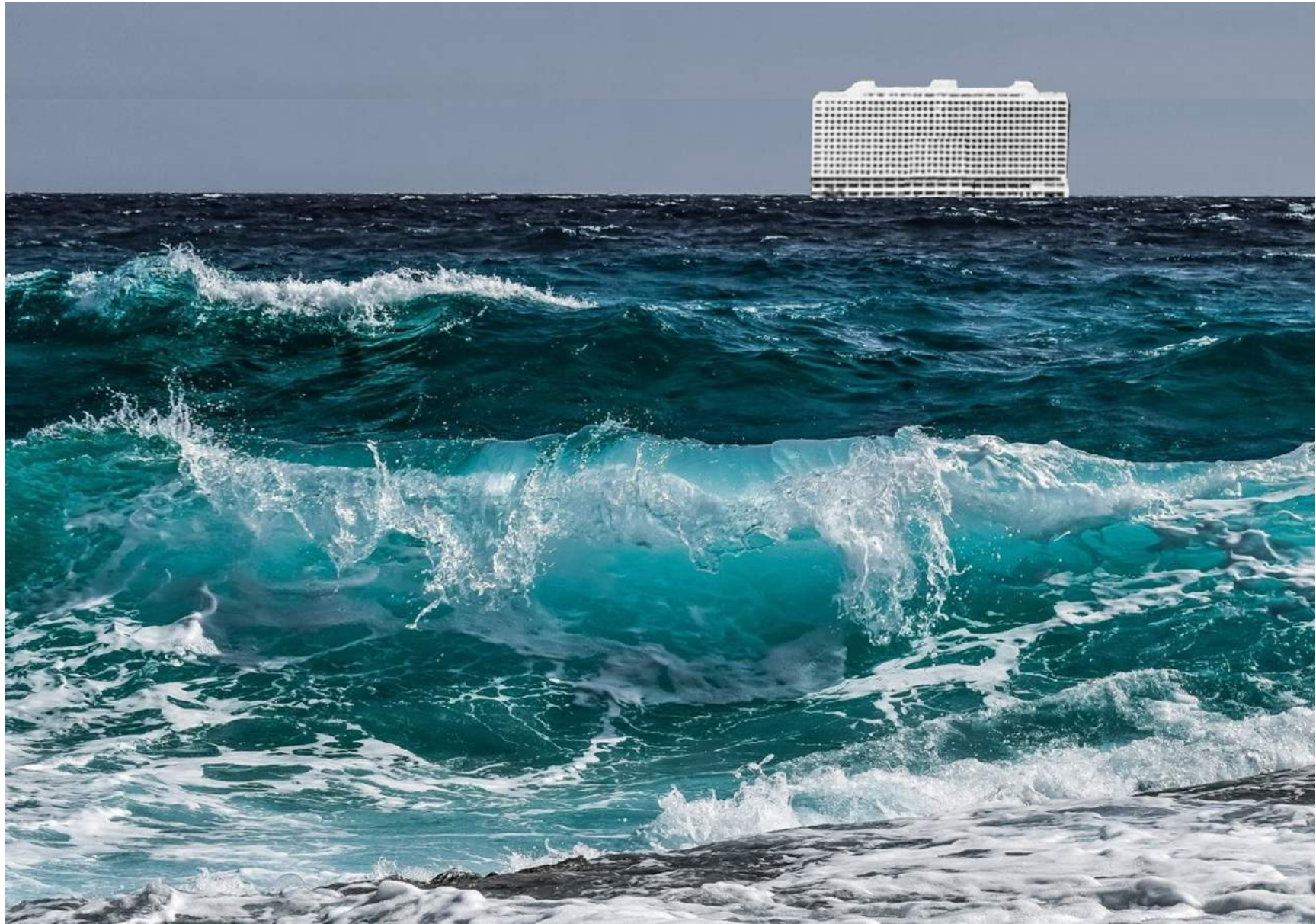
Não nos surpreenderíamos se o víssemos em um centro urbano, talvez até passasse despercebido, mas seria esse um fator que transfere a carga de excentricidade para a floresta ou seria um sintoma do alto nível de artificialidade que as metrópoles adquiriram?











Ao ampliar o foco no encontro entre objeto e o contexto, enxerguei nessa conjuntura a potência simbólica de explorar não só o choque entre esses elementos tão díspares por natureza, mas também os personagens envolvidos na construção de tal paisagem peculiar.

O território aqui tratado possui uma bagagem histórica marcada pelo crescimento desenfreado e sem planejamento da capital carioca há séculos, seja baseada na expansão de monoculturas ou na especulação imobiliária.

Assim, qual melhor exemplo para levantar o debate de um expansão não sustentável marcada pela especulação se não um hotel de referência internacional construído no meio de uma floresta e que, por isso, nunca abriu suas portas?

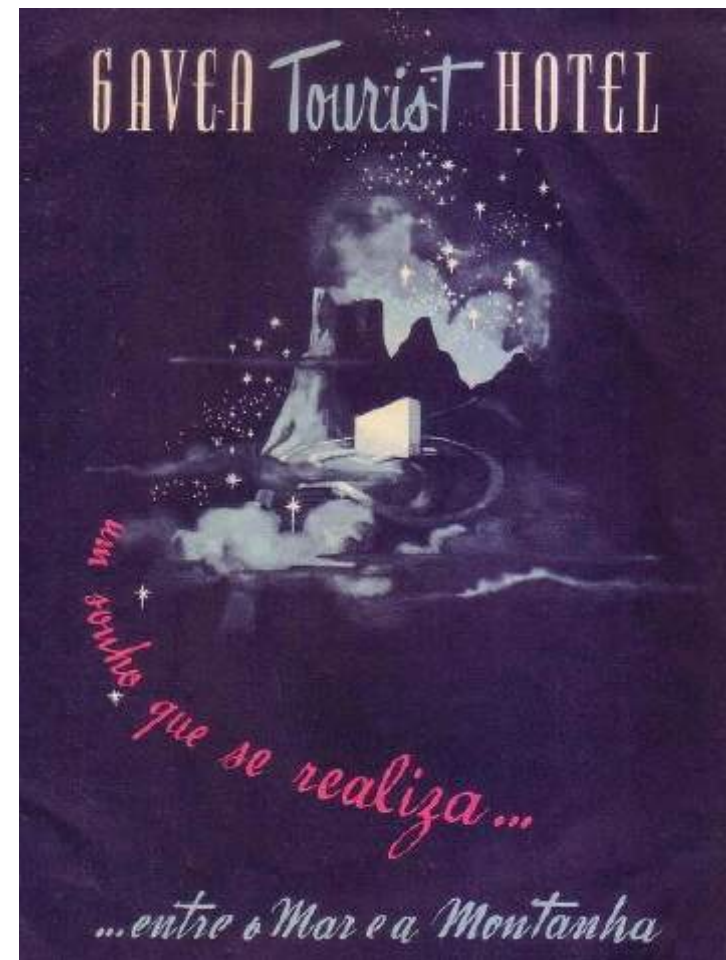


De qualquer modo, parece ter havido o objetivo de atribuir o papel protagonista ao edifício desde o início, onde a floresta “inanimada” não seria reconhecida. Assim, esta poderia ser alterada da forma mais conveniente, inclusive apagada.

De qualquer modo, parece ter havido o objetivo de atribuir o papel protagonista ao edifício desde o início, onde a floresta “inanimada” não seria reconhecida. Assim, esta poderia ser alterada da forma mais conveniente, inclusive apagada.

A partir da análise da divulgação do projeto, é possível reconhecemos a possibilidade do edifício ter sido desenvolvido em uma esfera paralela à da realidade, um plano outro que escapa da vivência do local e dos seres existentes. As ilustrações publicitárias beiram o fantástico, as representações parecem idealizar um devaneio mágico, que se mostrou tão ficcional quanto trágico.

Na edição comemorativa da Manchete do Quarto Centenário, a estética se aproxima até dos contos da Disney, em que o hotel ganha destaque não só pelas estrelas que o circundam como pelo apagamento do seu entorno.



Essa linha de pensamento me remete à ocupação desse mesmo território há poucos séculos atrás, quando a mata virgem desapareceu com o avanço da exploração de carvão e, posteriormente, com a exploração do solo por monoculturas. Essas ações parecem pertencer a um mesmo ethos, uma perspectiva que não enxergou o potencial ou mesmo a existência da floresta. Não consigo evitar de pensar nas práticas de cultivo “oficiais” afirmadas nos últimos séculos, monoculturas tóxicas representadas pelo agronegócio que consomem tanto que promovem a destruição de ecossistemas inteiros. Corroborando Anna Tsing, antropóloga, feminista e contadora de história, defende em seu livro “Arts of living on a damage planet” que “a precariedade – falha das falsas promessas do progresso modernista – caracteriza as vidas e mortes de todas criaturas terranas nesses tempos.”

Tratando da arquitetura moderna, Paolo Portoghesi, em seu texto “Depois da Arquitetura Moderna”, contribui:

“A produção arquitetônica daquilo a que eufemisticamente chamamos mundo civilizado e que identificamos unilateralmente com o mundo industrializado, não obstante a confusão e diversidade dos fenômenos que o caracterizam, apresenta um nível elevado de disciplina e de monotonia, obedece a regras consolidadas, operou nos últimos quarenta anos um processo de homologação de dimensões cósmicas impondo, para além de qualquer limitação geográfica, os mesmos modelos às culturas mais diversas, fazendo todo o possível para apagar a sua identidade.

A arquitetura moderna (...) continua a opor aos ataques súbitos, às vagas sucessivas, uma barreira feita de indiferença e garantida por uma sólida aliança com o poder, devido à sua identificação com a lógica produtiva do sistema industrial.”

A racionalidade do esqueleto de São Conrado se torna muito nítida ao realizarmos o modelo adotado: a replicação de pavimentos tipo e a própria modulação na fachada frontal são estratégias projetuais fundamentalmente modernas. As particularidades desse sítio aparentam intensificar, mas não parecem ser responsáveis pela falta de conciliação.

Assim, por meio de quais estratégias é estabelecido o diálogo entre o corpo de concreto e a proteção verde? Ora, o esqueleto de São Conrado adota a suavização da forma pelo uso de pilotis no térreo livre e vazio, ou seja, há na estratégia- um dos cinco pontos da Nova Arquitetura de Le Corbusier- um alto grau de leveza no contato do corpo com o solo. Assim, suas fundações passariam despercebidas entre as árvores diante o apelo estritamente funcional, mas o edifício se ergue imponente.

Será que o problema se concentra na escala?



O projeto original ainda previa teatros, sala de cinemas, bosque privado e até um teleférico, no entanto em março de 1972 as obras foram paralisadas, deixando por completa pouco mais da metade da implantação original prevista. Essa construção foi captada através de um esquema de financiamento que assegurava futuras estadias no hotel, ou seja, através de pessoas físicas que foram alcançadas por conta da massiva publicidade feita ao longo da década de 50, registrada em anúncios nos principais jornais da época. Entretanto, cinco anos depois, a construtora decretou falência. Antes disso, houve a transferência do imóvel para duas pessoas físicas e os compradores que investiram na obra foram lesados, resultando na interrupção do projeto em um reconhecido golpe imobiliário da construtora.

Nas imagens 02 e 03, anúncios publicados na edição 10899 e 10991 de “O Jornal”, em 18 de março e 7 de julho de 1956, respectivamente.

Reserve seu lugar no salão de festas do GÁVEA HOTEL

Av. do Contorno - Largo de São Conrado - Jurema - Rio de Janeiro

Como quotista de **Gávea Tourist Hotel** - além das férias familiares santagens - V. e sua família passará anualmente 15 dias de férias em excelente repouso, no mais destacadamente cenário do Rio, e ainda o mínimo de conforto oferecido por um hotel de classe internacional.

Reserve o seu período de férias no Gávea Tourist Hotel! Adquirir sua "Quota Parte de Propriedade Inalienável" por apenas R\$ 20.000,00, em prestações de R\$ 190,00 mensais, sem juros! Reserve seu lugar no salão de festas do Gávea Tourist Hotel - o melhor dos Aniversários!

JA NO 15.º PAVIMENTO

novos lançamentos econômico da
CIA. CALIFORNIA DE INVESTIMENTOS
Rio - Rua da Carioca, 50 - 15º and. - Tel. 21-0440
São Paulo - Rua Cons. Cipolatti, 105 - 8º andar - Tel. 21-0440

informações e vendas:
Rua da Carioca - 30 - 15º and. - Tel. 21-0410
Largo de São Conrado e Serra das Cobras

A COMPANHIA CALIFORNIA DE INVESTIMENTOS
R. Santos, 21 - 15º andar - Rio de Janeiro - C. P. 8711
Sócio que se livra: sem custos adicionais, em feição com feição de reconhecimento, após o pagamento **GÁVEA TOURIST HOTEL**.

WOMEN
AMERICAN
CIBAC BRAPA

edição 10887
Imagem 02

Neste hotel... o seu

Imagem 01

Apresente esta oportunidade: maior renda, mesmo esforço, menor despesa!

venha agora comprar mais quotas GÁVEA HOTEL

LEI Nº 1.000 - DE 1950

AINDA POR Cr\$ 750,00 MENSALIS!

CIA. CALIFORNIA DE INVESTIMENTOS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----

Imagem 03

Passadas décadas após a construção do objeto, a carga simbólica de desenvolvimento que o GTH carregava se mostrou uma miragem, a materialização das fundações cravadas no Morro se afundaram em destroços, entulhos e, por que não, na crença de que ele ainda poderia ser habitado formalmente por nós, humanos.

Seria então esse edifício um grande golpe?

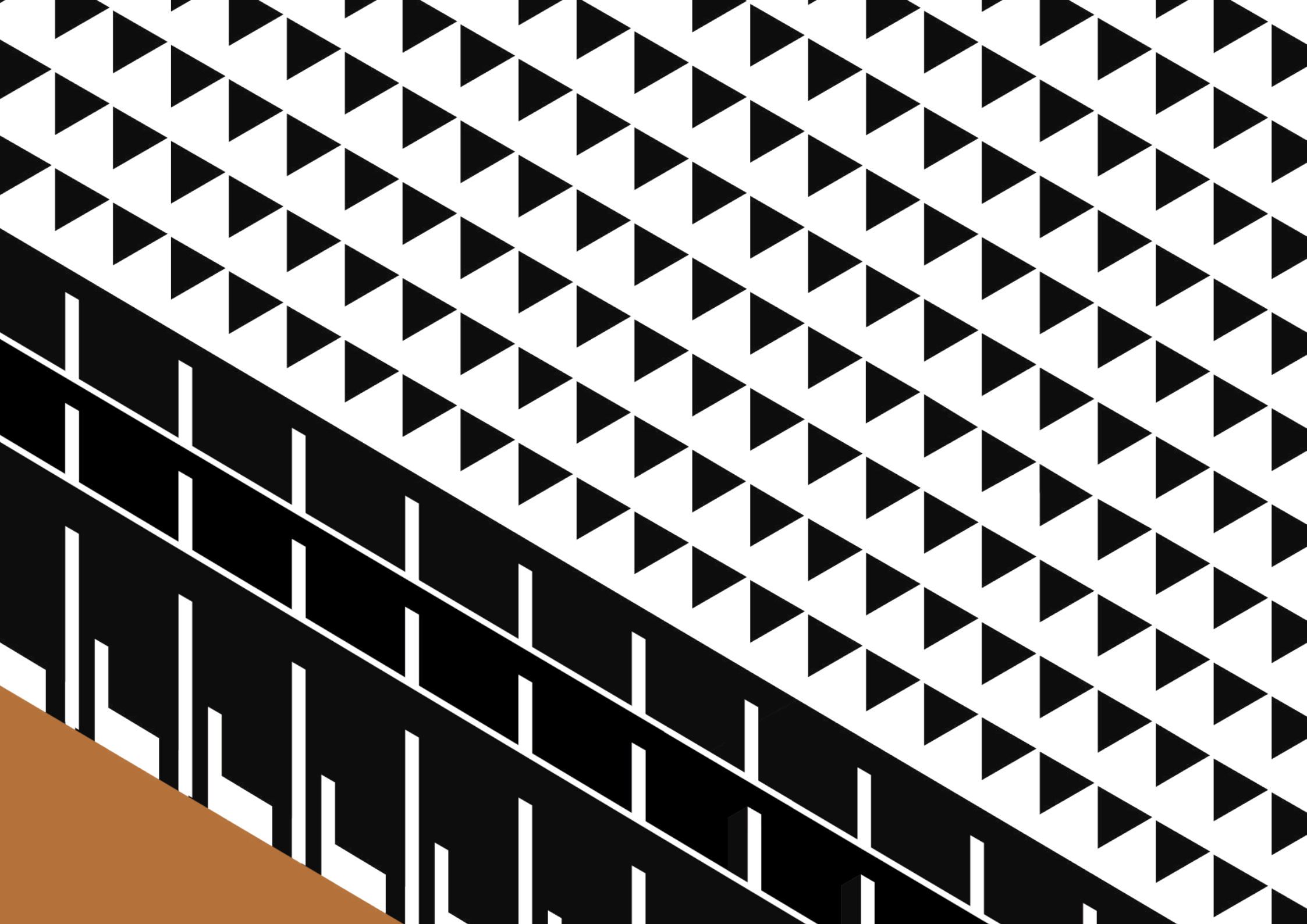
Faço esse questionamento pois ele é fruto de um, pelo menos. A materialização de uma “maracutaia”, uma trama (tal qual já nos acostumamos aqui no Brasil), um acordo que nunca teve sua pretensão de existir a depender dos responsáveis pelo feito.

O investimento na propaganda dos anúncios vinculados aos maiores jornais da época seriam uma tentativa de impor a materialização dessa especulação? Bom, a divulgação nos jornais vendia não só as cotas que financiaram a obra, mas a constatação de que ela seria realizada, mesmo que não houvessem garantias. Assim, é possível dizer que haveria também a fabricação dessa “verdade concreta”, fruto de uma visão de mundo pronta para consumir (o mundo) e ser consumida?

É notório o destaque dado às fotos da obra do “majestoso” hotel, inclusive esta contava com a criação de uma expectativa através de uma espécie de “contagem regressiva” a cada laje levantada. Havia um destaque dado ao processo de execução e, para fins publicitários, era criada uma narrativa de especulação em que o projeto ficaria pronto rapidamente e o tempo estava acabando para adquirir novas cotas. Ainda sobre as fotografias, “o grandioso empreendimento, de incontestável solidez” mostra um contraste rigoroso marcado pela disparidade da natureza dos elementos presentes: as lajes/pilares e as árvores parecem habitar realidades paralelas.

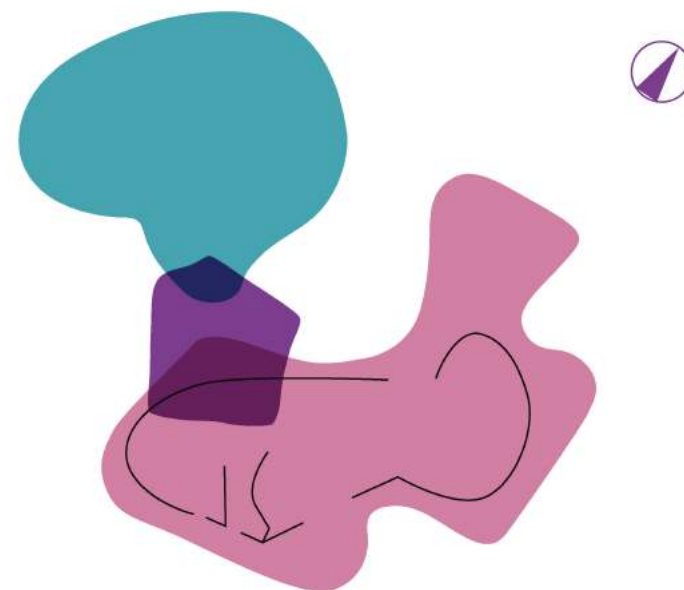
A água que flui no rio é a mesma água dos consideráveis montantes de recursos e energia movidos para a execução do edifício?

Será que a quantidade de matéria prima pode ser considerada recurso necessário para fomentar as protagonistas do futuro, as cidades?



Na minha jornada de pesquisa não poderia deixar de fora a **Casa das Canoas (1951)**.

O projeto emblemático que conheci no primeiro ano de faculdade se localiza literalmente do outro lado da rua, na própria Estrada das Canoas. Apesar de todo aluno da FAU UFRJ já saber, o que não é tão reconhecido é que ela fica de frente para o Gávea Tourist Hotel. A obra de Oscar Niemeyer foi construída dois anos antes do esqueleto, em 1951, e acabou por se tornar um dos mais significativos exemplares da arquitetura moderna. Diferentemente de seu vizinho, a Casa das Canoas não se sobrepõe de forma tão bruta, pois respeita a escala das árvores ao se manter como construção térrea e parcialmente enterrada, a fim de aproveitar o declive do terreno.



O primeiro impacto que se pode constatar é a discrepância entre as escalas adotadas, entretanto, após um olhar mais minucioso, a forma de projetar não seria também um fator assimétrico?

Me reservarei aqui a fazer apenas algumas considerações comparativas entre projetos (não pretendo dissecar todos os aspectos a respeito de obras das quais muito já se foi escrito). Pertencentes ao mesmo movimento arquitetônico, é invariável que alguns fatores coincidam entre elas, tal qual a materialidade do concreto armado, por exemplo. Em seu desenho, Oscar articula o desenho da laje que se contorce tal qual a própria Estrada das Canoas; a arquitetura busca estabelecer uma narrativa orgânica, que afirma a natureza em uma continuidade dinâmica e integrada, que evita a “separação ostensiva da linha reta”.¹

1 NIEMEYER, Oscar. *Residência Canoas, Rio de Janeiro. Módulo, Rio de Janeiro, maio 1982.*

Seu movimento contínuo criou uma fachada de vidro com um ritmo fluente, que impossibilita definir uma frente e um fundo da residência. Esta ainda busca incorporar elementos naturais à estrutura, como a grande rocha que dá o tom de protagonista da ambiência externa (na piscina) e interna, ao adentrar a estrutura.

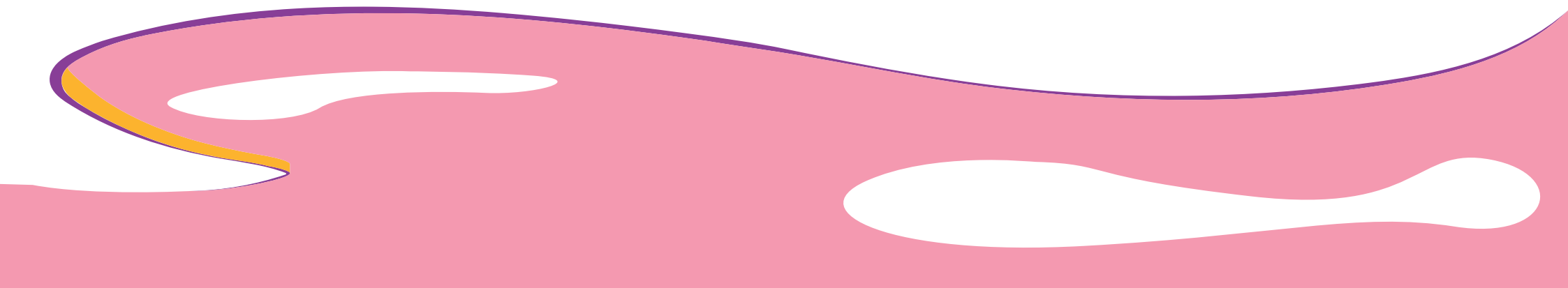


A transparência das folhas de vidro que delimitam a residência promove a liberação da vista, trazendo leveza e integração ao contexto, aspecto que é reforçado ainda mais com a pintura verde das paredes externas. Podemos concluir que o projeto de Oscar é uma variante mais sensível do movimento moderno empregado pelo esqueleto.



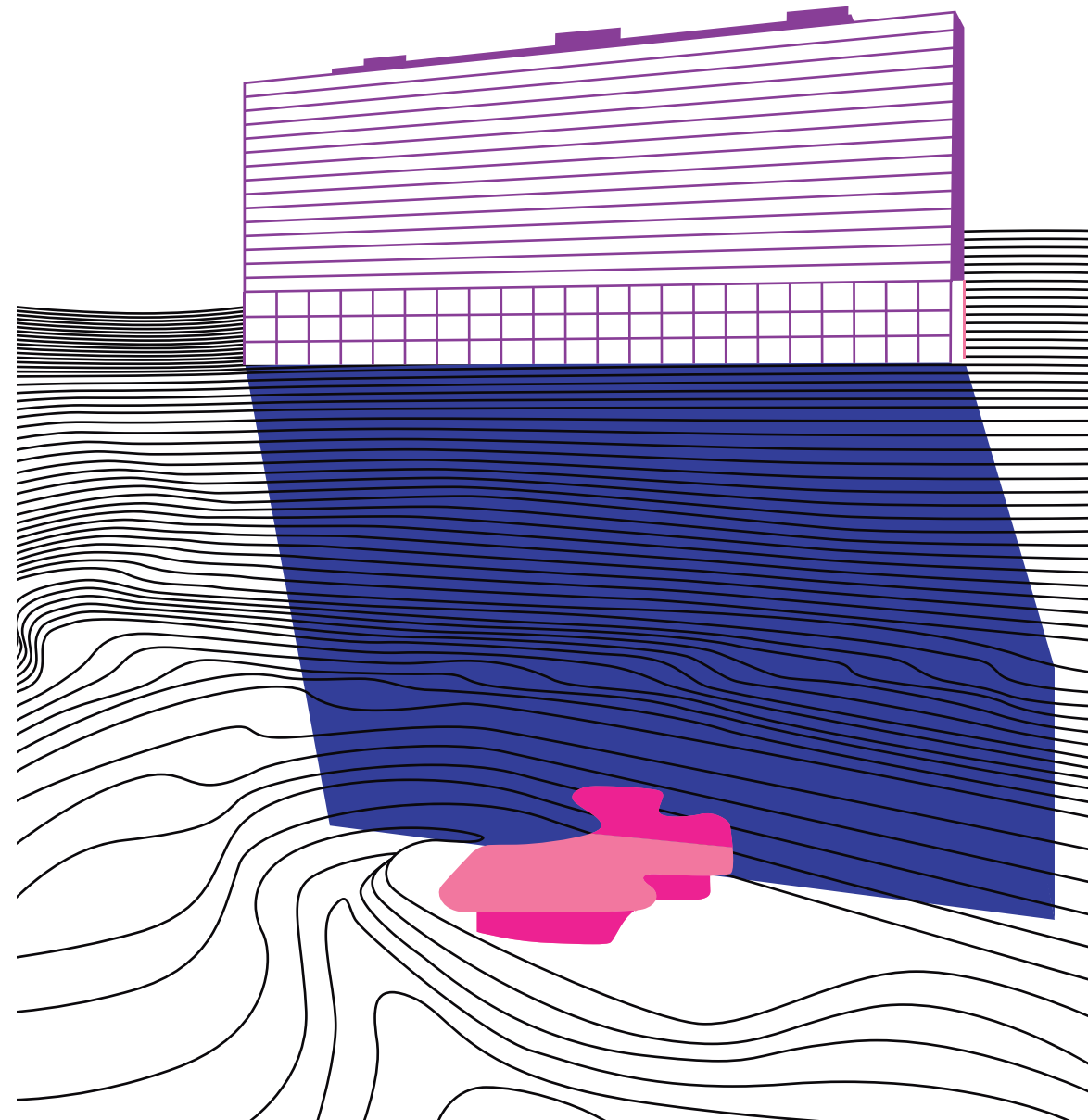
Entretanto, como podem duas construções, realizadas com apenas dois anos de diferença e engajadas no mesmo movimento moderno da arquitetura, serem tão díspares em relação à sensibilidade do entorno, visto que suas implantações estão inseridas inclusive no mesmo território? Decerto, na época de sua construção não havia uma preocupação ambiental de ser sustentável. Nos dias de hoje, os problemas em relação ao moderno são outros, pois alcançamos a saturação de um modelo desenvolvimentista econômico, que dita como se dá o ritmo da construção civil, produtora da maioria dos resíduos sólidos urbanos recolhidos, segundo a Revista Brasileira de Ciências Ambientais (edição 31, 2014).

A partir dessa consideração, é possível dizer que o projeto de Oscar parte de práticas ainda engessadas, por mais que se assimile a concepção de um todo? Digo, elas ainda não perpetuariam uma certa posição de hierarquia perante a natureza? A cobertura de concreto armado não deixa de ser um corte na área: o verde profundo das folhas ganha um plano de fundo artificialmente branco. Tratando de sua materialidade, o projeto não reverbera a hegemonia do concreto como forma de ocupar o mundo?



Ao botá-los um de frente para o outro, tal qual a implantação deles, o debate é amplo: é possível dizer que o esqueleto de São Conrado faz frente simbólica até mesmo à obra de Oscar Niemeyer, sombreando-a?

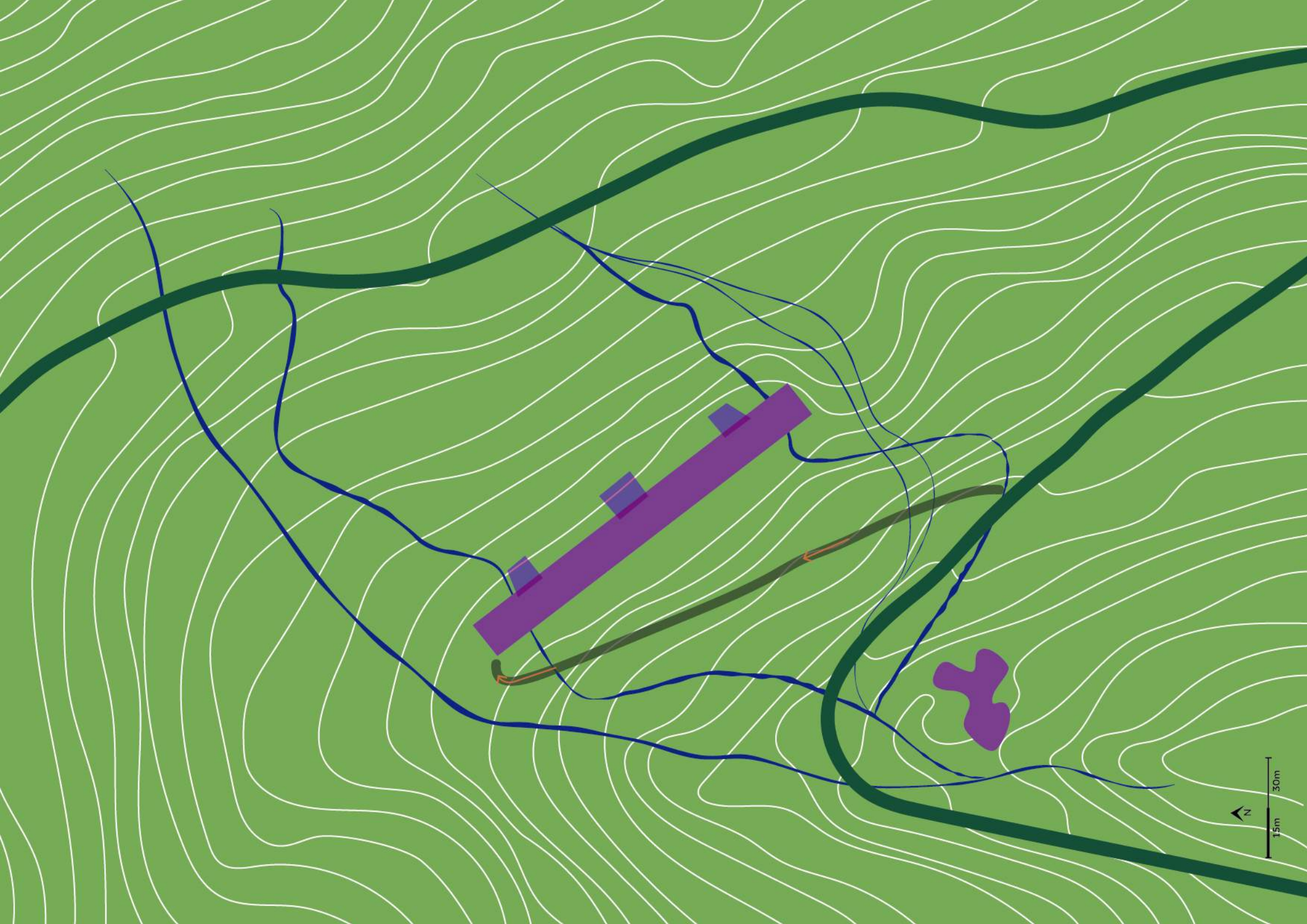
Sua ocupação parece divergir da Casa das Canoas de forma proporcional ao afastamento do solo. Os 480 quartos acessíveis apenas por elevadores e longos e fechados corredores, não sugeririam a apreciação da paisagem de modo apenas contemplativo, emoldurando a floresta em suas varandas? Talvez essa cosmovisão defenda que nos relacionemos com o mundo externo apenas pelo olhar, de longe, fomentando assim a separação da natureza com nossos corpos de forma prática, pois este permanece protegido no interior da edificação.



O que esse edifício, construído há sete décadas atrás, pode nos ensinar hoje? Quais contribuições o campo da arquitetura pode oferecer, visto que foi o próprio, atrelado ao sistema econômico vigente, que o pariu? Ao longo desse século é notório o avanço das construções de forma indeterminada, independente do sítio e do contexto. Porque continuamos a pensar no concreto como única forma de habitar?

A presença do esqueleto do GTH ali, no local onde foi em poucos meses construído, é uma grande cicatriz aberta. A paralisia frente ao gigante de concreto não permite nem que reconheçamos a situação dada, o erro de cálculo cometido por nós. Quais são as consequências de ignorarmos os efeitos colaterais de uma cosmovisão que seguimos fielmente, embalados em contos de ordem e progresso? Ora, se tomássemos a atitude de agir: o que fazer com o edifício, se descartarmos a reinauguração do hotel ou sua implosão súbita? Como proceder para impactar o menos possível os seres que vivem ali?

Não encontro outra forma de proceder que não a ampliação da lente nesse território. Ver os detalhes dessa conjuntura, adentrar esse grupo de elementos e seres estrategicamente presentes naquele específico lugar. No caso dos afloramentos rochosos do Morro do Cochrane, trata-se de um ecossistema extremamente complexo e em equilíbrio, que oferece diversos microhabitats, como fendas, depressões e ilhas de solo, em uma variação microclimática separada, muitas vezes, por centímetros (Silva, 2016). Assim, ostenta inúmeras relações interespecíficas que não são passíveis nem de se enxergar: a diversidade pulsa. Lateja por entre as frestas do desencanto.



Na Mata Atlântica, o ecossistema com a maior biodiversidade proporcional do mundo, os pontos de vista são todos múltiplos. Nesse ecossistema plural, quantas realidades esse edifício atravessa? Quantas e quais devem ser as perspectivas que colidem com o esqueleto? Seria ele maior, do ponto de vista de um inseto? Menor, da perspectiva de um pássaro? E de um macaco? O exercício de se pôr em outros corpos reforça a não hierarquia de espécies, em confluência com o estado originário de indiferenciação entre nós humanos e os animais¹.

Assim, poderíamos considerar outras cosmovisões, mais sensíveis e atentas, para repensar a intervenção e expandir o conceito de habitar que o edifício nos dá? Seria possível uma ecologia da atenção e do tato, que pensa os seres nos laços que podem tecer juntos, a fim de, com um pouco de sorte, torná-los menos perigosos uns aos outros? A sugestão de adoção de uma matriz narrativa outra afeta não somente aquilo que se conta, mas principalmente aquilo que se observa.

Estreitar as relações entre o homem, seu entorno e os fluxos de vida ali existentes e, assim, manter a manutenção da biodiversidade, pode ser lida como etapa crucial de garantia de um futuro próspero, mantendo a linha tênue que interliga todos os ciclos e os mantém em funcionamento. Não obstante, é necessário aceitar a situação entrópica do endereço e oferecer perspectivas que favoreçam o engendramento de novas significações e modos de ser. Aqui, evoco novamente Donna J. Haraway, que defende a importância de pensar a transformação como a:

“Reabilitação sustentável de um tecido que já está cercado de mundos vivos e presentes, retirando o conceito de organismos independentes dentro de um mesmo meio.” (...) É preciso agir com “responsabilidade”, isto é, reconhecer o alastro dos problemas e não sucumbir na crença cega da tecnologia e nem adquirir o cinismo amargo da impotência.” – HARAWAY, Donna (2016, p.34)

1 Na mitologia xamânica dos povos ameríndios, por exemplo, no início de tudo já havia uma humanidade primordial, entretanto, ela estava propensa ao “devir animal” (yaroprai) (KOPENAWA; ALBERT, 2016, p.614). Não eram totalmente humanos, mas também não eram totalmente não-humanos; eram humanos com nomes de animais e que não paravam de se transformar (p.81).

A ciência e a sintonia com a realidade na qual nos encontramos é crucial para que possamos criar as condições ideais para refazer conexões improváveis entre espécies, utilizando do bom senso para aflorar a sensibilidade crítica capaz de manejar qualidades, explorando vantagens únicas de cada ser em prol do bem comum. Pôr em prática ações experimentais de justiça em detrimento da negação usual da história do lugar e de seus habitantes, com resultados potencialmente criativos e não previsíveis, é debruçar-se no “the matter of care” (2006, p.36):

“Seguir como o problema requer regenerar parentescos improváveis: nos necessitamos reciprocamente em colaborações e combinações inesperadas” (DONNA, 2006).

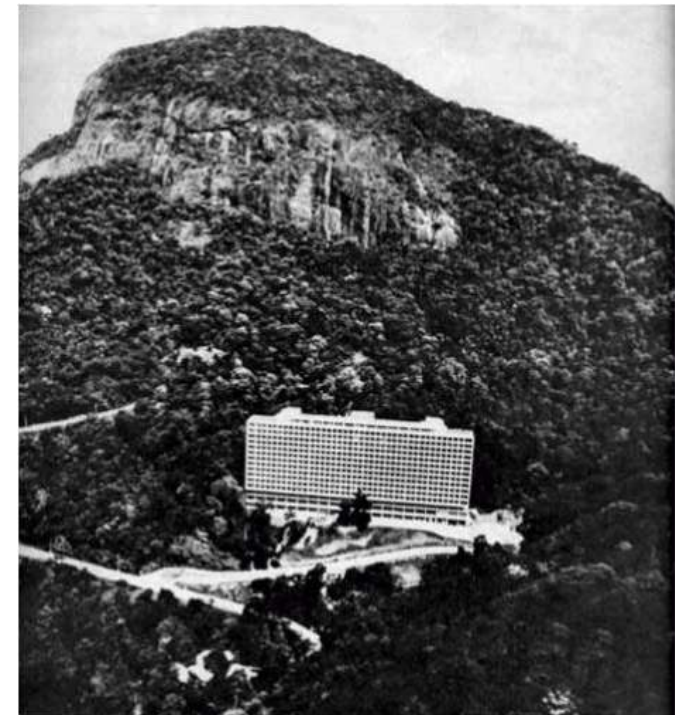


Imagem 05 - Aqui vemos o GTH recém construído, além do caminho inicial da Estrada das Canoas, estrada ainda de terra e destacada como clareira por conta da recente operação de retirada das árvores para delimitação do caminho.



III . De perto

*“Tiene una mirada ebria de palabras y poesía
Bajo el cielo claro de un pueblito por ahí
Mundo imaginario hecho de ilusiones coloridas
Y el amor monta en su caballo y es feliz
Ey, la primera es la verdadera
Ey, la segunda, que no te confunda
Ey, la tercera pierde un turno, espera
El amor
Todo tiene un tiempo”
- Gustava Pena, Mandellin*

Por conta do destaque às provocações iniciais provenientes do Esqueleto, o capítulo anterior assegurou algumas indagações ao objeto. Agora, é chegada a hora de apresentar seu contexto. Este capítulo é um convite para um salto e um mergulho por São Conrado, de modo a atravessar duas aproximações. Esta primeira é aérea, como em um dos voos de asa delta ou parapente que já fazem parte da rotina local a fim de contemplar o contexto geográfico em menor escala, enquanto se plana no ar.

E é aqui que dou o último impulso antes do salto. Até o determinado momento, o trabalho se ergueu de modo remoto através de uma pesquisa virtual. De certa forma, a distância mantida se fazia proporcional às incertezas dos moldes e das potencialidades do próprio trabalho. Portanto, é só já no ar que percebo a importância do pulo.

O bairro se situa entre o mar e o Morro do Cochrane, Morro Dois Irmãos e todo conjunto rochoso formado pela Pedra da Gávea, Pedra Bonita e pela Agulhinha da Gávea. Por isso, o bairro engloba diversas nascentes. Integrante da Macrorregião Oceânica hidrográfica do Rio (uma das três que atendem a cidade), a sub-bacia de São Conrado conta com três rios: o Canal de São Conrado, que se inicia na Rocinha, o Rio Pires, com a nascente na Pedra Bonita, e o Rio Canoas. Este último é o de maior extensão, com 1,9 quilômetros e com origem na Serra da Carioca, ele acompanha a Estrada das Canoas, inclusive atravessando o edifício aqui tratado. Essa área é localizada nos limites das florestas do Parque Nacional da Tijuca, contendo então uma das maiores florestas urbanas do mundo. O território morfológico faz parte do Maciços Costeiros e Interiores, e, ainda segundo o PEU, *“a floresta hoje existente que recobre o maciço é uma floresta secundária que regulariza a questão da hidrologia, marcada por uma alta suscetibilidade a deslizamentos em casos de grande volume de chuvas nas encostas.”*



Agulhinha da Gávea

Morro do Cochrane

Gávea

Pedra Bonita



Rio do Pires

Rio Canoas

Morro Dois Irmãos

Canal de São Conrado

Pedra da Gávea

Autoestrada Lagoa-Barra

Túnel Zuzu Angel

Avenida Niemeyer

Elevado do Joá

Esse respiro de Mata Atlântica exerce sua grandeza perante a cidade, a ponto de quem por ali passa pode não fazer ideia que ela não é uma mata virgem. Inclusive, ela é consideravelmente jovem: foi apenas há 160 anos que Dom Pedro II declarou as Florestas da Tijuca e das Paineiras como florestas protetoras. O que essa intervenção significou na prática e qual foi sua razão? Voltemos um pouco no tempo:

Com a vinda da Família Real portuguesa, houve a ocupação de residentes estrangeiros em massa nas encostas da cidade, onde o clima era mais ameno e propício ao plantio do café. Assim, “o padrão era comprar, desmatar, vender a madeira como carvão vegetal e plantar café no terreno ‘limpo’” (Ouro Sobre Azul, 2001)¹. Entretanto, essas áreas eram e são justamente o local de nascentes dos rios, comprometendo seus abastecimentos. Diante da grave crise instaurada, houve a fundação da Floresta da Tijuca, que, como nos mostra o Plano de Estruturação Urbana da Prefeitura (2019):



“(...)é fruto de processo de reflorestamento longo iniciado em 1861. Após a destruição quase total da floresta para produção de carvão e plantio de café, as fontes de água que abasteciam a cidade começaram a secar. Começou então um grande processo de desapropriação das fazendas de café e replantio de mais de 100 mil árvores” (ICMBio, 2019)

Reprodução/Editora Olhares

1 Descrição de Pedro da Cunha e Menezes, diplomata e pesquisador das matas cariocas, em um de seus livros, “Parque Nacional Da Tijuca: 140 Anos Da Reconstrução De Uma Floresta”.

A evidente necessidade em retomar os cursos das principais fontes hídricas da cidade se fez crucial para a recuperação de uma floresta aniquilada. Sua incorporação se faz categórica na identidade carioca, pois ela é inserida como espaço vivido da cidade, acessível aos cidadãos. Assim, ao replantar toda uma encosta, a floresta se configura como um elemento cultural, visto que é fruto de uma ação intencional antrópica¹. Logo, o embate artificial moderno entre natureza e cultura cai por terra ao tratarmos deste recorte.

Felizmente, a vitalidade da Mata Atlântica garantiu a restauração ecológica a partir dos processos de cicatrização da mata primária como resposta aos antigos cortes gerados, ainda que as espécies que foram ali plantadas estejam longe de atingir os grandes portes das árvores originárias. Este fator constata que a perda de habitats originais afeta diretamente o potencial de vitalidade de um ecossistema, a vida e a própria existência dos seres corre risco em processos de manipulação, transferência ou até mesmo a “recuperação” de um habitat.

1 Durante parte das 3 décadas de replantio (mais precisamente na gestão de Robert d’Escragnolle), enquanto fontes, pontes e grutas foram melhoradas, obras de arte também foram espalhadas pela floresta.

Estudos já acharam centenas de carvoarias ali. Com o conhecimento das diferentes e até antagônicas fases vividas por esse território, o que mais a floresta pode estar omitindo sobre registros humanos? A sua história e existência poderia ser compreendida como uma sucessão de tempos sobrepostos. Quais foram os registros que permaneceram? Após essas superposições, as características entre elementos naturais e humanos podem se mesclar.¹

É curioso pensar também como esse tempo se faz cíclico. No século XIV, houve uma imposição do apagamento, da não consideração da floresta como um ecossistema digno de existir. Foi destruída. Com Dom Pedro II, a floresta foi replantada. Se ergueu. Nos enquadramentos das fotos/anúncios da obra do GTH, a perspectiva que condena a floresta à invisibilidade retorna.

Retomando a contextualização, a ocupação populacional do bairro se intensificou apenas em 1970, com a construção da Lagoa-Barra, isto é, a perfuração de túneis de grandes extensões na rocha do Morro Dois Irmãos para dar existência ao túnel Zuzú Angel. A malha urbana se concentra ao longo da Autoestrada Lagoa-Barra (Engenheiro Fernando Mac Dowell), percurso que recebe o maior fluxo de carros. Já a Estrada das Canoas é uma via de mão dupla, que se dá mais como uma rota alternativa do que tráfego principal de quem passa pelo bairro de São Conrado. O Esqueleto se localiza na encosta do Morro do Cochrane (680 metros), mais precisamente 300 metros acima do nível do mar, próximo da trilha da Pedra Bonita e da rampa de salto livre. Ali no alto da Estrada das Canoas, a construção permanece mais precisamente ao lado do Mirante das Canoas, no viaduto da Serpentina. O caminho da rua foi aberto na mesma época do edifício, quando a estrada de terra sinuosa entre os grandes morros deu acesso ao bairro Alto da Boa Vista, em 1949.

1 O local se torna um grande museu de informações em potencial, adicionando novas camadas passíveis de estudo, ainda que não exploradas neste trabalho.



Rio Canoas

Rocinha

Golf Club

São Conrado

Gávea

Vidigal

Agora, apresento a perspectiva de um corpo humano in loco, ou seja, uma narrativa a partir dos pés no chão, conectados com a terra. Esse conto é um esforço de compreender o território a partir do caminhar, uma prática tão antiga quanto a humanidade, mas que permite a escuta do território como nenhuma outra. Estar submetido às circunstâncias locais foi necessário para a formulação de minha própria perspectiva, visto que é a partir da vivência do corpo no espaço, da percepção dos cheiros, temperatura, sons e movimentos que somos capazes de moldar nossas impressões de tudo que acontece ao redor.

Assim, a narrativa da experiência do meu primeiro encontro com o objeto se mostrou a chave para o desgarramento das formas rígidas de se analisar e, conseqüentemente, de se projetar. Mais do que isso, confesso que só assim parei de perder o equilíbrio, pois parei de olhar de cima e pus meus pés no chão, de encontro com a própria existência.

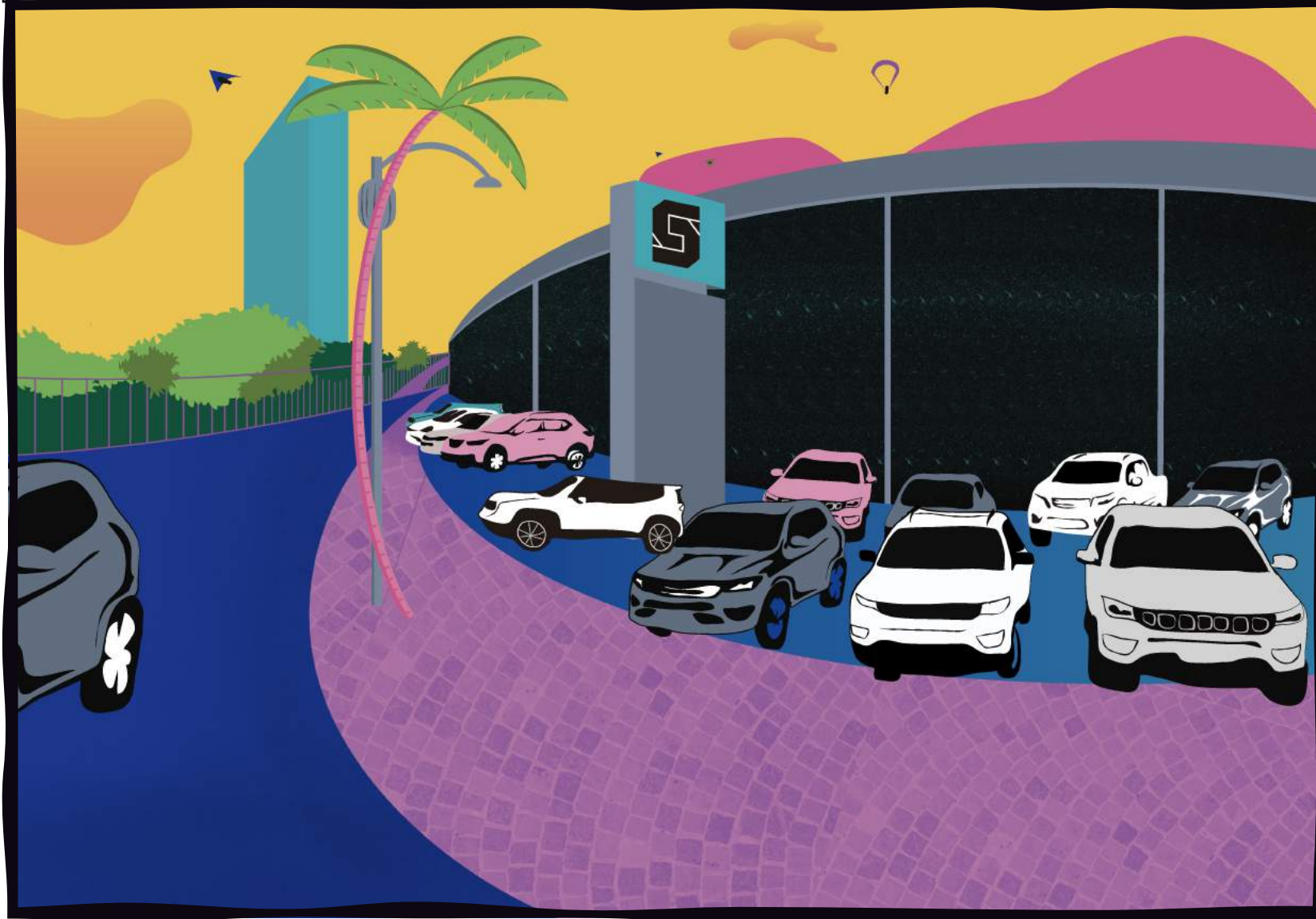
É então no início da Estrada das Canoas, ainda na esquina com a Estrada da Gávea (avenida de alta velocidade que cruza todo o bairro), que dou o primeiro passo em direção ao esqueleto.

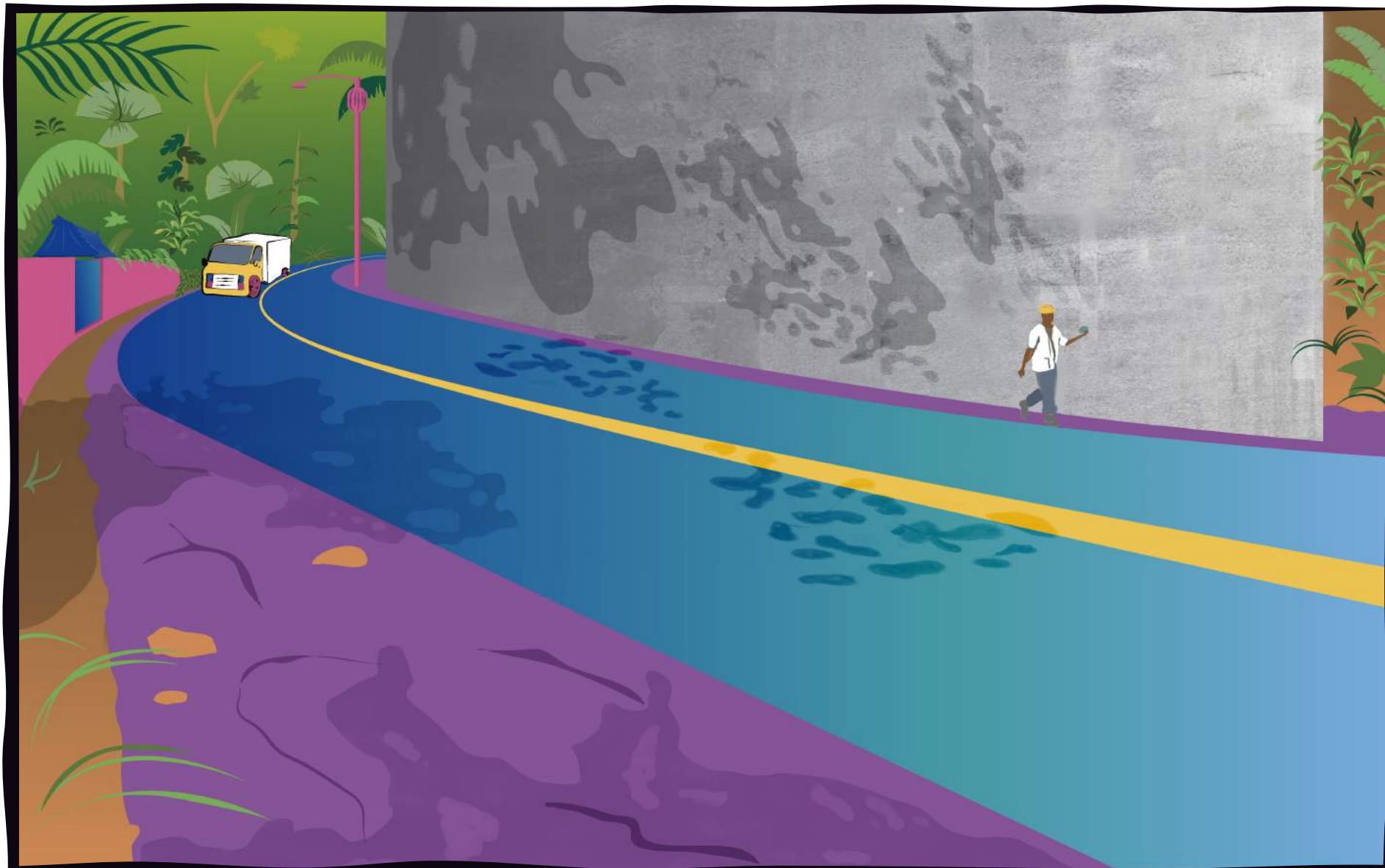
O conto

*“Árvore parada
Carro em movimento
Rosto na janela
Som do contravento”
- Contravento, Céu*



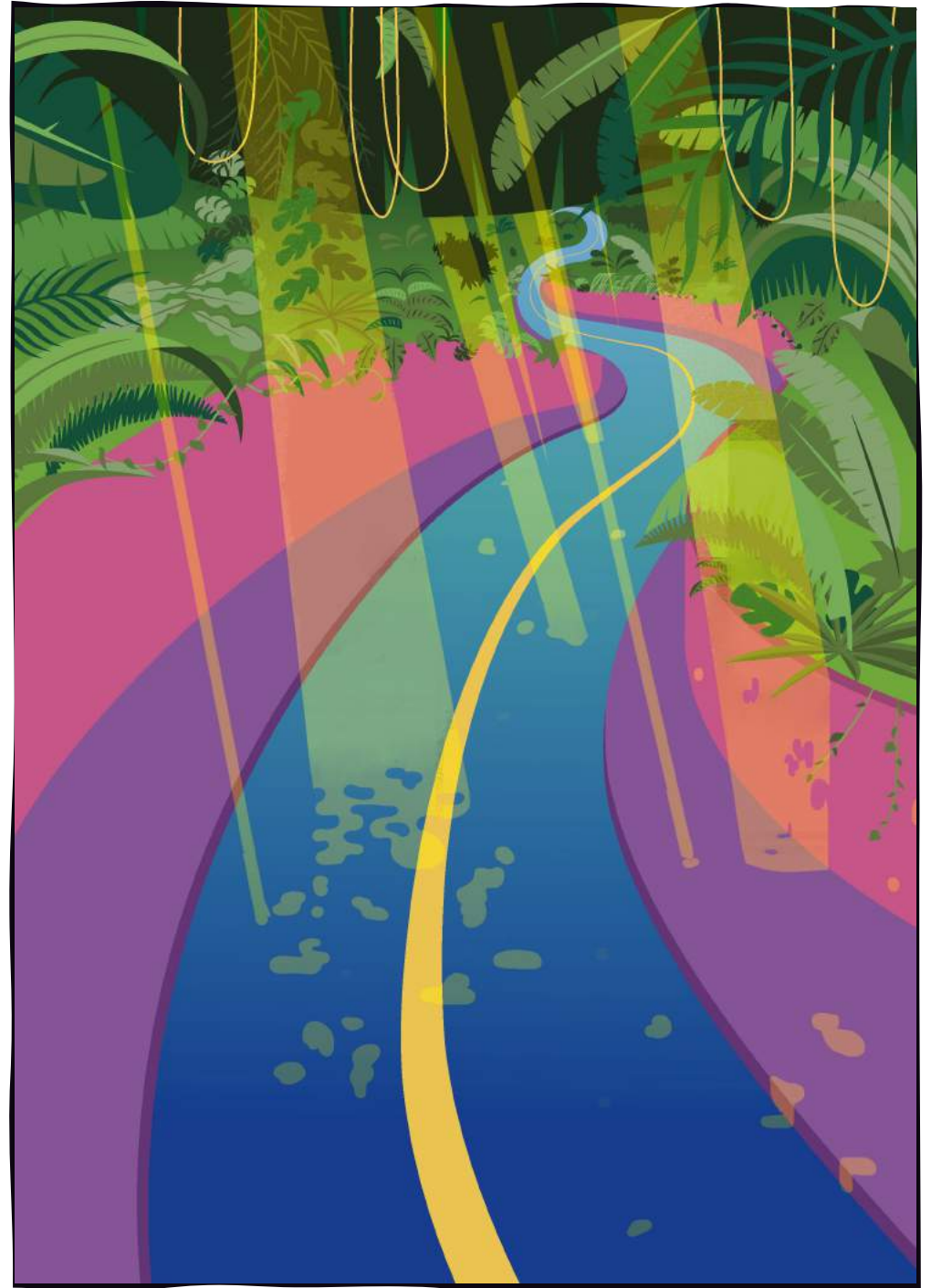
Fechei a porta do carro e, depois do longo caminho de parques, jardins, praias, quatro túneis e muitos carros (tudo na definição de borrões), respirei fundo. Só quando desviei o olhar da Pedra da Gávea é que reparo na dúzia de outros carros na minha frente. A calçada se torna uma extensão de três concessionárias automobilísticas distintas, que meticulosamente posicionam os carros para favorecer os melhores ângulos de cada modelo. Uma leve curva se acentua por trás deles e é ali que começa a rua.





Conforme eu ando, o protagonismo dos carros se mantém: o elemento que chama mais atenção na rua é a pista de rolamento, as calçadas de um metro de largura ficam espremidas entre a pista e os altos muros das casas, além dos postes de luz e de sinalização que ficam no meio passagem. Os muros são imponentes e marcam os limites do que pode ser visto, deixando à mostra apenas as copas das árvores.

Percebo que a floresta se torna mais densa quando sombras nascem ao subir das curvas. Em pouco tempo todo o caminho está sombreado, é notável o ritmo nas manchas orgânicas do asfalto, resultado das brechas que os raios solares encontram nos volumes de galhos e folhas.





Alguns metros acima, as formas verdes são vistas com mais frequência, até que decidem por incorporar-se aos muros, não mais crus, mas com trepadeiras e outras plantas que recuperam seus espaços de volta. O equipamento urbano perde progressivamente o papel de protagonista para se tornar um intruso que resiste à explosão de vida verde; existe uma camada vegetal que insiste em se expandir e tocar em tudo.



A natureza e o tempo se unem para demonstrar a capacidade de retomada, gerando situações peculiares.



Subir a pé a Estrada das Canoas é como fazer uma trilha, o caminho consiste em andar em superfícies irregulares e não planejadas, ora placas de concreto, pedras quebradas e pepita, ora em terra e raízes. A mata responde o gesto do homem com fissuras, enraizamentos que rompem o concreto já coberto de musgo.

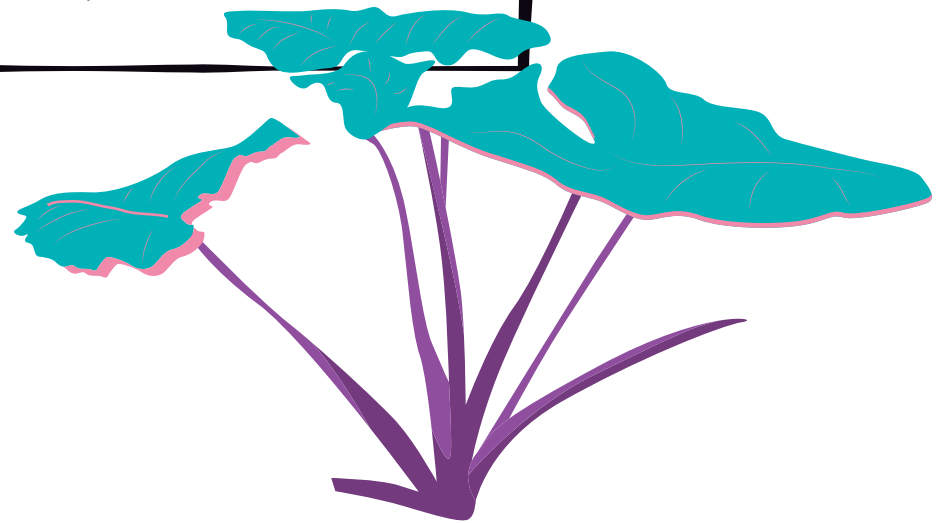
As curvas fechadas me fazem ficar atento aos carros de ambos os sentidos.

Respiro para recuperar o fôlego nesse caminho repleto de curvas, que se assemelha a dança dos rios; a Estrada das Canoas parece fazer jus ao nome. O percurso sinuoso me remete também ao movimento das cobras, serpenteando na terra e arrastando as folhas secas consigo.



A transpiração vem junto com a brisa fria que chacoalha os galhos das árvores. O frescor chega também aos ouvidos: os diferentes cantos de pássaros são exuberantes, uma verdadeira sinfonia. A flora colore a paisagem com flores, bougainville, frutas e sementes. As borboletas se mostram confortáveis, suas asas coloridas pousam suaves nas folhas que surgem em seu caminho.

O que se vê além das árvores e folhas que se alastram são os limites impostos: muros, cercas elétricas, arames farpados e portões de diferentes épocas. Passo por alguns trechos de grades amarelas e logo escuto o som da queda d'água ao longo do trajeto. Pequenos riachos em meio ao declive elucidam que a formação rochosa que se eleva é o berço de um rio. Denominado Rio Canoas, ele viaja, se adequando às curvas - se fragmenta, divide, interrompe e escoar - até alcançar o mar na praia de São Conrado.



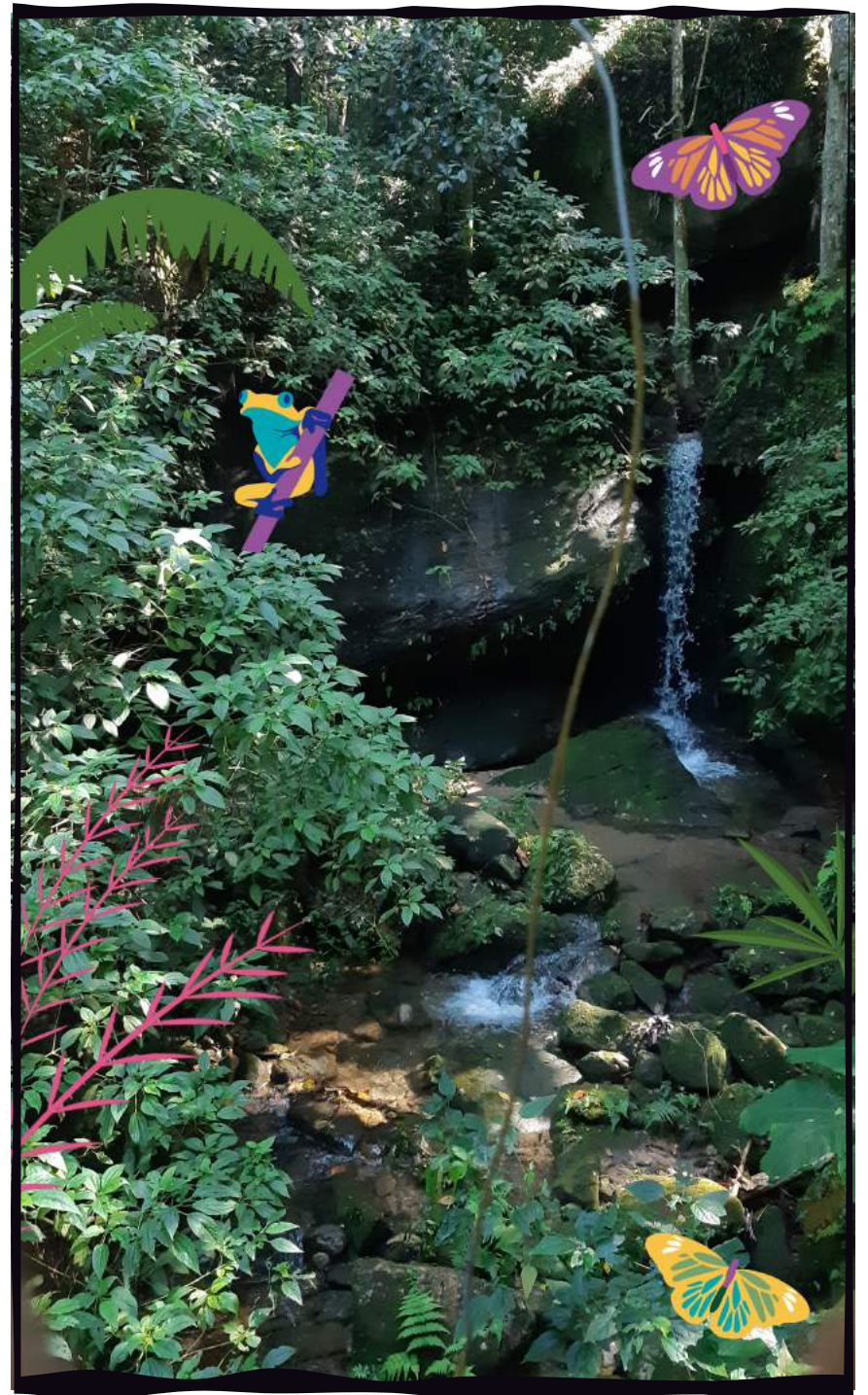


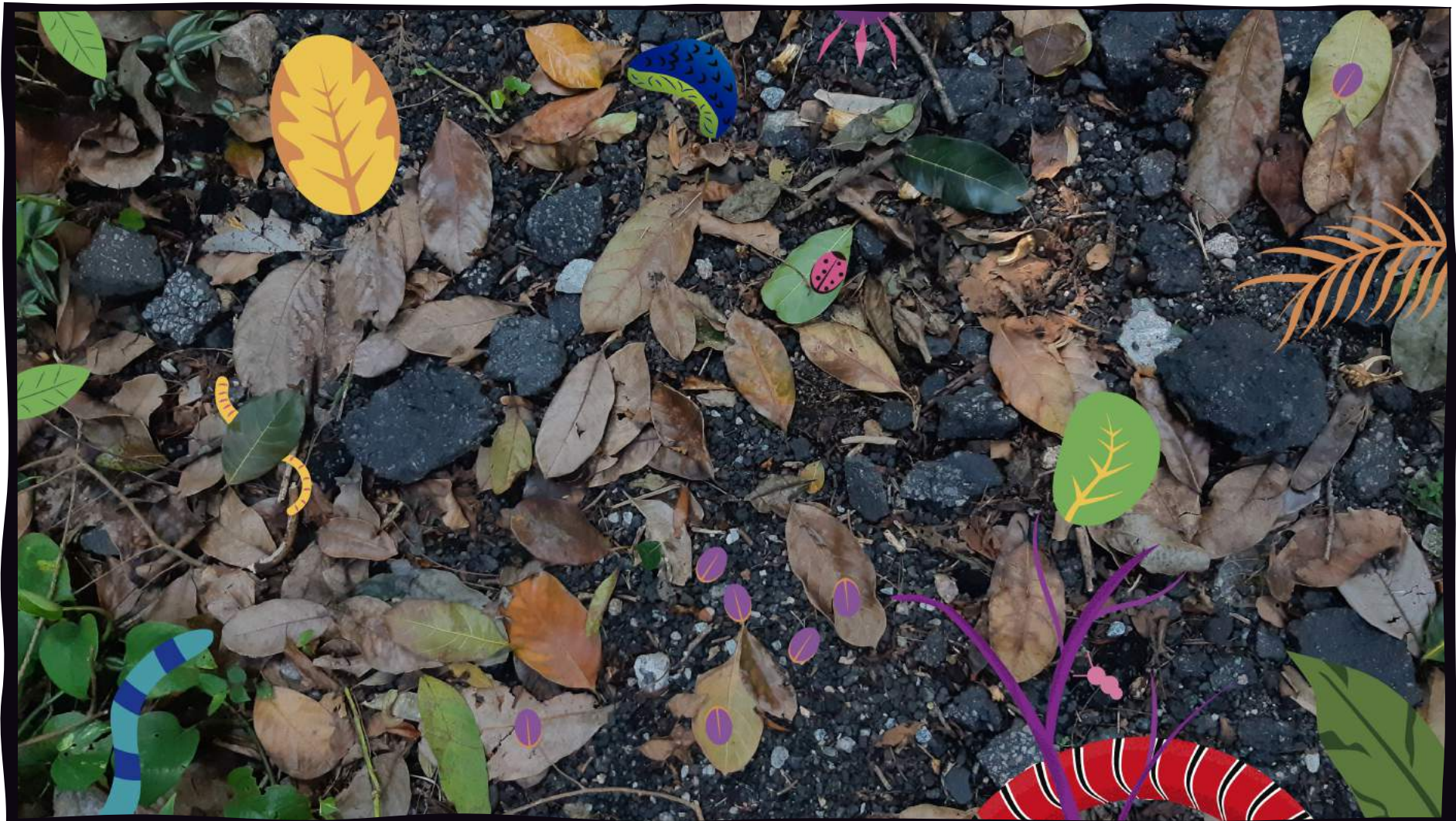
As surpresas são uma constante. É possível escutar um grupo de mico-estrelas passeando acima de minha cabeça em direção a uma jaqueira.

Enquanto isso, as borboletas se mostram inúmeras e bem confortáveis, suas asas coloridas pousam suaves nas folhas que surgem em seu caminho.

Passo por alguns trechos de grades amarelas e logo escuto o som da queda d'água ao longo do trajeto. Pequenos riachos surgem em meio ao íngreme terreno e elucidam que a formação rochosa que se eleva rapidamente é o berço de um rio.

Denominado Rio Canoas, ele viaja, se adequando às curvas - se fragmenta, divide, interrompe e escoá- até alcançar o mar na praia de São Conrado.





O lugar é vivo, mas não só. O solo é coberto de matéria orgânica; sementes caem quando um animal se alimenta e folhas balançam com o ressoar dos ventos. A quantidade de insetos surge proporcional à atenção dada. Todos os seres parecem cumprir um papel específico (por mais que ninguém tenha lhes dito) de forma integrada. Como pode a floresta crescer tanto em tão pouco tempo? Seriam as relações interespecies elemento fundamental por trás desse engrandecimento? De qualquer modo, é necessário exaltar a resistência de todo esse ecossistema frente ao modo de ocupação humano, concretando, cimentando e, assim, afastando os outros ciclos de vida.

Aos olhos de desconhecidos, estes surgem aqui aparentemente de forma natural, entretanto a simples existência de plantas e animais, que outrora já tiveram seus vestígios apagados na época do Império, já se qualifica como forte forma de reexistência. Não consigo evitar o encantamento diante desse cenário hiperdinâmico que borbulha em vivacidade. O que será que eu acharia se andasse por entre as árvores? Sinto vontade de mudar a direção e subir por qualquer brecha sem deixar rastros, a curiosidade se torna combustível para seguir a ladeira.





A imersão frente à floresta é inevitável, o mergulho no universo verde acalma e a serenidade vem junto com os diferentes desenhos de folhas, embora os cantos ritmados dos pássaros sejam interrompidos pelos motores dos carros, que ecoam pela rua. Será que a dicotomia imposta pelo próprio esqueleto entre natureza e cultura também já não se encontra em ruínas? Essa fronteira parece tremular tal qual a luz no reflexo de um espelho d'água, se dilui. Até que ponto não somos nós mesmos a natureza?

Meu corpo transpira diante dos metros percorridos. Graças às sombras que as árvores fazem e à brisa fresca que me toca, o calor do verão carioca não me vence (Obrigado, floresta). Alguns contados depois, alcanço o número 2310. Ali, bem na curva, percebo o som da água batendo nas pedras novamente. Mais uma vez, a pista passa por cima do rio, atravessa o seu caminho enquanto a água cai indiferente aos carros.

Uma grade amarela e alguns poucos metros me separam do contato com o Rio Canoas, mas isso não parece ser um empecilho para a nuvem de insetos atraídas pelo fluxo. Do outro lado da rua, alguns tapumes tentam, sem sucesso, proteger uma laje branca: a Casa das Canoas.





Logo após completar a curva, instintivamente olho para cima e vejo uma sombra alienígena ao local, uma linha reta cruza horizontalmente o céu atrás das copas das árvores. A silhueta escura atrasa a percepção, entretanto, logo compreendo que este corpo não pertence à minha realidade, escapou de outro espaço-tempo: estou diante do passado. Um passado que nunca foi. Nunca foi porque antes de ir, foi jogado ao abandono, deixado à deriva e esquecido.

Na altura dos meus olhos, um muro se ergue para delimitar o íngreme terreno do número 2401. Dentro dele, há um recorte feito para permitir a passagem da água, que atravessa um trecho escuro com barras de ferro encaixadas e alguns galhos pelo caminho. É possível apenas ver um ponto de luz do outro lado.

Com esforço, vejo recortes, perspectivas fechadas de uma estrutura em ruínas; ele se esconde.



O asfalto da Estrada das Canoas se mantém molhado, resultado dos fluxos de água que escorrem pelos paredões de pedra mais à frente. Os braços dos rios abrem caminhos na rua até encontrar os bueiros presentes de ambos os lados.

É nesse trecho, especificamente na entrada do lote do esqueleto, que a água não só passa, mas transborda. Escuto duas quedas d'água e gotas que escorrem rápidas entre os musgos pelo muro de pedra (que deve ter seus 15 metros), encharcando os paralelepípedos dispostos no chão até invadir o asfalto.





É notável a capacidade da natureza em se adaptar às interferências humanas, os ciclos que atravessam aquele espaço se mostram resilientes frente às imposições do desenho técnico. Seria então a coexistência uma das principais consequências dessa relação entre os elementos? Mais a frente, o muro de pedras pinga e encharca a rampa de paralelepípedos que dá acesso ao edifício.

Continuo o percurso e me deparo com o Viaduto da Serpentina, o único trecho em suspensão da rua, que faz uma curva de 180º graus. Para minha infelicidade, um ônibus passa na mesma hora que eu: sinto a estrutura tremer. Meu medo de altura brinca comigo e me leva instantaneamente a lembrar do episódio da ciclovia Tim Maia. Estou na frente do Mirante das Canoas, ali, a Pedra da Gávea aparece feito um quadro que se ergue com uma potência estonteante.





Cinquenta metros acima, avisto as costas do edifício na mesma altura dos meus olhos por entre as árvores. A curiosidade de assistir o resto dessa estrutura tão díspar me atrai, gostaria que houvesse um trajeto, um caminho que ali surgisse por entre as copas e possibilitasse não só a conexão direta com o esqueleto, mas também a contemplação de tudo a minha volta, mais alto que o solo.



Naquele trecho, a mata é mais densa. Se comporta como uma grande cortina que dá palco para incessantes acontecimentos. Os cantos peculiares de pássaros não ouvidos antes despertam meus sentidos, assim como o córrego que cochicha na bochecha das pedras, discretos, sem tanta força.

É possível ter a dimensão que esses fios de água que pingam nas pedras vão se inflando, ganhando massa e gravidade ao longo do caminho. Percebo que sou testemunha do nascimento do **Rio Canoas**, haveria algo mais vivo que a água? Ela é a expressão da vida, sem ela, não há. Essa potência elementar é expressa na cosmovisão do povo krenak, os últimos botocudos que resistem em Minas Gerais. Eles concebem a cosmovisão que assimila o rio como seu avô, definindo uma aproximação espiritual íntima com essa entidade tão presente no seu modo de vida.

Nela, as paisagens, as montanhas e os milhões de seres não humanos fazem parte de uma unidade originária, entretanto, outra cosmovisão se sobrepôs, uma que elimina a coexistência em detrimento da hegemonia.





Segundo Aílton, o fatídico desastre de Brumadinho que interrompeu a vida no Rio Doce é a expressão do mundo “devorador de paisagem”, pois não enxerga o rio como uma entidade viva, mas sim uma coisa. “Como podemos ignorar que um rio seja vivo?”, pergunta Krenak no episódio de número 50 do podcast “O Tempo Virou”, de Giovanna Nader. Seria através dessa objetificação excessiva que a sociedade aceita a ideia de tapá-lo com cimento, de entubá-lo, canalizá-lo, jogar lixo e tratá-lo como depósito? O fato é que isso tudo ocorre com o Rio Canoas há cerca de cinquenta anos: esse último processo de descaracterização se intensifica mais abaixo do bairro, quando o mesmo se torna subterrâneo. Aqui em cima, isso é representado pelos muros e construções adaptadas para a passagem da água.

São canos de plástico que furam as paredes de concreto e inúmeros bueiros. Parece que o tratamento que é dado à nascente reverbera a concepção humana de que ele é um elemento que só é tolerado pois não há outra alternativa. Nesse quesito, não parece que nós mudamos muito nossa postura desde a época de Dom Pedro II. Assim, o modo como o homem se relaciona com o mundo parece ser o fator primordial para compreender como se constrói o próprio mundo que o circunda.

Enquanto molho minha mão na pedra e refresco minha cabeça, nuca e pescoço, inconscientemente escolho a perspectiva que enaltece a água. Afinal, ela passa por onde é possível atravessar, ensina a se adaptar e a abrir caminhos. É implacável.

Assim, seria a água o elemento mais simbólico para representar a resiliência/resistência/reexistência da floresta?



Eu tive um sonho. Nesse sonho eu era água. Eu era gota do rio, fugaz, que avança pela mata, marcando espaço, atravessando, caminhando, empurrando e sendo empurrado. Avançando contra a maré. Eu era correnteza. Era traçado, era marca no mundo que tem a consciência de que já foi muito. Que já foi rio, já foi nuvem, já foi onda e já foi chuva. Cortante, espessa, presente, persistente. Com o vento, fui jogada, torcida, angular prensada na rocha, era maremoto. Me levantava, sentia a grandeza do mar dentro do peito, senti a fluidez em minhas veias e, de novo, me contorcia. Nesse sonho também subia às alturas, depois caía, caía com força como facas cegas, balançando os braços das árvores.

Me projetando ao chão com a mesma ciência que o faço a milhares de anos, sendo vento, levantando onda e empurrando montanhas.

A beleza do equilíbrio entre a troca bruta de elementos que se chocam.

Que se trocam como quem inverte papéis em um roteiro.

*Entretanto, nesse sonho eu era. Agente ativo e transformador do espaço que faz parte do mesmo. Ser de forma pura, apenas sendo corpo fluído em todas as etapas. Que tem o corpo invadido pelo sentimento de calma de sentir a coexistência e pertencimento e não de dominação. A potência de **estar viva**.*

- Bom é ser mar





Sigo a acompanhar a mureta que separa a calçada do declive da floresta. Quando desvio o olhar, avisto algumas lajes de concreto por entre as copas das árvores. Até agora, todo o contato que tive com o esqueleto se resume a recortes, fragmentos cinzas em último plano. Não consigo mensurar seu tamanho total.

Sinto a temperatura cair com o aumento da altitude. Cerca de dez minutos depois, a inclinação do caminho vence as copas das árvores e a paisagem se abre na borda da pista: temos uma vista aberta para a paisagem. O cobertor verde se estende e as árvores vão diminuindo de tamanho até o olhar alcançar as torres residenciais, a praia e a linha do horizonte marcada pela divisão entre céu e mar, ao fundo. O prédio aparece ao meu lado, esbelto.

Sua empena lateral de 12 metros de largura por 44m de altura rompe os vários tons de verdes, de forma que só é possível ver um quadrado de cerâmica com 5 quadrados pretos (uma abertura em cada pavimento) surgindo do meio das árvores. Além do plano de ladrilhos beges (curiosamente da exata cor dos do edifício Jorge Moreira), é possível acompanhar o longo terraço acinzentado, assim como os três prismas de circulação alinhados.

A arquitetura empregada decide “pisar duro” no chão, pois faz tanta questão de deixar seu registro no território que parece se propor a eternidade. A confiança na estabilidade da construção da arquitetura do concreto armado (entendida aqui como um movimento que se configura não apenas ao material utilizado, mas por uma concepção de se ver o mundo, uma cosmovisão) que dita a construção civil parece ilimitada, visto que é construída como um marco que deve ultrapassar as barreiras do tempo e durar para sempre, refletindo assim ambições universalistas constituídas desde a revolução industrial.

Até que ponto a estrutura ali presente é, de fato, eterna? Evidente que ela está de pé ainda, mas será o concreto armado realmente capaz de alcançar a longevidade almejada pelos contemporâneos e sustentada em seus discursos? Ou será que a pretensão (de crescer/se manter) perante o contexto configura a incompatibilidade de se manter grande? Se exposto às intempéries do tempo e do seu entorno (tal qual a umidade e o musgo), eventualmente ele desmancha, ele rói e bota em questão a promessa de durabilidade.





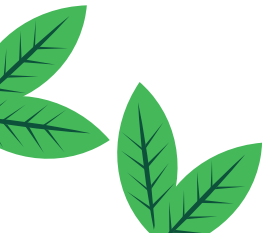
Talvez o descolamento das construções da escala humana e com a vida reflita o descolamento da responsabilidade com a realidade, produzindo implosões, elefantes brancos ou ruínas como respostas aos canteiros de obras que se alimentam de especulações e, por isso, se multiplicam. Esse padrão de expansão pode ser enxergado como um processo linear que não fecha, que não é sustentável porque não há previsão de retorno do sobressalente. Assim, seria esse crescimento um ciclo incompleto? Um processo que não retorna ao início a partir do seu fim porque simplesmente não pensamos no encerramento das coisas?

Parece que alimentamos uma perspectiva de negação ao fim dos ciclos, tornando-os altamente destrutivos para todos, pois consome muita energia e matéria prima enquanto gera muito entulho e lixo.

A partir de estudos realizados durante a matéria *Por umas Arquiteturas Indígenas*, do professor Thiago Benucci (realizada pela Escola Cidade), é possível tecer um contraponto entre a efemeridade das construções vernaculares frente essa arquitetura ocidental dita 'oficial'. Se analisarmos a materialidade das construções dos povos ameríndios, notamos que todos os materiais empregados, como palha, cipós, bambus e madeira, provém do ecossistema que a aldeia se encontra. O que se identifica é uma arquitetura que se desmancha, que possui um prazo determinado de vida. Ela dura enquanto convir, até o momento em que a comunidade decida abandonar aquela aldeia para ocupar outro território e não haja mais necessidade da construção se manter de pé. Assim, seu material se reintegra ao ambiente e essa arquitetura não deixa rastros, podemos dizer que a casa se insere nos ciclos ecológicos da floresta.



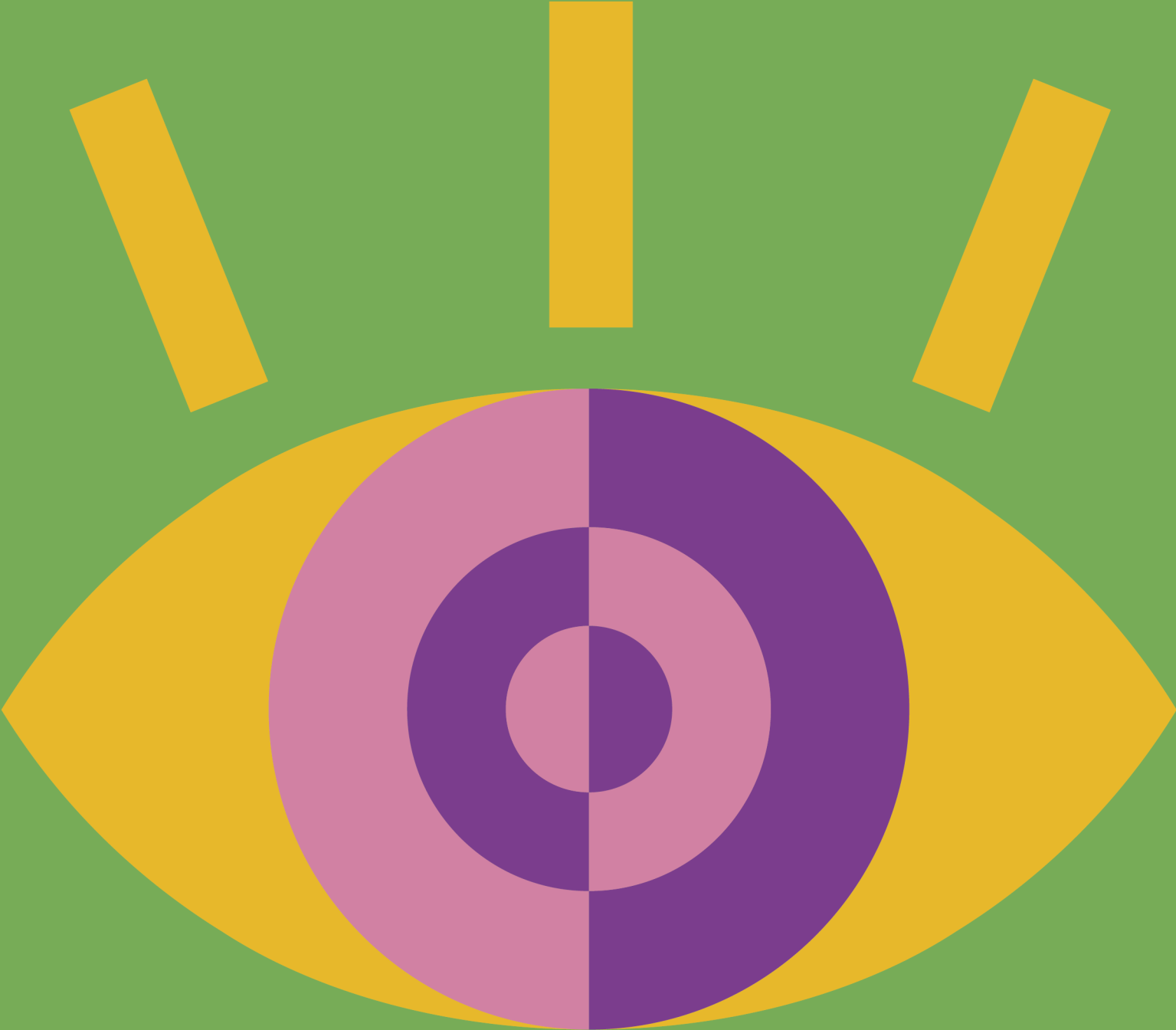
O entendimento da impermanência gera a permanente produção de vínculos: a adoção de tal nomadismo se configura como uma escolha, que estabelece o movimento como fundamento categórico de um povo. A transitoriedade que marca os povos indígenas permite que suas construções sejam leves e façam parte de aberturas e conclusões de processos, o que significa que há, inevitavelmente, a aceitação unânime da transformação das casas-aldeias e, conseqüentemente, da morte delas como um fator natural. Esse aspecto deve ser destacado porque sem tal entendimento, não há como atrelar ao território um caráter dinâmico, capaz de absorver diferentes papéis ao longo do tempo, devido ao apego territorial e materialista. As sociedades que não lidam bem com a ideia da morte criam, naturalmente, certa resistência para encarar o desmantelamento de um processo, assim como assimilar o fim de uma estrutura.



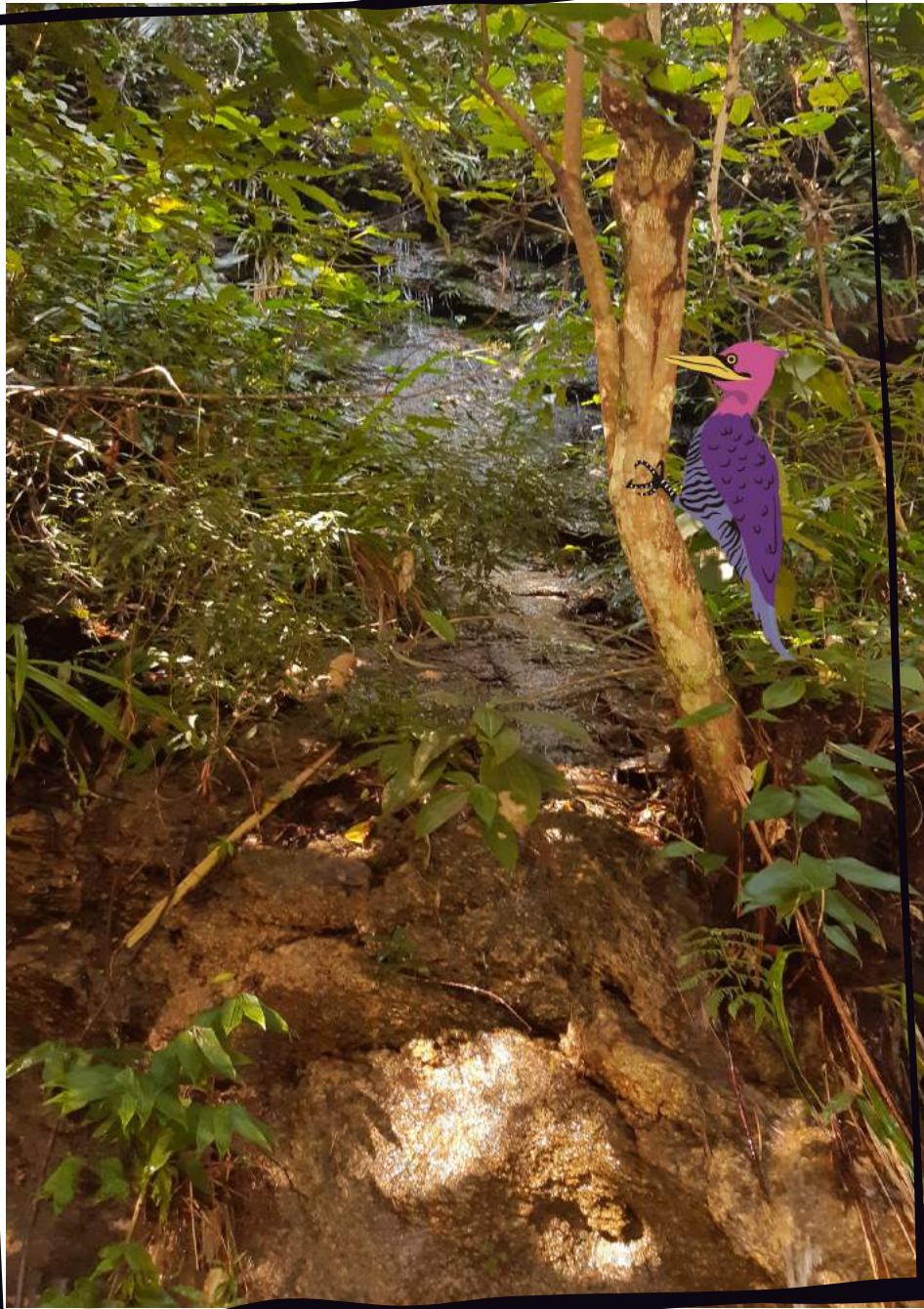
A arquitetura aqui para de cumprir o papel de concret(iz)ar a especulação do crescimento econômico para se tornar perspectiva de um habitar que concebe a produção dos espaços como fruto da agregação entre humanos e os seres não humanos. Essa concepção bate de frente com a dicotomia entre sociedade e natureza (que prolifera uma concepção quase antagônica entre ambos), que separa em dois campos inúmeros aspectos indissociáveis.

Diante de uma cosmovisão outra, a questão que se constrói é, na verdade, qual é a necessidade real de se manter em pé? Quando foi que naturalizamos que “ser durável” é necessariamente uma característica positiva?

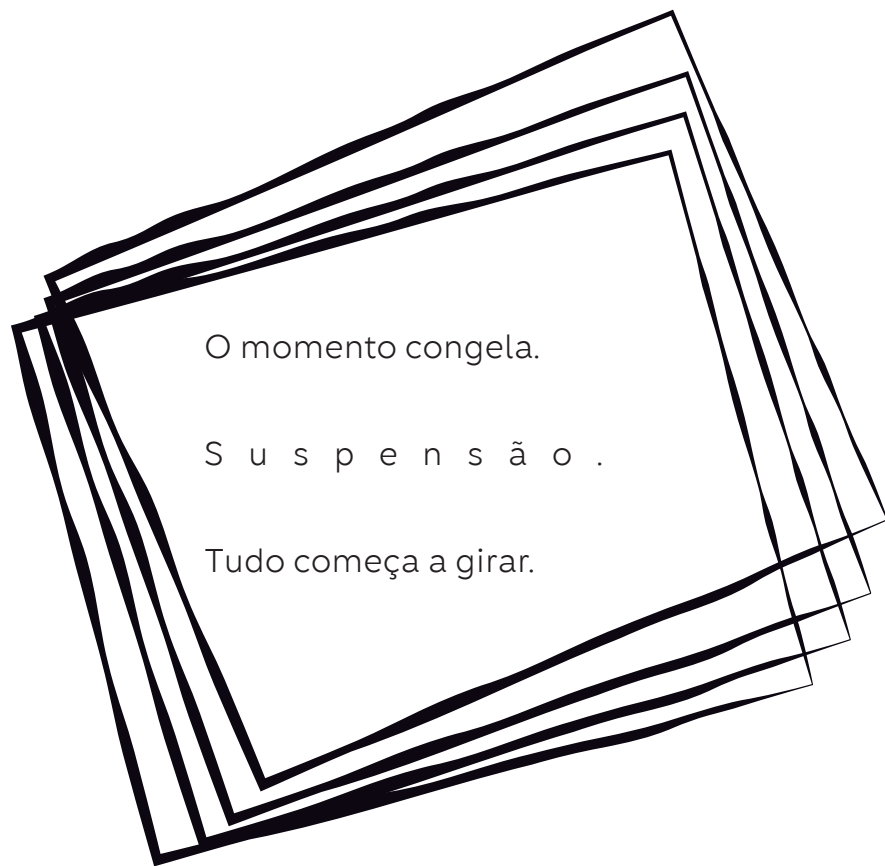
As “outras arquiteturas” são desconsideradas na sociedade brasileira a ponto de não serem dignas de serem estudadas a fundo. Entende-se, já há quinhentos anos, que construções que não se comprometem com a durabilidade são “atrasadas”. Este preconceito condiz com a categorização de subhumanidades e impede que haja trocas e aprendizados entre mundos.



IV . De dentro



As gotas de água ainda correm pela minha nuca quando, do outro lado do asfalto, alcanço um ruído vindo do muro natural de pedra, como se alguém estivesse martelando algo. Meu olhar fica preso em um ponto fixo. Uma relação intrínseca é estabelecida, de forma que paro de notar os carros que passam entre a gente.



O momento congela.

S u s p e n s ã o .

Tudo começa a girar.







O vento arrasta o frio e uma névoa pesada se alastra no tecido multiverde.
Perplexo, faço força para enxergar algo, em vão.







Devaneio Projetual

*“O vento é um menino
Bulindo com a gente
Corre pela saia
Em cima do assento”
- Contravento, Céu*



Por que o sentido de habitar do homem moderno não dá espaço para os seres da floresta, não só como sobreviventes mas como agentes integrantes?

Meu pensamento visita todas as outras temporalidades em que aquele território poderia ter sido ouvido, onde talvez o homem não teria ignorado a essência daquele lugar, primordialmente.

E se a floresta retomasse o espaço que o esqueleto invadiu?

Apresento uma realidade na qual esse território seria tocado por intervenções distribuídas em um circuito, com ambiências específicas que promovam o reencontro entre os corpos presentes com a natureza.



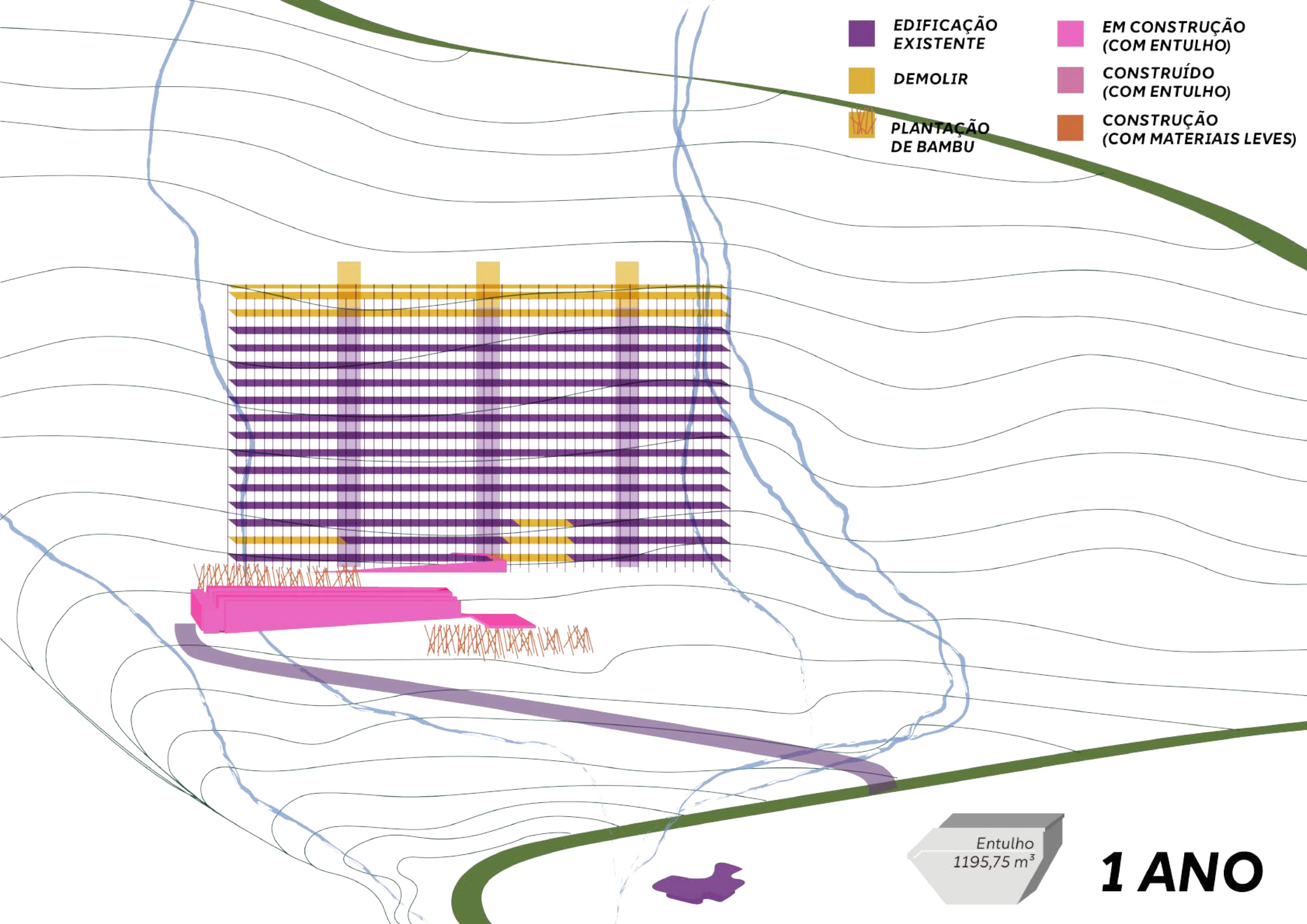


As intervenções se apresentam em cinco cenários temporais distintos. Isto porque elas avançam de acordo com a diluição das lajes de concreto, isto é, proporcional com o acúmulo de entulho gerado. O respeito do tempo obedece a disponibilidade material não só do entulho, ela se configura também na espera das colheitas dos bambus ali plantados.

Ao sabor do tempo

EDIFICAÇÃO EXISTENTE
DEMOLIR
PLANTAÇÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)
CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)
CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1195,75 m³

1 ANO

EDIFICAÇÃO EXISTENTE

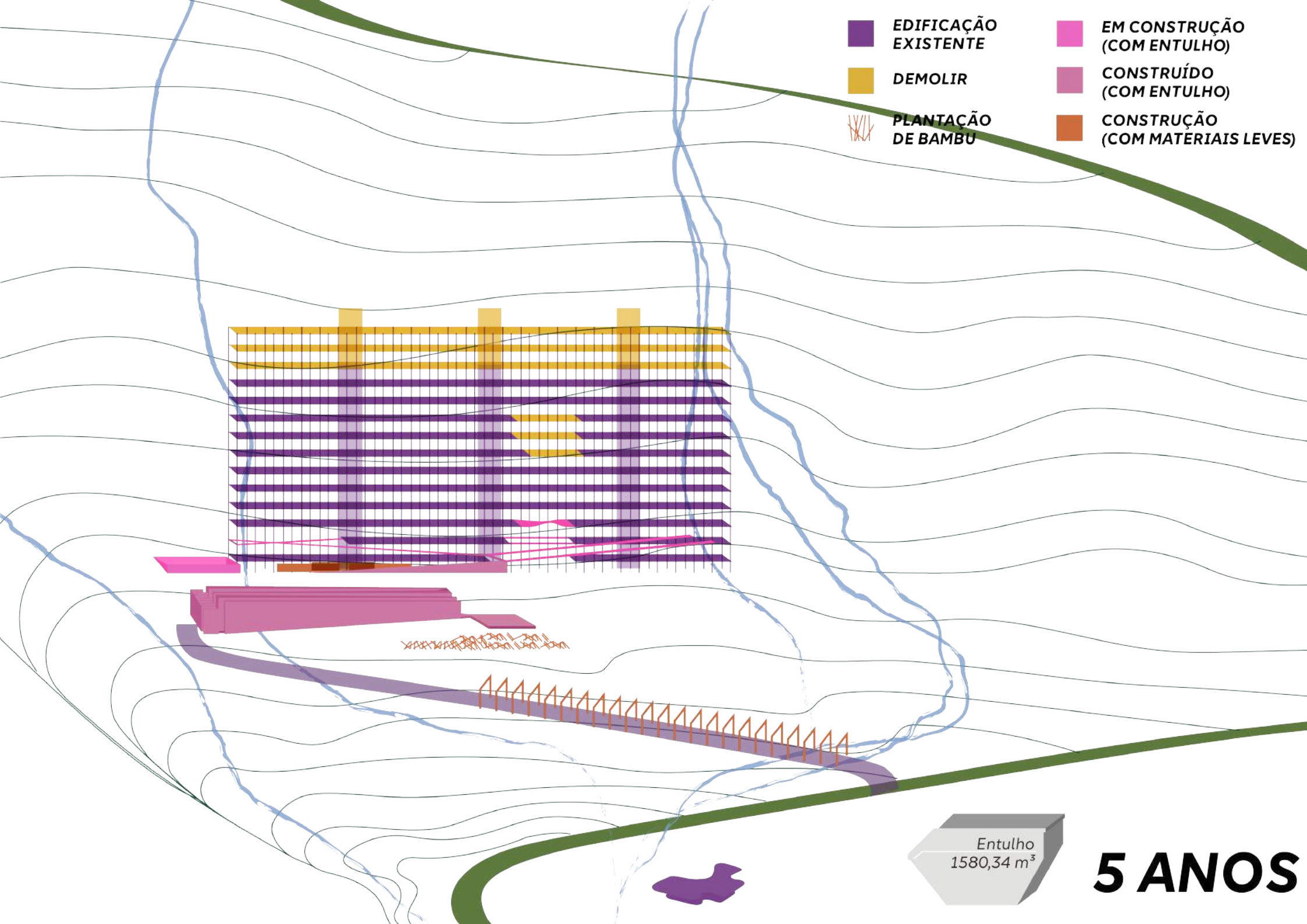
DEMOLIR

PLANTACÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)

CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)

CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1580,34 m³

5 ANOS

EDIFICAÇÃO EXISTENTE

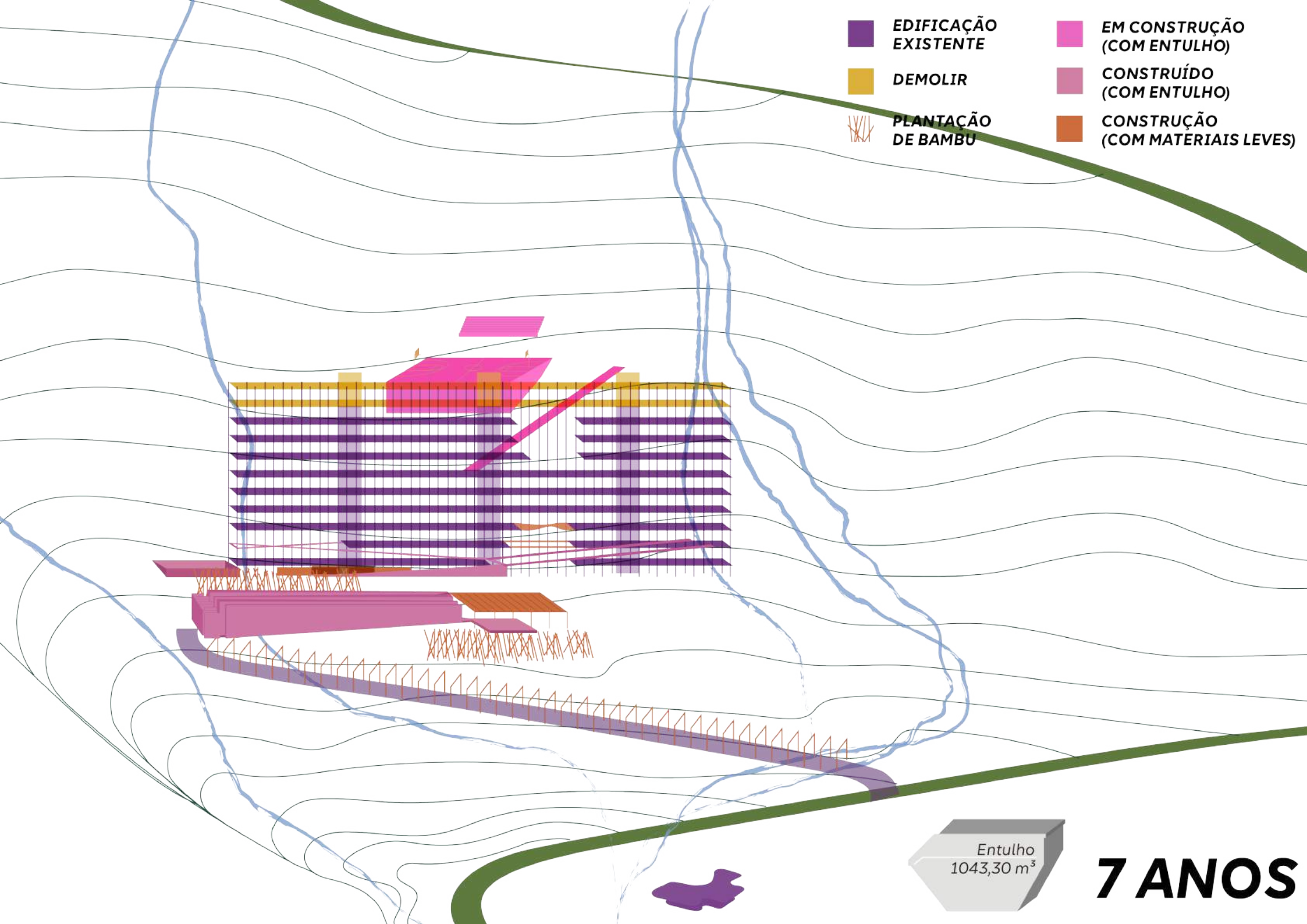
DEMOLIR

PLANTAÇÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)

CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)

CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1043,30 m³

7 ANOS

EDIFICAÇÃO EXISTENTE

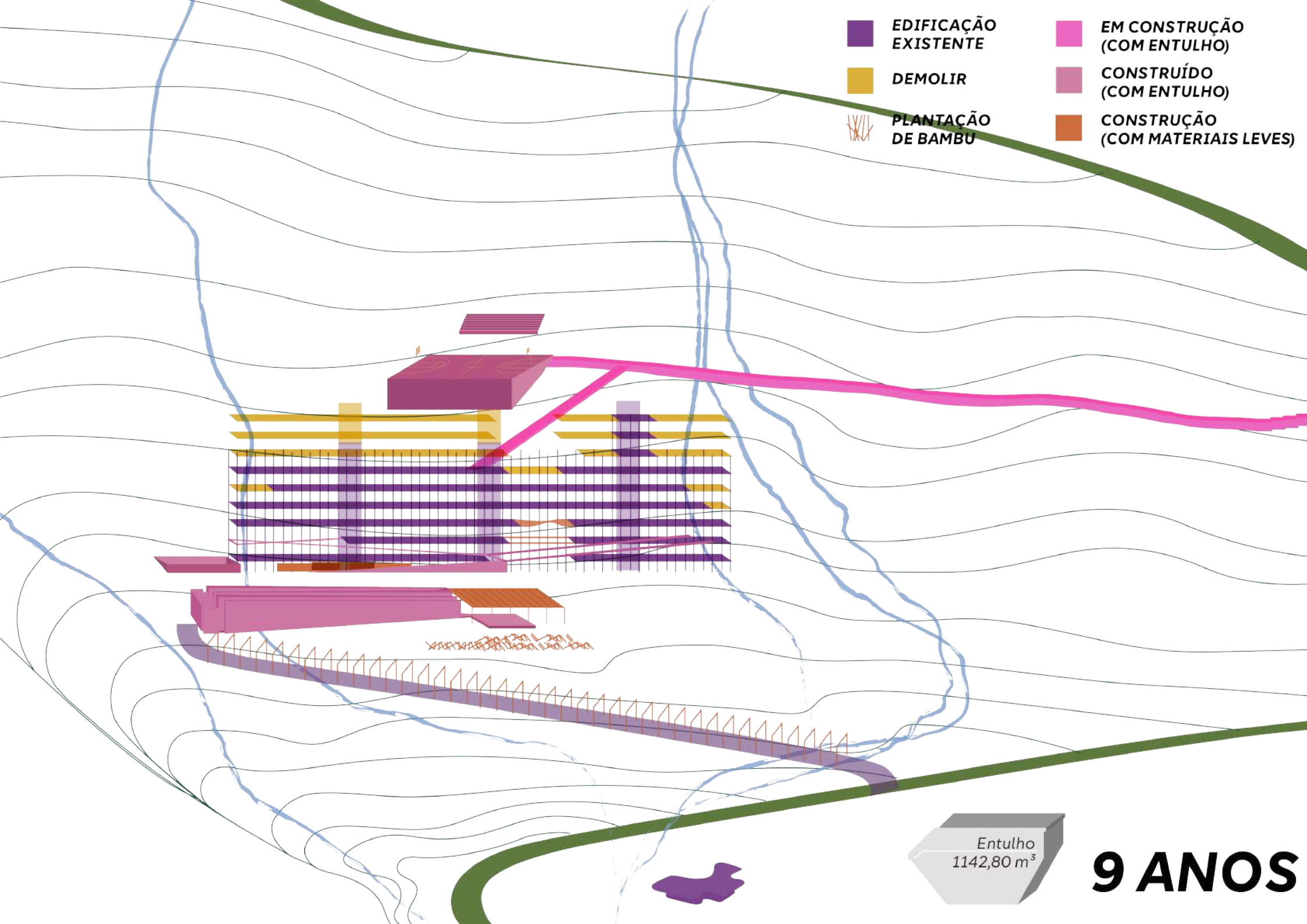
DEMOLIR

PLANTACÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)

CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)

CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1142,80 m³

9 ANOS

EDIFICAÇÃO EXISTENTE

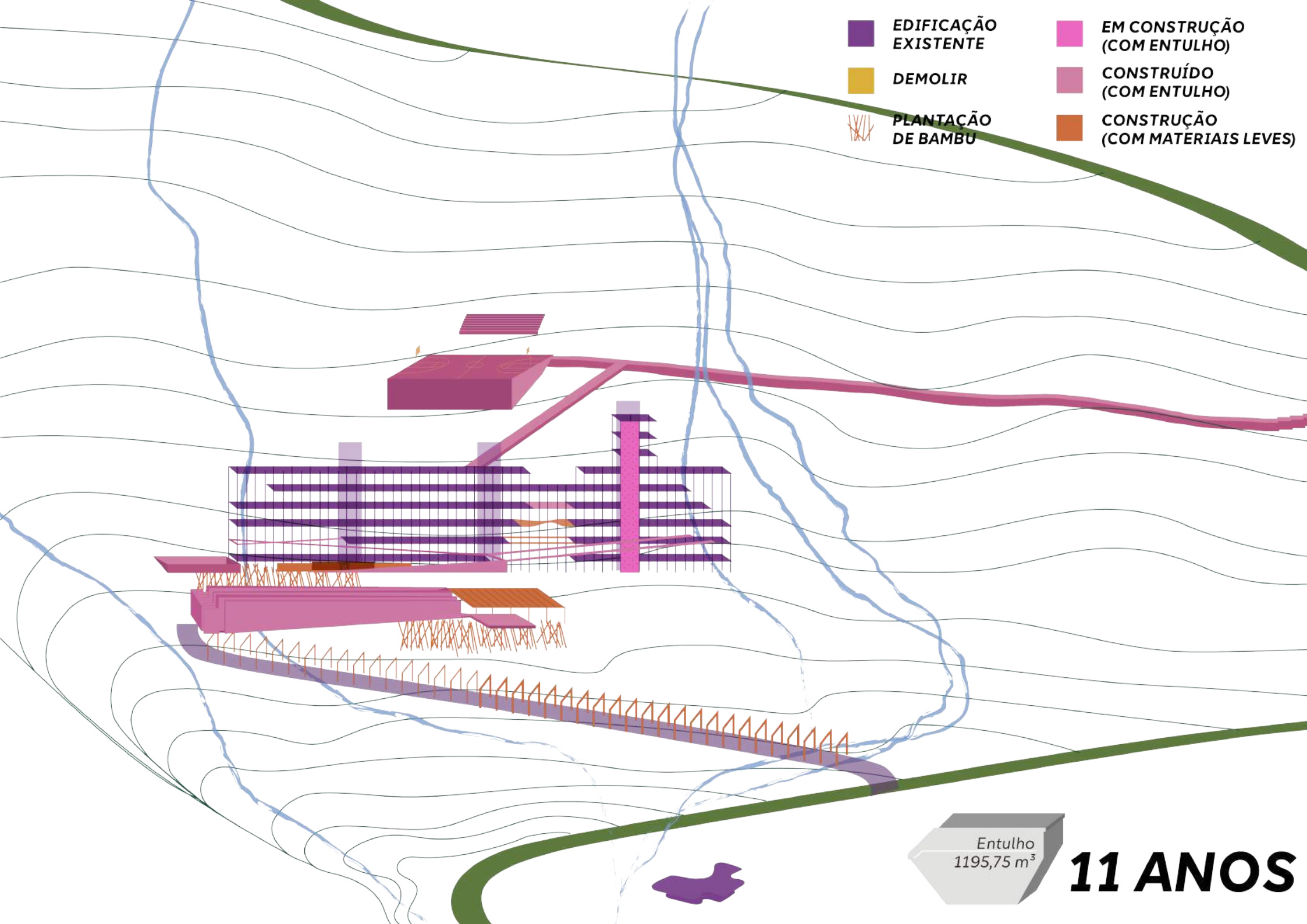
DEMOLIR

PLANTACÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)

CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)

CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1195,75 m³

11 ANOS

EDIFICAÇÃO EXISTENTE

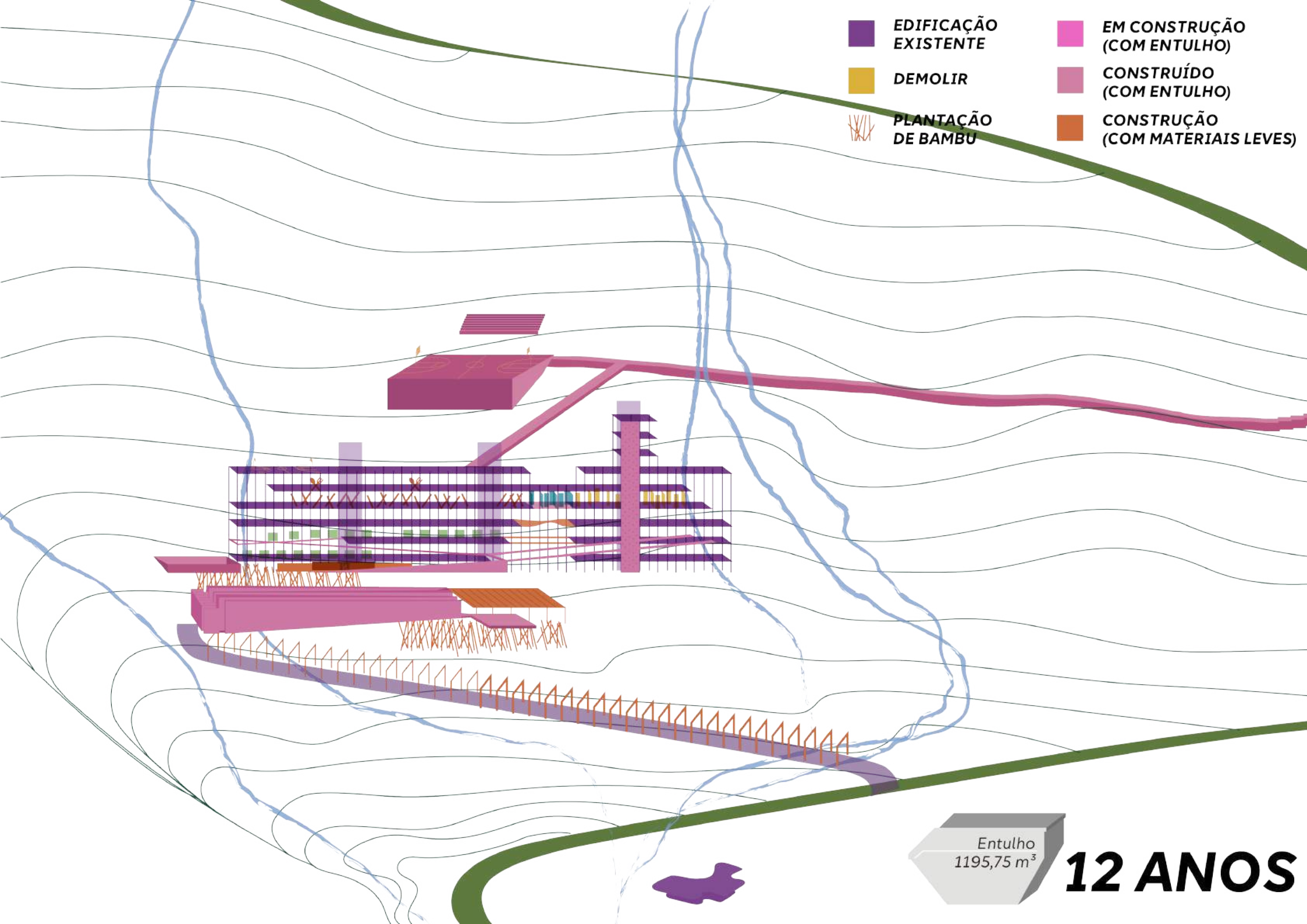
DEMOLIR

PLANTACÃO DE BAMBU

EM CONSTRUÇÃO (COM ENTULHO)

CONSTRUÍDO (COM ENTULHO)

CONSTRUÇÃO (COM MATERIAIS LEVES)



Entulho
1195,75 m³

12 ANOS

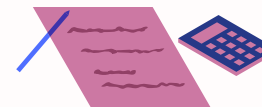
Ano 01

- Estudo estrutural
- Instalação do volume de entulho na entrada inferior, assim como suas rampas
- Início da construção da rampa de acesso ao primeiro pavimento do edifício
- Poda das árvores e instalação da plantação de bambu
- Construção do laboratório de tratamento do bambu
- Cursos livres

Ano 05 (a primeira colheita após o início da plantação de bambu é de, em média, 4 anos)

- Construção das rampas de acesso aos outros pavimentos do edifício
- Construção da comporta e da estrutura da piscina
- Construção do circuito de bambu na entrada inferior
- Construção das paredes de taipa de pilão
- Instalação da exposição fixa da Floresta da Tijuca

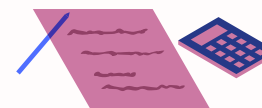
Memória de Cálculo



2 lajes + cobertura+ 13,5 módulos=
945,40 m³

3 Torres (48m³ cada, por andar)=
120 m³

Total
1195,75 m³



3 lajes + 7 módulos=
1045,30 m³

Pilares (48m³ por andar)=
144 m³

3 Torres (48m³ cada, por andar)=
391,04 m³

Total
1580,34 m³

*Compreende-se por módulo o intervalo de 6 metros entre os pilares do edifício

Ano 07 (após a primeira colheita, as subseqüentes são de, em média, 2 anos)

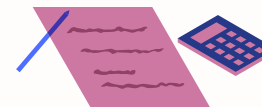
- **Construção do deck de madeira a fim de ampliar o espaço da praça central**
- **Construção da quadra externa conformada pela contenção de entulho**
- **Construção da ponte de acesso à quadra no nível superior**
- **Continuação do circuito de bambu**
- **Funcionamento temporário da cozinha panorâmica**
- **Abertura do pavimento-pista (de skate, bicicleta...)**
- **Abertura do pavimento labiríntico**

Ano 09

- **Construção do corredor de acesso ao circuito pelo nível superior.***
- **Início da construção da rampa de acesso ao primeiro pavimento do edifício**
- **Poda das árvores e instalação da plantação de bambu**

***Possui 200 metros de extensão e liga o já existente estacionamento da Estrada das Canoas à quadra superior, assim como com a ponte de acesso ao esqueleto**

Memória de Cálculo

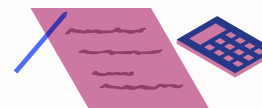


2 lajes + 4 módulos=
686,6 m³

Pilares (48m³ por andar)=
96 m³

3 Torres (48m³ cada, por andar)=
260,69 m³

Total
1043,3 m³



2 lajes + 2 módulos=
655,8 m³

Pilares (48m³ por andar)=
96 m³

3 Torres (48m³ cada, por andar)=
391 m³

Total
1142,8 m³

Ano 11

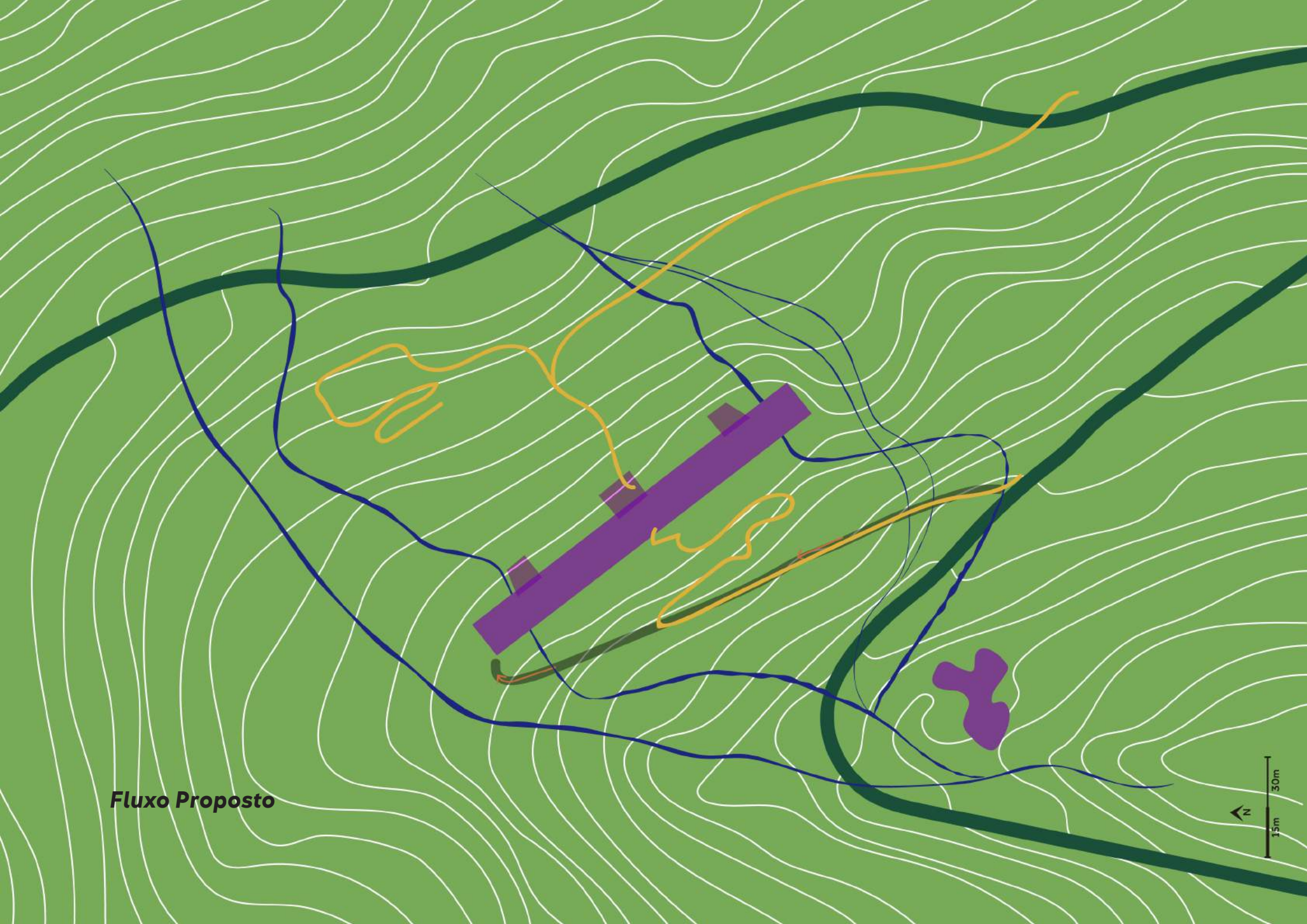
- *Construção da fachada de escalada*
- *Estabelecimento de uma tirolesa na cobertura da torre-mirante*
- *Funcionamento fixo da cozinha panorâmica*

Memória de Cálculo

FASE 01 - 1195,75 m³
FASE 02 - 1580,34 m³
FASE 03 - 1043,3 m³
FASE 04 - 1142,8 m³
Total de Entulho - 4962,19 m³

Ano 12

- *Pleno funcionamento de todos os programas*



Fluxo Proposto







Ano 05





Ano 07





Ano 09

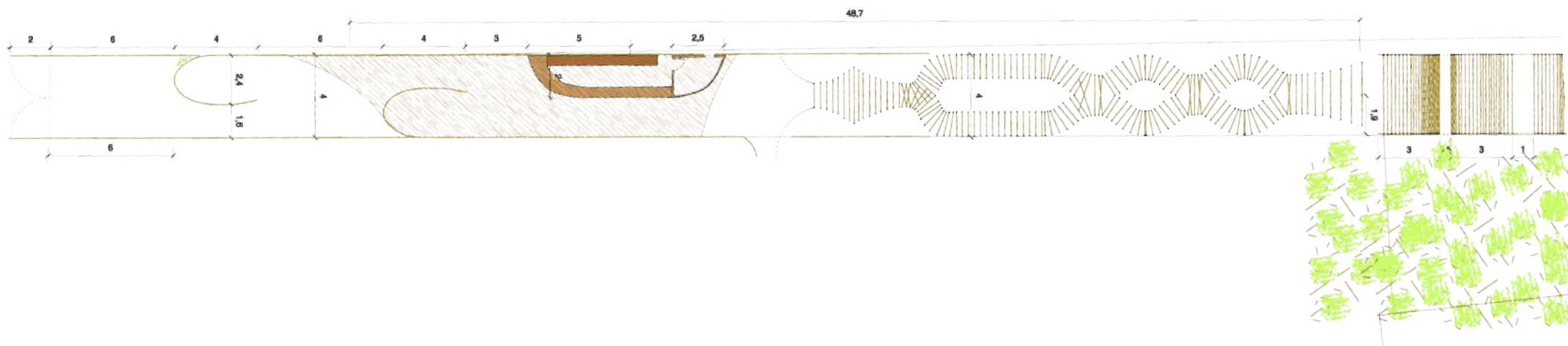


Quando abro os olhos novamente, estou cercado por dois muros de bambu com cerca de 4 metros cada, que se erguem nas laterais da ladeira que foge da Estrada das Canoas e formam um corredor. A placa com o número 2401 aponta que estou na entrada do terreno do Esqueleto (na frente da Casa das Canoas).

Será que esse corredor vai me levar até o edifício? Como será que ele se encontra atualmente?

Uma correnteza de curiosidade me arrasta em direção às paredes de bambu. Uma onda foge do paredão linear e paralelo: um plano curvo eclode e corta a passagem pela metade. Não há só bambus cortados, suas folhas apontam que existem uns ali plantados. O caminho se abre, olho para trás e vejo o interior da curva: um espaço com bancos que aspira conforto e resguardo no meio da floresta.

O tempo parece passar diferente ali. Mais a frente, o movimento da parede se replica espelhado, mas agora protegido por uma cabana de chegada. Feito de madeira, há um balcão e alguns bancos cobertos nesse estar receptivo.



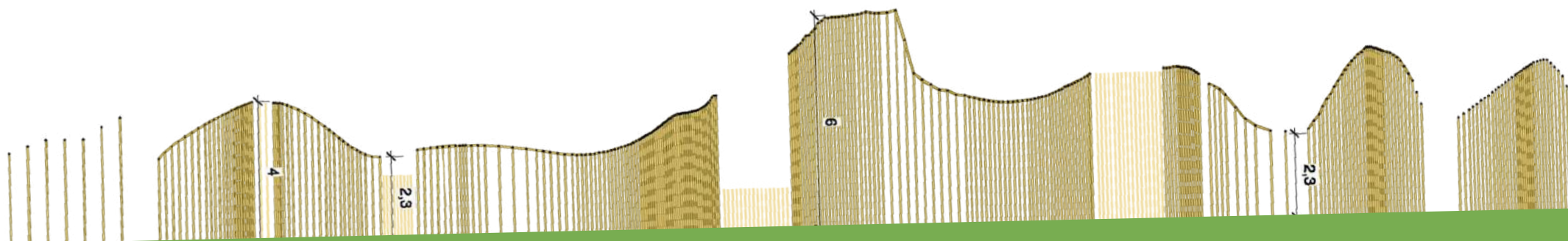
Os cantos dos pássaros se rompem com um estrondo. A água cai do céu com força torrencial e me sinto feliz de estar protegido. Me sinto recepcionado pela cobertura. A cena das gotas de chuva que correm a palha e pingam devagar no chão acompanham seu som incomparavelmente relaxante. O frescor traz memórias e tranquilidade.

O vento e minha curiosidade surgem incontroláveis: o primeiro afasta a nuvem carregada, a segunda avança com meus pés floresta adentro.



Me deparo com um pequeno portal de bambu. Um não, vários. Na verdade, são inúmeros pórticos de bambu enfileirados, uma sequência de estruturas independentes atravessáveis que crescem e retraem gradativamente. A alternância dos tamanhos entre eles forma uma visão seriada animada, parece que estão em movimento tal qual meu corpo. O corredor parece respirar. Intervalos de claridade são estipulados pelas sombras dos colmos que passam por minha cabeça.

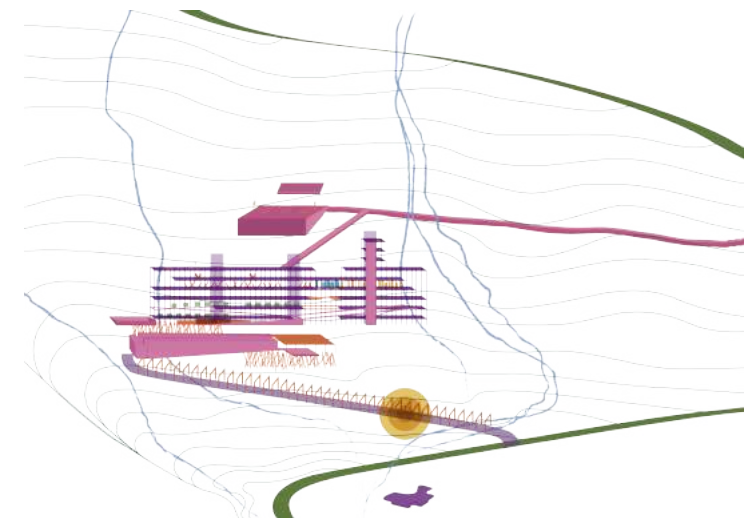
O caminho se bifurca em zigue zagues, até que encontro um piso de bambu marcado pela sombra dos mesmos, posicionados um ao lado do outro, eles ficam mais próximos até se juntarem e interromperem a passagem de luz. Até os próximos 2 metros. Há alternância nas proximidades entre os bambus, que agora criam um túnel com altos e baixos, com uma altura que varia entre 2,3 até 6 metros, em um desenho estranhamente familiar. Entre as árvores e os bambus consigo avistar a Pedra da Gávea escondida ao fundo. A presença do elemento pedra aparece também em cascalhos que surgem nas extremidades do percurso, piso em alguns e logo meus passos cantam por onde passam.



Além dos muros nas laterais, agora aparece um no meio do caminho, permitindo a passagem do lado esquerdo ou direito. Titubeante faço minha escolha, mas logo depois surge mais um, dessa vez o vazio fica no centro do caminho. Assim se segue, não consigo andar em linha reta, sempre há uma parede que preciso contornar. Me sinto em um labirinto feito todo de bambu. É curioso pensar como o bambu pode servir como elemento arquitetônico, ainda que singelas, essas estruturas conformam e criam espaços. Em determinado momento consigo ver entre as paredes laterais e avisto uma floresta de bambus ao meu lado. Eles são plantados aqui, tratados e ressignificados nesse mesmo terreno.

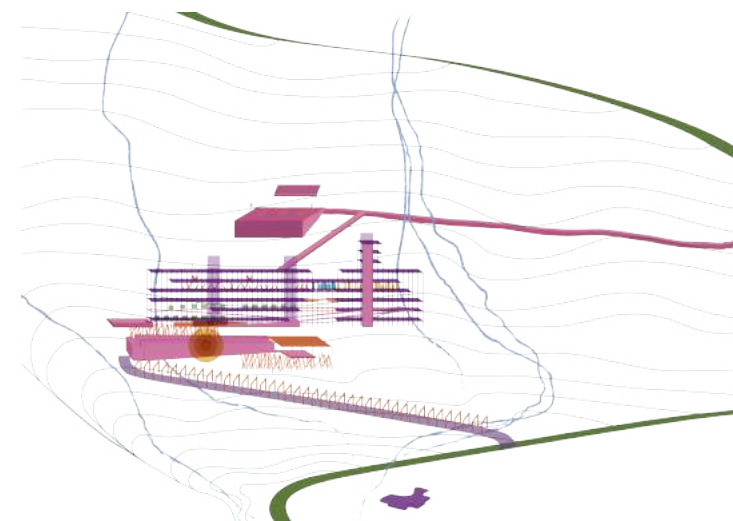
É possível enxergar esse ciclo construtivo que se sustenta e se fecha, mesmo porque esse mesmo bambu que agora é arquitetura será absorvido pela floresta ao longo dos anos, pois não se pretende à eternidade, é *efêmera*.

Os planos se diluem: as paredes se transformam em pequenos conjuntos de 7 colmos (tronco do bambu tratado) espalhados pelos 4 metros de largura do caminho. Novamente preciso estar atento ao trajeto para desviar dessa floresta artificial. Para onde será que o bambu está me transportando?



Continuo subindo quando vejo uma entrada. Uma rampa que surge e desaparece por trás de um muro muito alto, de nove metros de altura (tal qual os da Estrada das Canoas) e que não percebi que estava ali antes. Ele parece acompanhar já há algumas dezenas de metros, mas plantas trepadeiras não permitiam que eu enxergasse sua estrutura. Ele é preenchido com entulho e amarrado com gabiões, uma malha xadrez metálica que o segura. Não há indicação de placa, nem no chão ou em qualquer outro lugar, apenas a rampa que nos chama. Atendo o pedido e sigo o trajeto de subida suave¹ delimitado pelas altas paredes. À medida que avanço, um teto me deixa mais distante da luz, como em um túnel. Porém não demora muito para que seja estabelecido um ritmo de aberturas e fechamentos zenitais. Chego no final da rampa de cinquenta metros e encontro uma área de respiro fora do entulho, coberta por um deck de madeira e que conta com arquibancadas, que parecem contemplar o verde intenso da floresta.

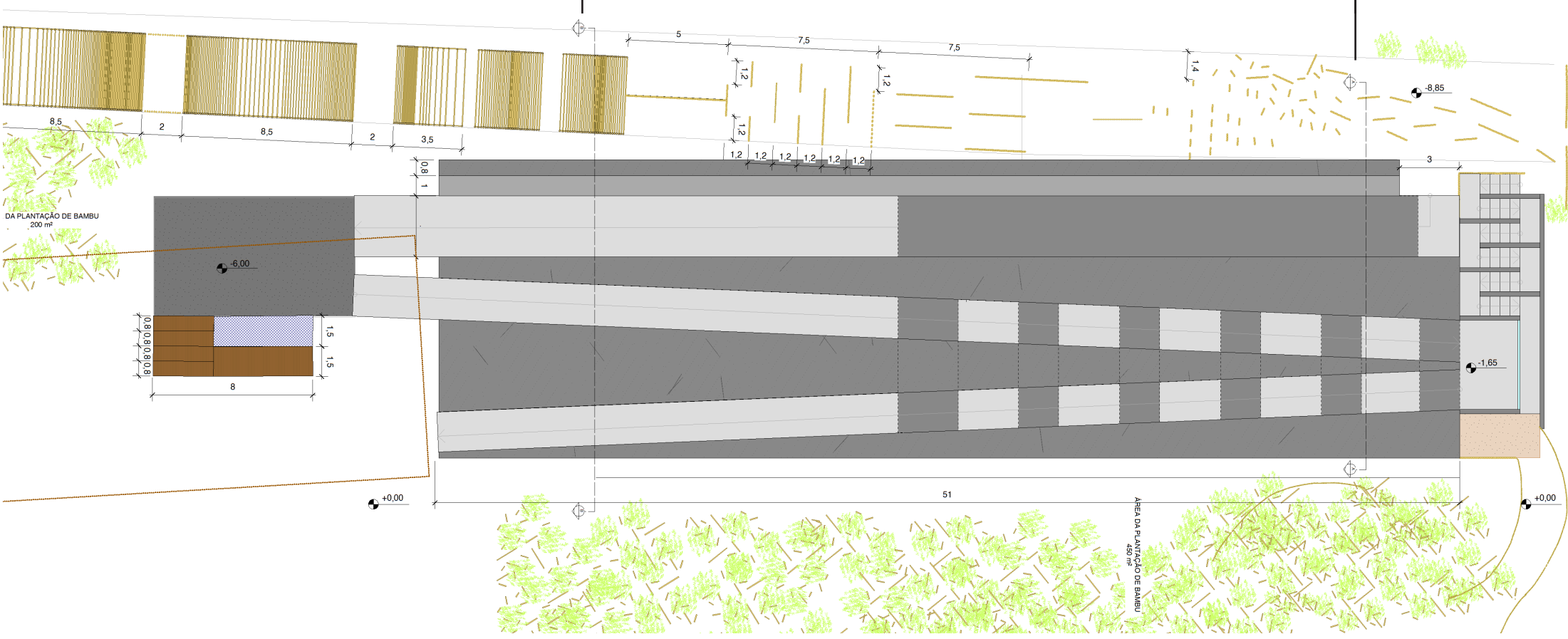
Paralela à entrada por onde cheguei, uma outra rampa segue subindo no sentido oposto. Não consigo solucionar o mistério de onde se chegará, preciso aceitar a limitação do meu corpo em relação aos extensos muros. Volto a ficar suscetível à imersão de um caminho desconhecido. Tenho a sensação de que as paredes diminuem. Digo, elas permanecem da mesma altura que antes, agora eu quem estou mais alto. Um banco marca o final da rampa, mas outra segue adiante, em um longo zigue-zague. Perco a noção exata de qual temporalidade me encontro. Novamente, o percurso dita um ritmo ao meu corpo, assim como cria expectativas a cada curva. É desorientador não saber o que virá a seguir. Entretanto, é inevitável não dar continuidade ao movimento.

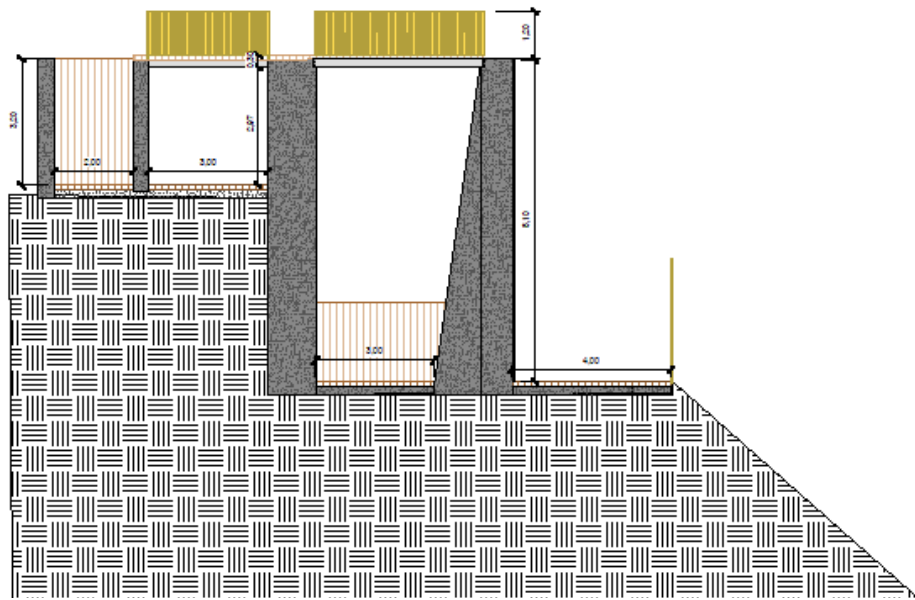


1 Todas as rampas do projeto possuem 8% de inclinação)

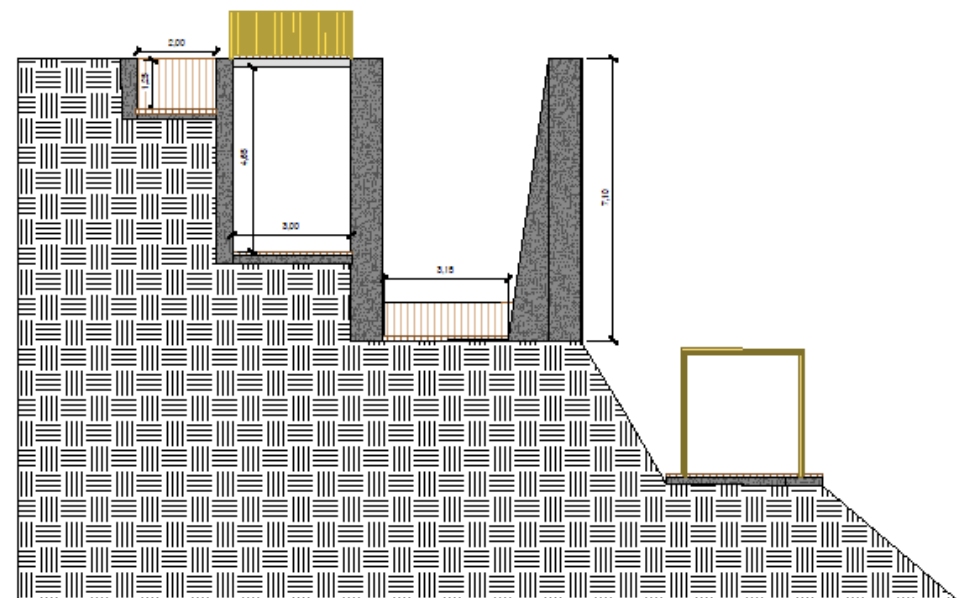
CORTE A ←

CORTE B ←





CORTE A



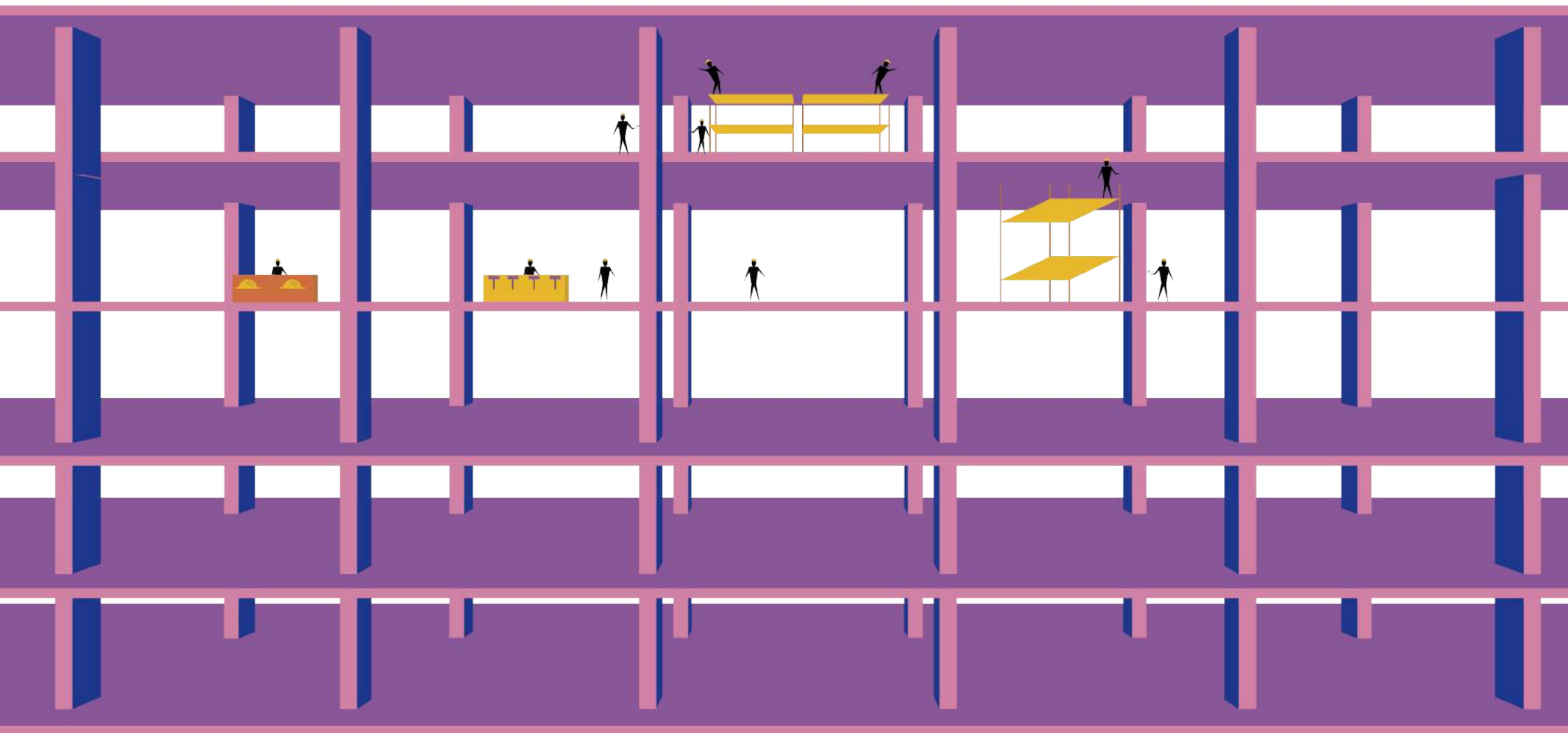
CORTE B

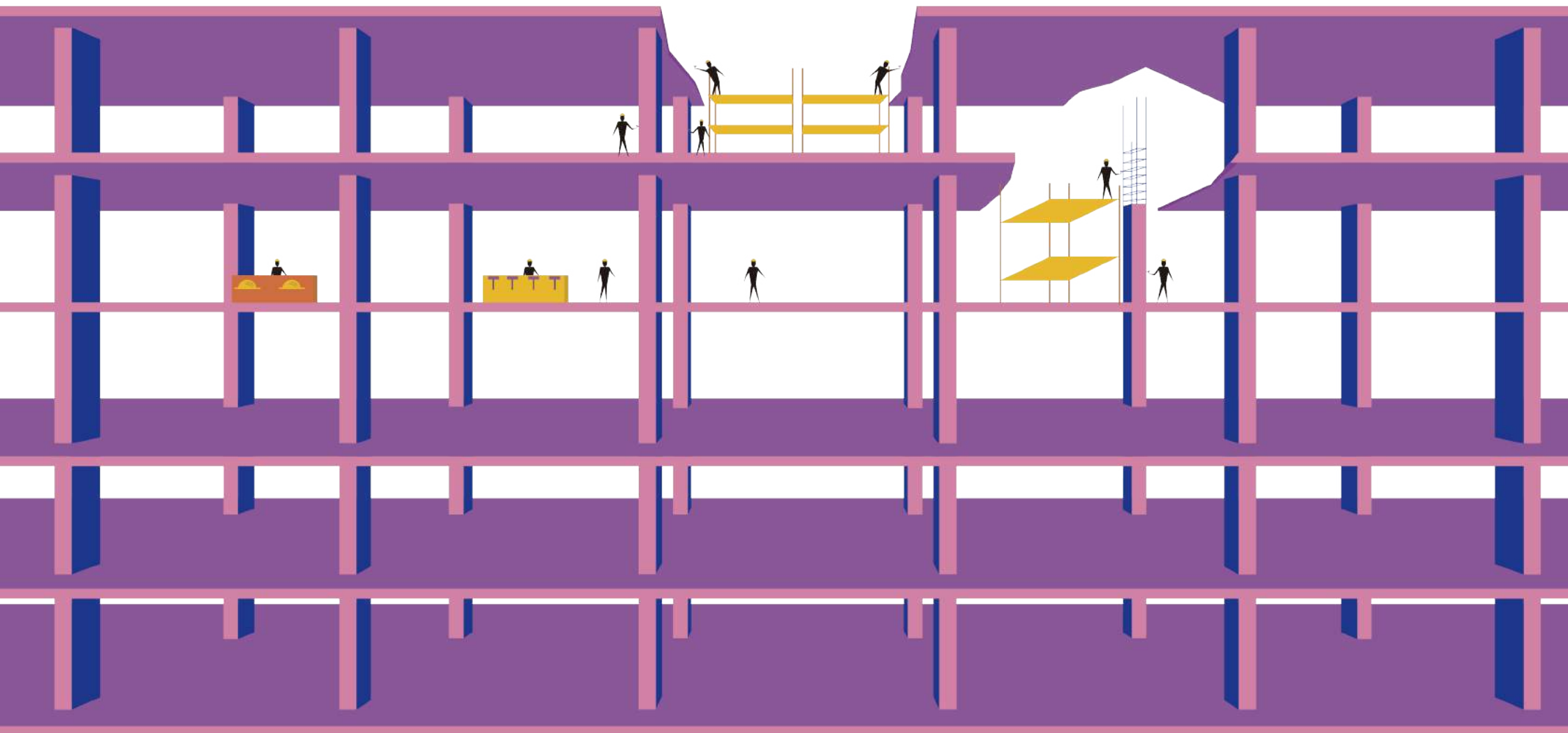
*“Nunca mais o meu passado
Para sempre o meu futuro
Nada certo, nada errado
Tudo claro, tudo escuro
O que é que tem do outro lado do muro
Está cortando essa cidade no meio
Pro outro lado, é tudo só novidade
Pro nosso lado, o bairro chama saudade” -
O Terno, Passado/Futuro*

Escuto um ruído: dessa vez não vem do céu, mas do meu lado. Ouço uma sinfonia de martelos se aproximando a cada passo que dou. Com a trilha sonora sinto meu corpo mais leve, o ar flutua materno. A gravidade parece líquida no momento que os muros de entulho se transformam em muretas e não enxergo mais a massa de concreto rompendo a altura das árvores e crescendo em direção ao céu. Será que a ruína desapareceu? O som característico de um canteiro de obras aumenta e aperto o passo para ver o que acontece.

Quando a rampa chega finalmente ao nível térreo do edifício, uma clareira se abre. Na minha frente há um deck de madeira de trezentos metros quadrados (pelo qual passei por debaixo) que compõe uma grande praça, um ponto de encontro central que se estende aos outros doze metros de terra plana e recebe uma estrutura de concreto de aproximadamente seis andares. O que aconteceu com os outros dez pavimentos que cresciam para além da massa arbórea?

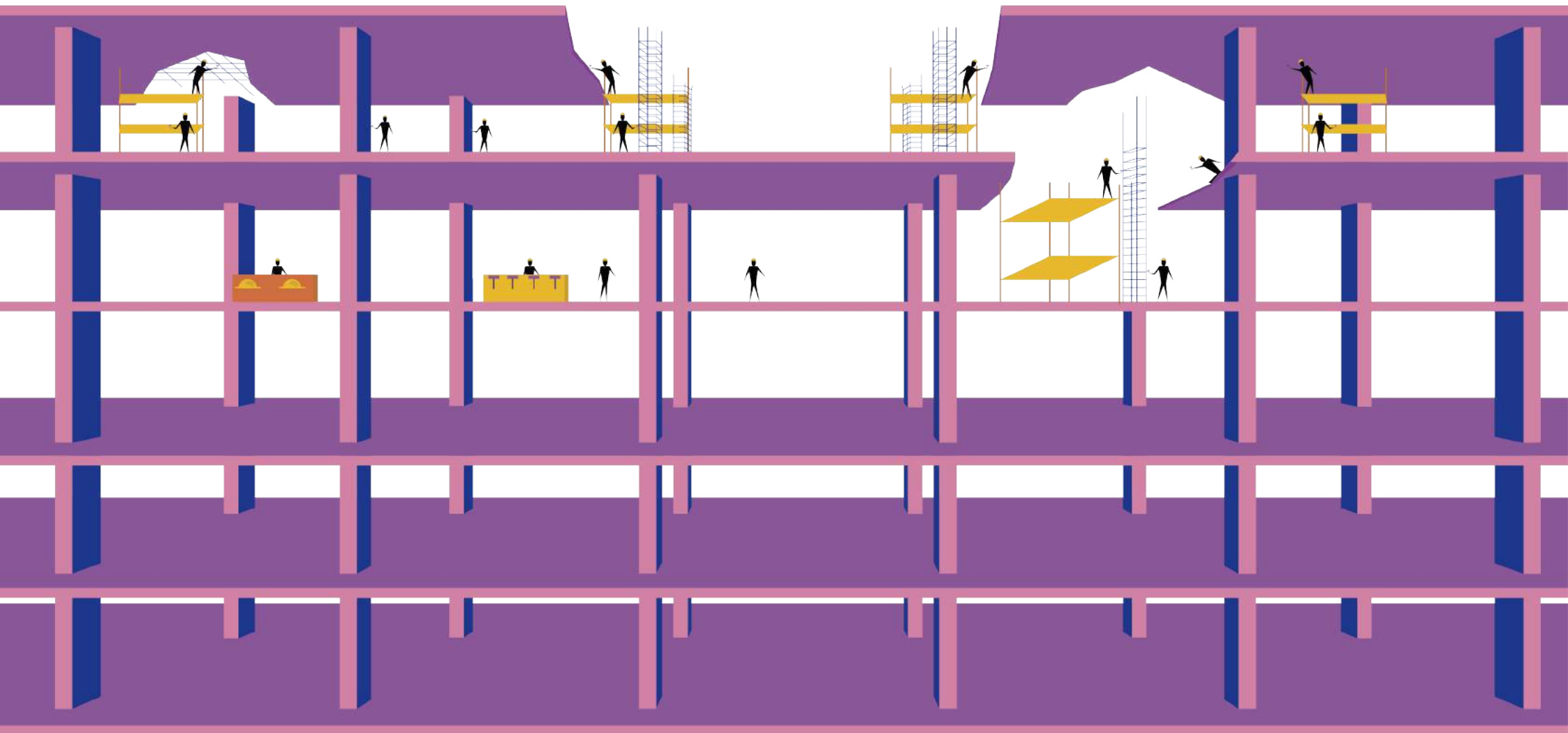
Um grupo de pessoas está no último andar do edifício, elas usam capacete e martelam o concreto. Teria sido esse o destino do restante do edifício? Algumas outras passam por mim e vão em direção à estrutura, elas conversam entre si e escuto que se trata de uma demolição coletiva e voluntária. As pessoas são convidadas a ajudar a desmantelar esse esqueleto, em um ato de compreensão do simbolismo que isso carrega. A importância de não ignorar o edifício se faz necessária para que se entenda o ethos por trás da sua construção e, assim, encarar os problemas que ele carrega ao ser erguido. O gesto parece agir em sintonia com a terra, pois busca cultivar habilidades e práticas ecológicas a fim de gerar um conhecimento coletivo de nossas atitudes, para que possamos refletir não só sobre a forma que habitamos o planeta, mas que sabe em maneiras outras de se construir que não a empregada pela construção civil 'oficial'.





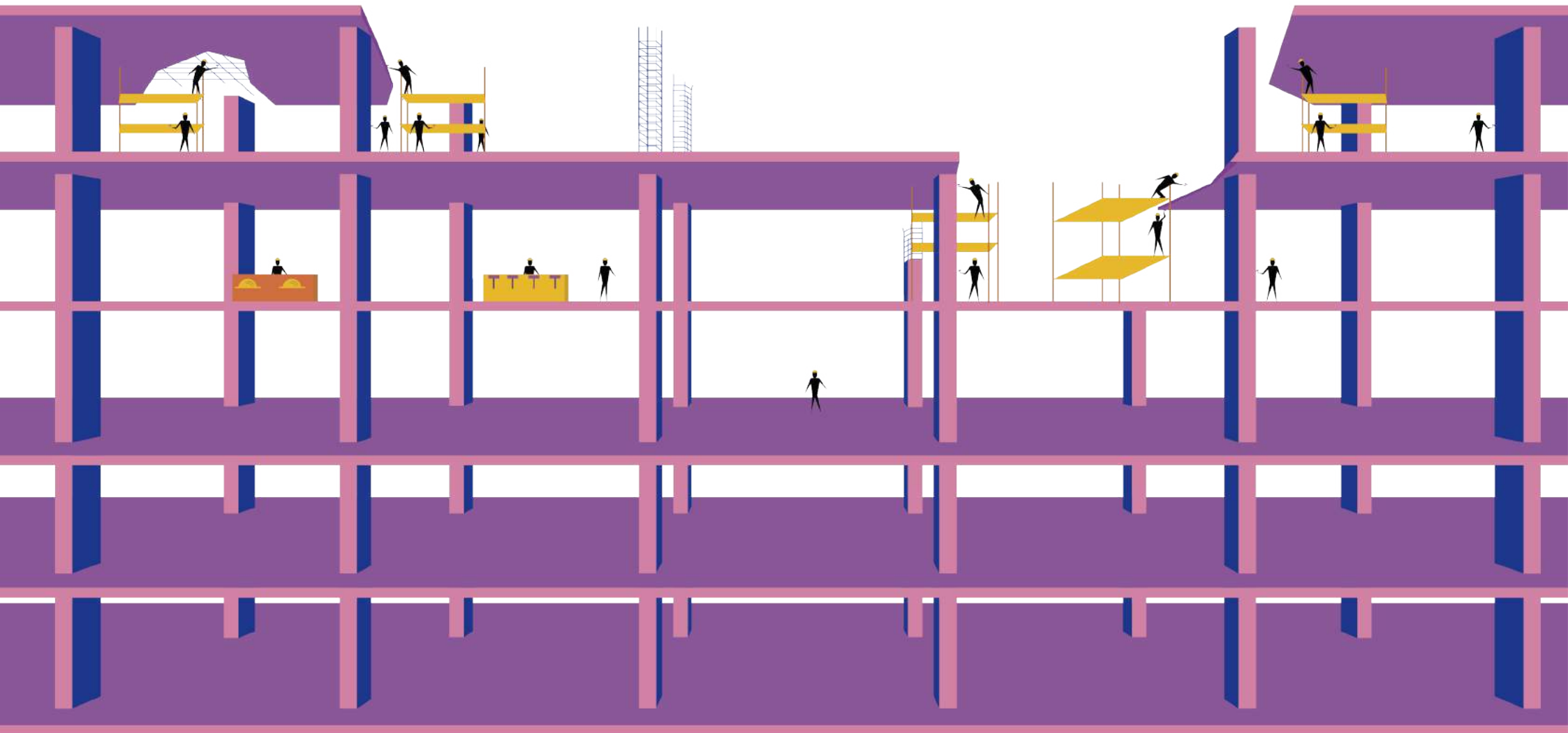
ENTULHO





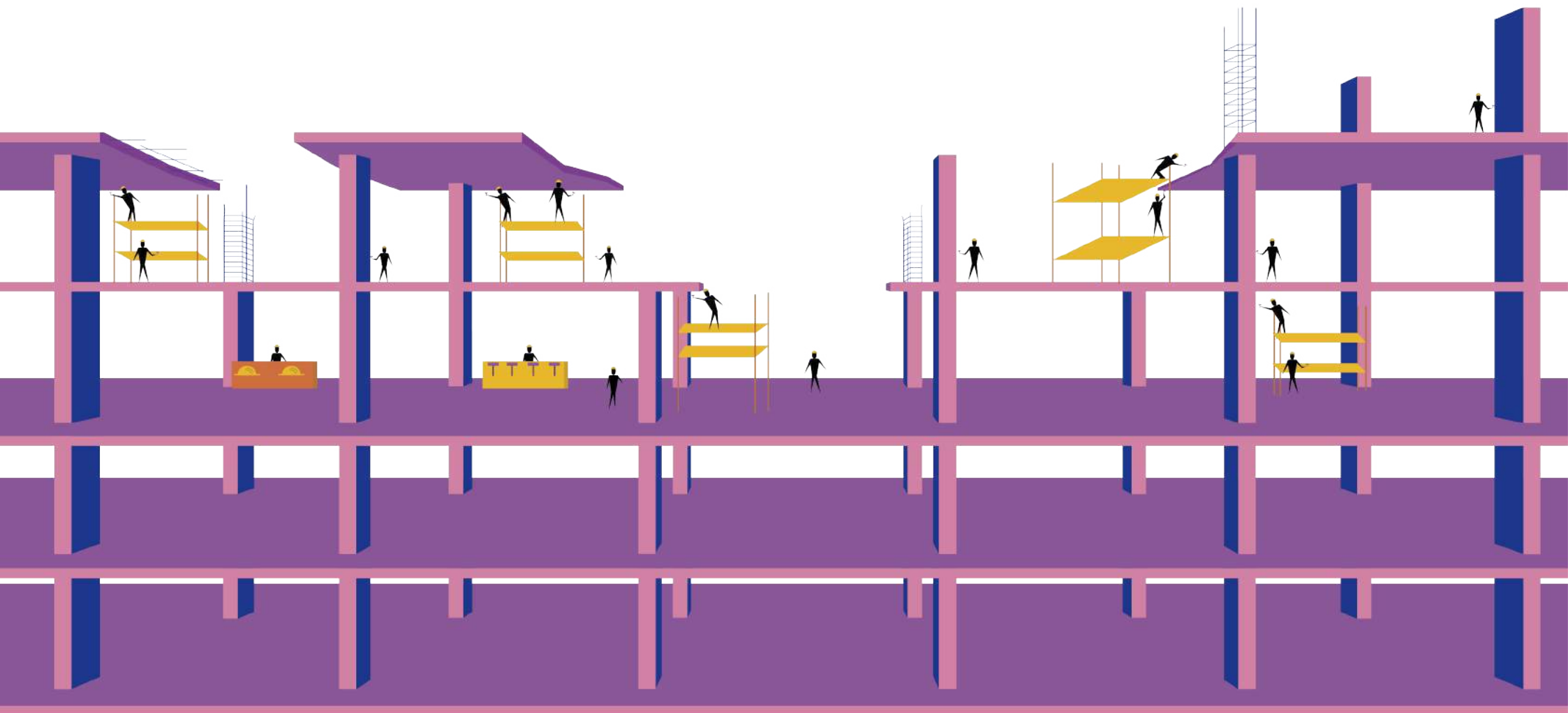
ENTULHO





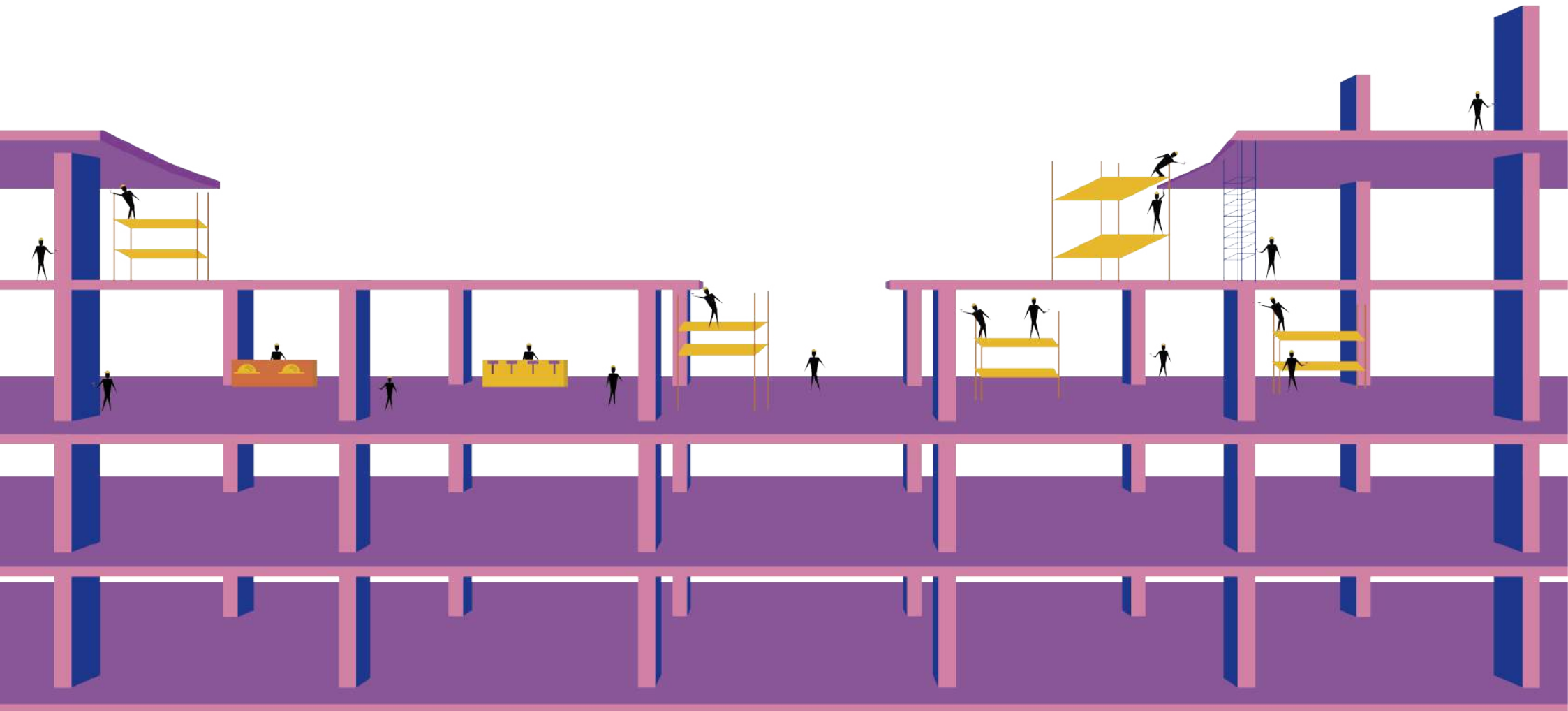
ENTULHO





ENTULHO

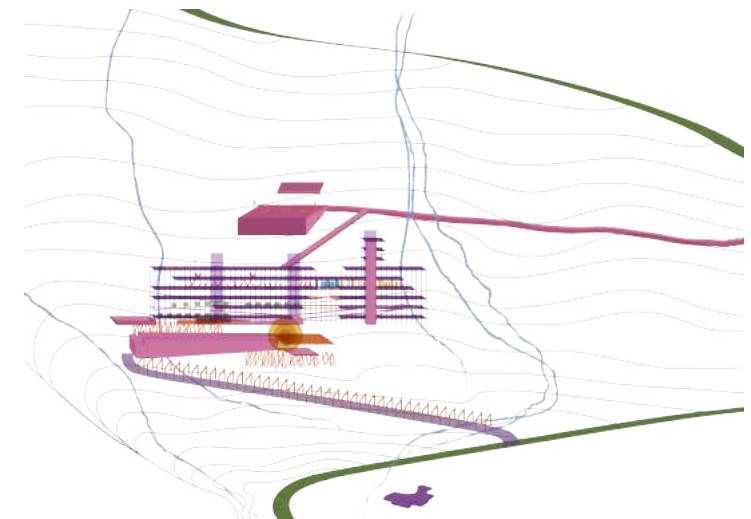




ENTULHO



Olho para trás em direção ao caminho que acabei de percorrer e, ao ver o volume de entulho pelo qual passei, entendo. Essa massa compactada trata do mesmo concreto que estava há dezenas de metros de altura anteriormente. O seu entulho é ressignificado e adequado no mesmo terreno, criando topografias, paredes, rampas e outras intervenções. O “lixo” aqui gerado, é aqui tratado e transformado, tal qual o próprio bambu: eu consigo andar por cima deste entulho graças ao piso revestido com painéis de bambu ripados e aos cipós densos que formam guarda-corpos que protegem dos vazios criados para a passagem das rampas abaixo.

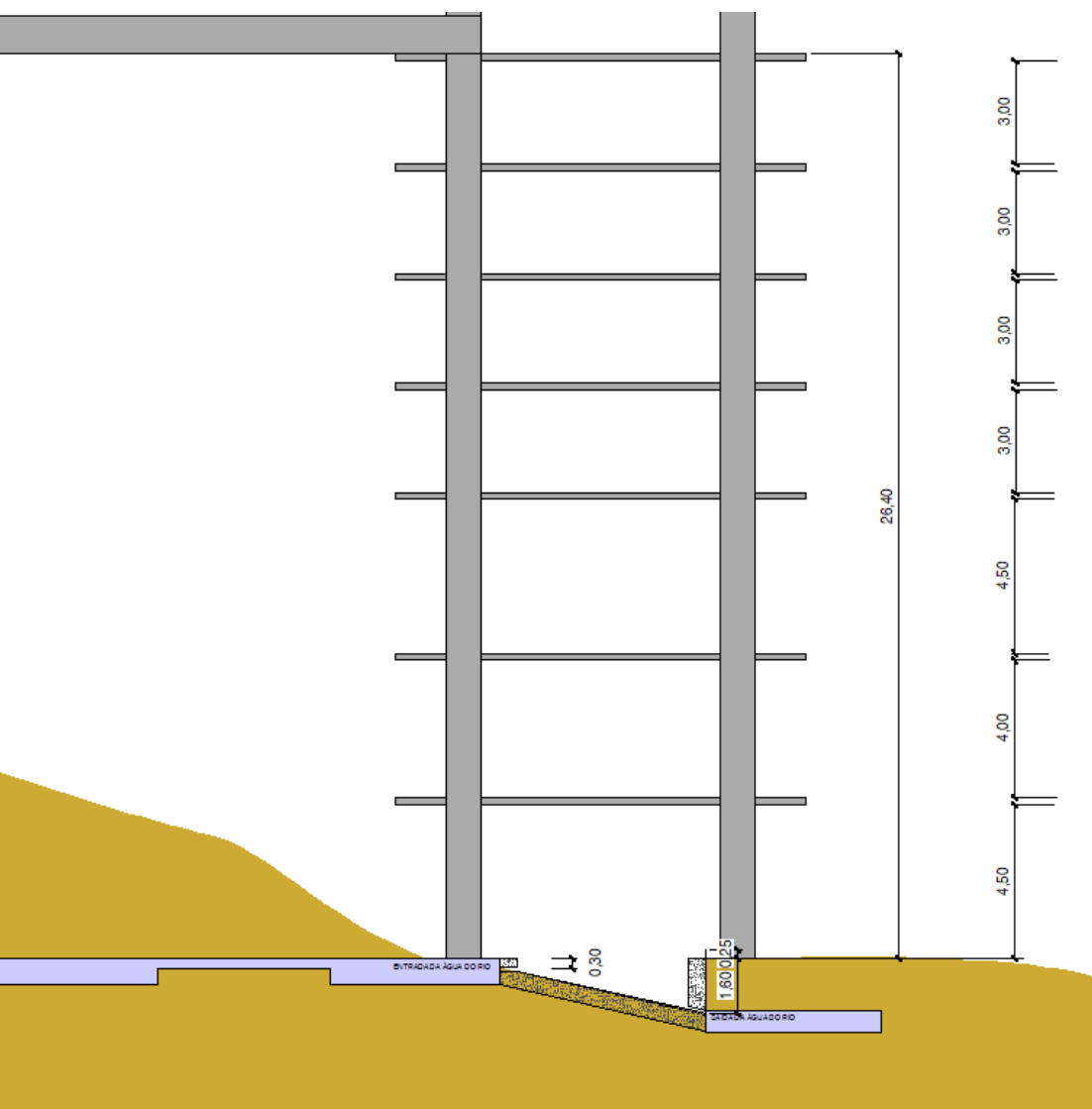


Aqui no térreo há outra plantação de bambu, ela me separa do edifício enquanto escuto um som de água batendo continuamente em algo, me remete às cachoeiras tão presentes no Rio Canoas. Apesar de se iniciar como um eco baixinho, logo foi reverberado no alcançar dos passos em direção ao esqueleto. O encaro no seu eixo central. Bem no meio dele, um grande recorte nas lajes dá lugar a uma rampa que se ergue no térreo e avança em direção aos outros pavimentos por dentro do edifício; ela também é sustentada com entulho e parece dar continuidade ao meu percurso.

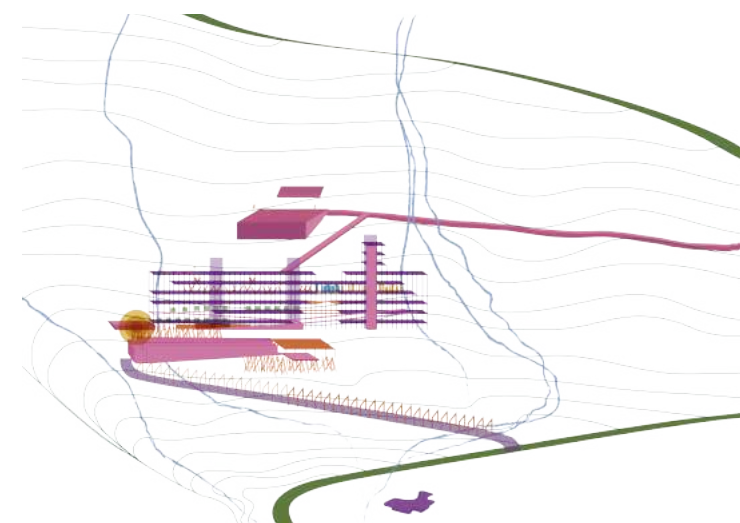
Nesse vazio, passarelas ligam as lajes de cada lado e passam na frente de um grande muro de pedras molhadas, que respinga água de forma contínua. Seria um sistema de bombeamento de água ou será que o rio ocupa e atravessa o edifício? Não, é o Rio Canoas que passa por dentro do esqueleto e se abre para dar passagem à vida.



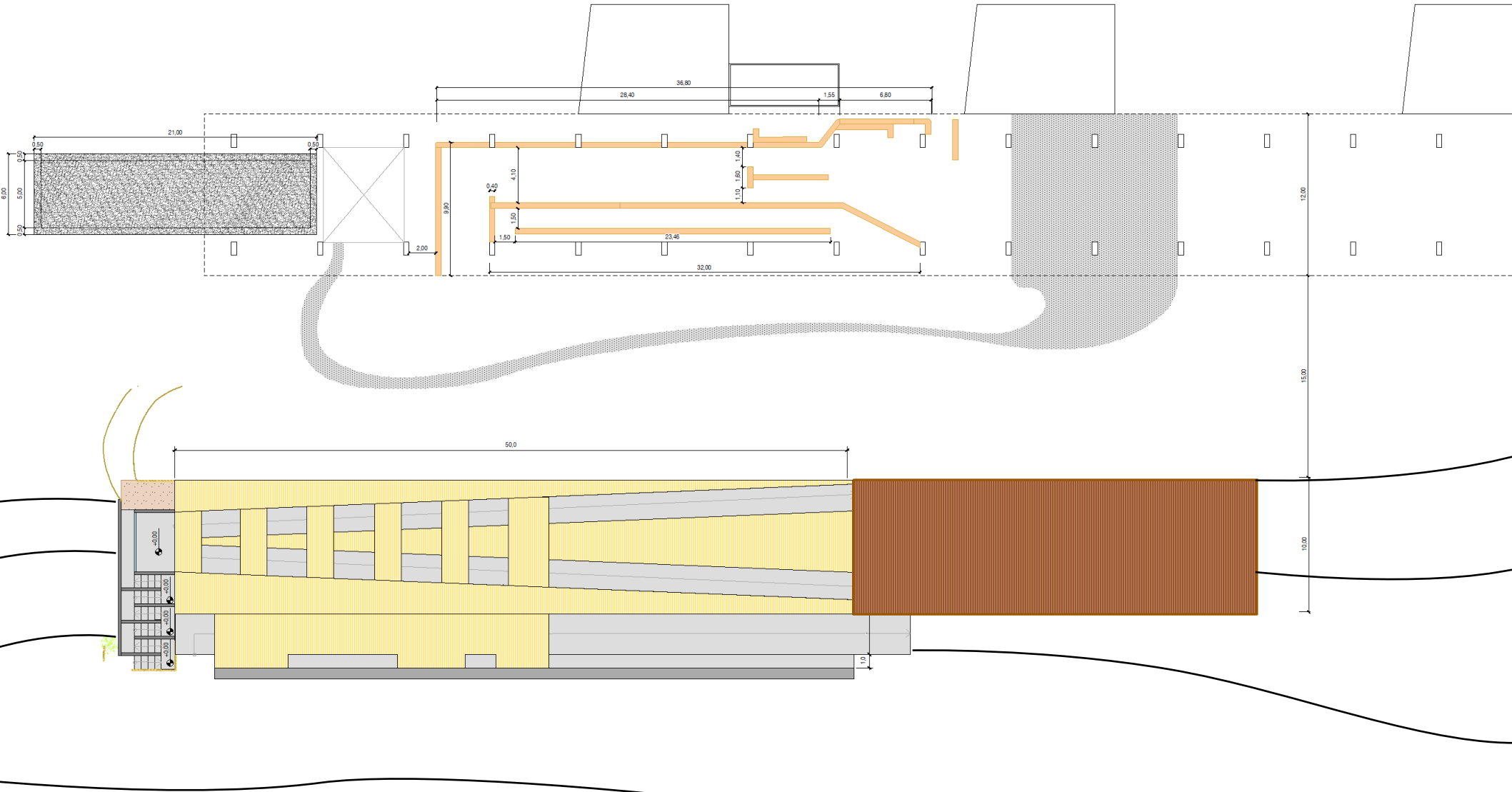
Esta água encontra um piso composto de pedras. Não são pedras grandes, a maior cabe na palma da mão e há também outras menores, do tamanho de britas. Esse caminho recebe a água no solo e segue com ela por um caminho sinuoso, através de um pequeno rasgo (com não mais de setenta centímetros de espessura) no solo de terra, que direciona a água que corre para o canto esquerdo do edifício. Do lado oposto, vejo um laboratório de tratamento do bambu aqui colhido.



Decido acompanhar a água e, ao chegar na ponta esquerda da estrutura, me arrepio. Estranhamente enxergo um oásis, aquele fio de água é substituído por uma piscina. A terra cavada no solo gera um lago de cem metros quadrados, com um corpo de água ininterrupto: a água não é parada, é possível ver os relances da luz refletidos nas ondulações do seu movimento. Isso ocorre pois aquela é a água do próprio rio, desviada parcialmente e represada naquele trecho, para então voltar ao seu fluxo, em um constante gesto.

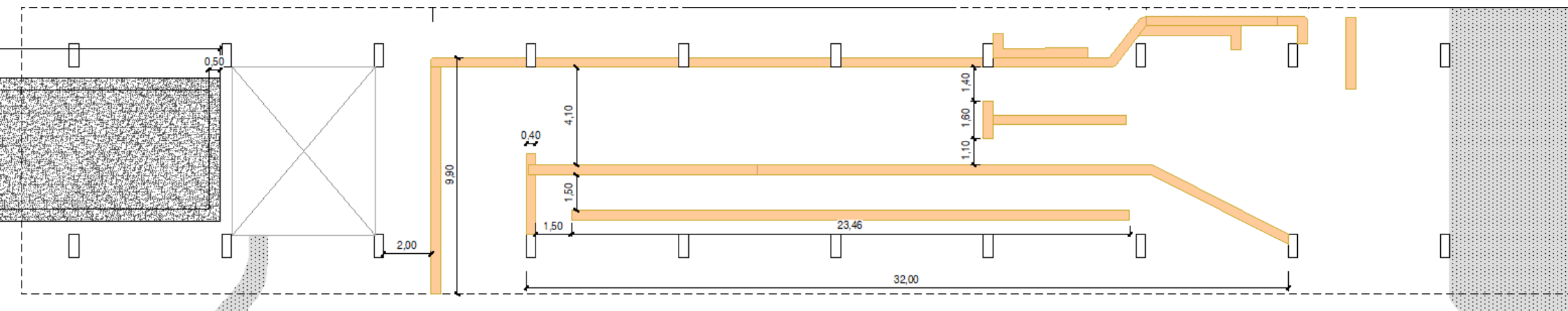


Molho meus pés e, por um momento, sinto pequenos girinos ao meu redor. Um pássaro está do outro lado da piscina, no trecho sombreado que passa por debaixo do edifício.



Ali, uma parede de terra cruza todo o térreo e faz um bloqueio, impedindo que se veja o que há por trás. Os 4 metros de altura da parede de taipa de pilão têm textura, cor e pulsam como matéria viva.

Contornando a parede ortogonal de entrada há uma ruptura entre muros terrosos: uma fresta convidativa. Adentro o interior e me vejo cercado por terra: um grande corredor de taipa de pilão reside dentro do concreto, se levanta do solo e cerca toda a área. Vinte metros adiante a taipa diminui de tamanho: as paredes se transformam também em bancos.



Enquanto habito a terra, reflito sobre o interessante movimento de contra-resposta que ela dá ao concreto, que planificou e fincou suas fundações mas que agora assiste a terra retomando o espaço inabitado, enchendo-o com um conforto refrescante e uma intimidade repleta de textura. A sedimentarização carrega a sensibilidade e, assim, lembro que estamos sempre conectados com a terra. Assim como com o bambu, fico surpreso com a arquitetura vernacular, em que o concreto foi substituído pela terra, percebo que também pertencço a este organismo vivo.

Me viro novamente para o edifício e noto que ao lado da entrada de terra há um pequeno túnel verde que protege o início da rampa que corta o edifício. Decido subir a estrutura.

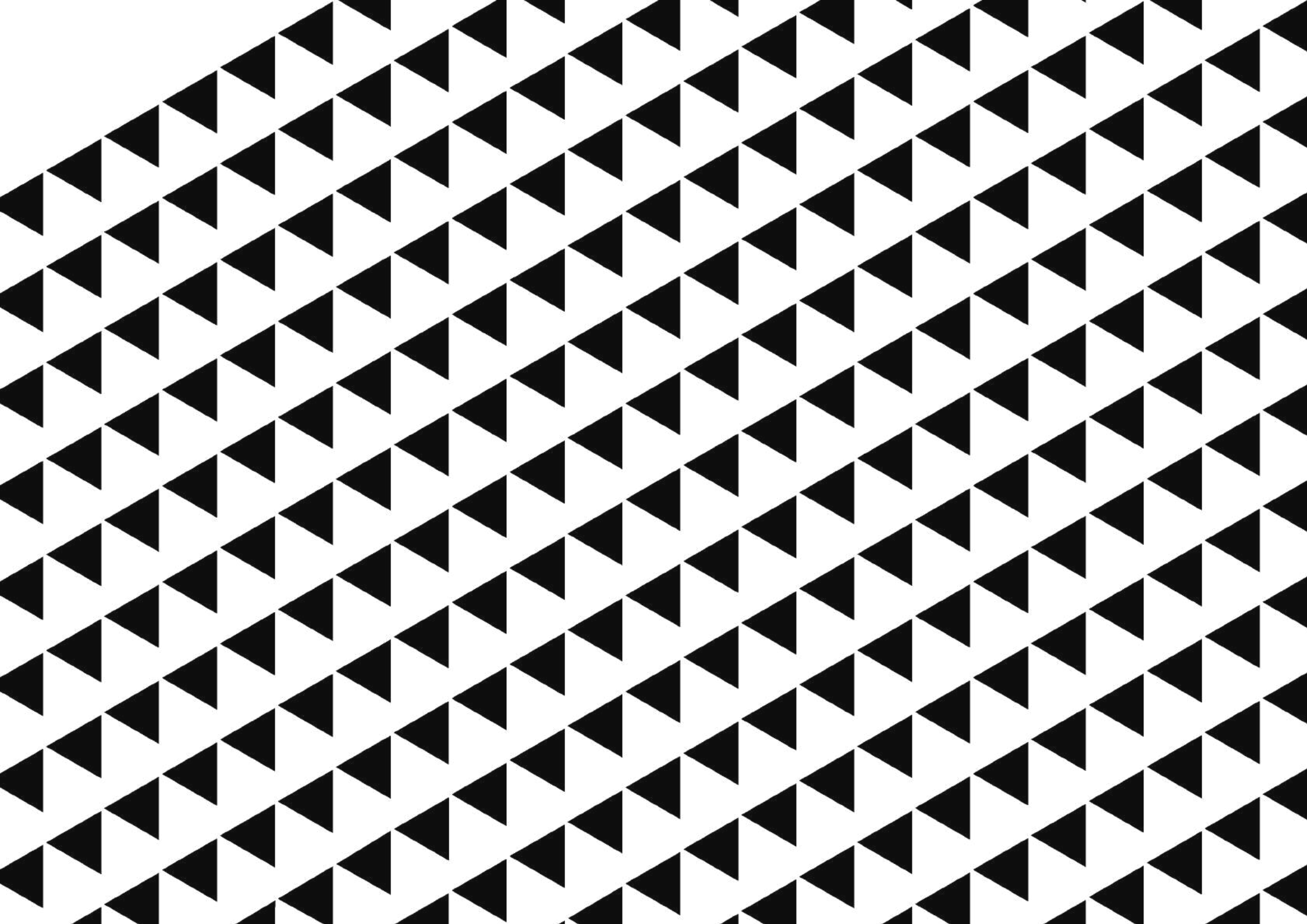
*“Mas, tem vez que o que a gente chama
vontade*

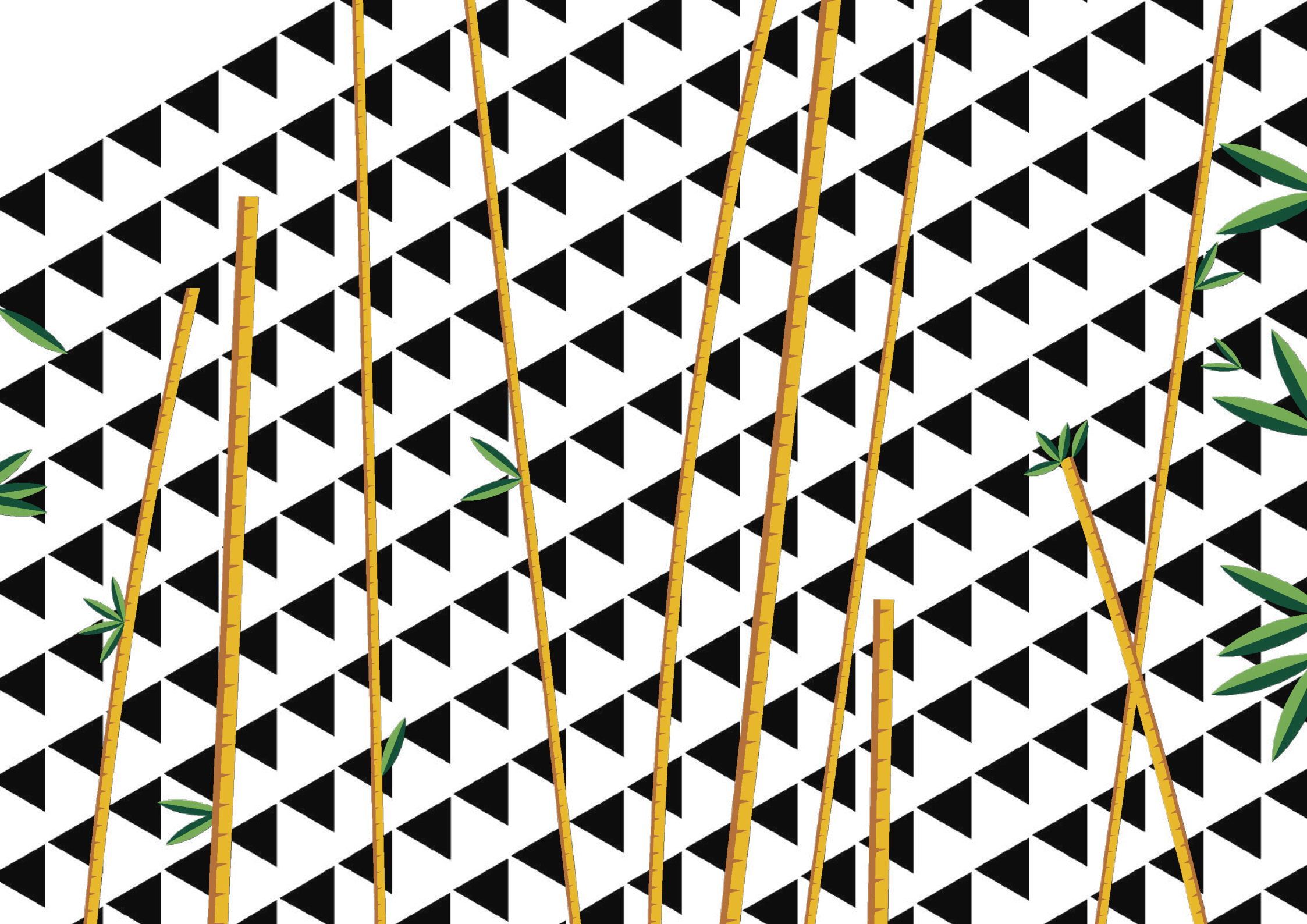
Fica maior e pode chamar coragem

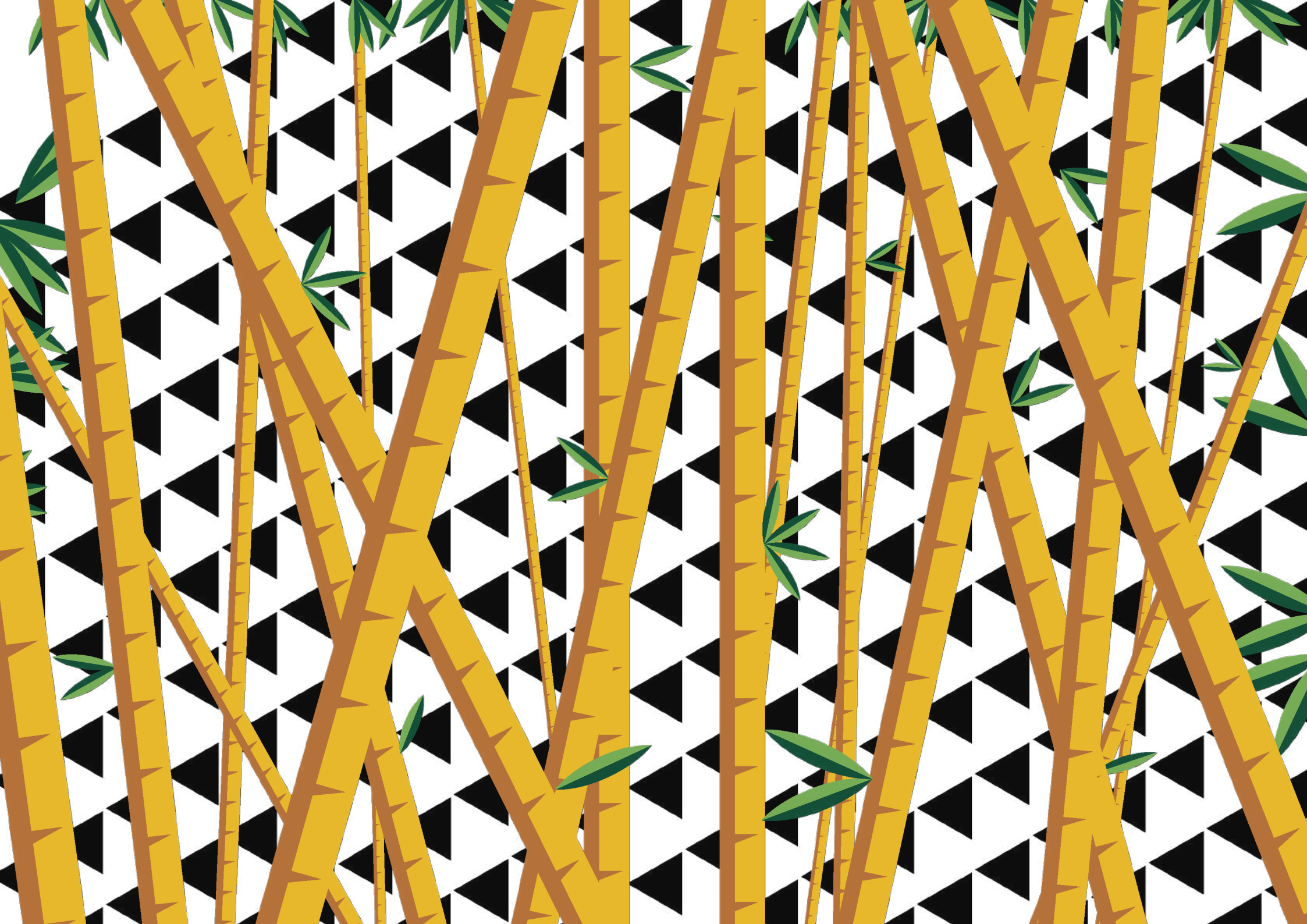
Olhou do alto e contemplou a beleza

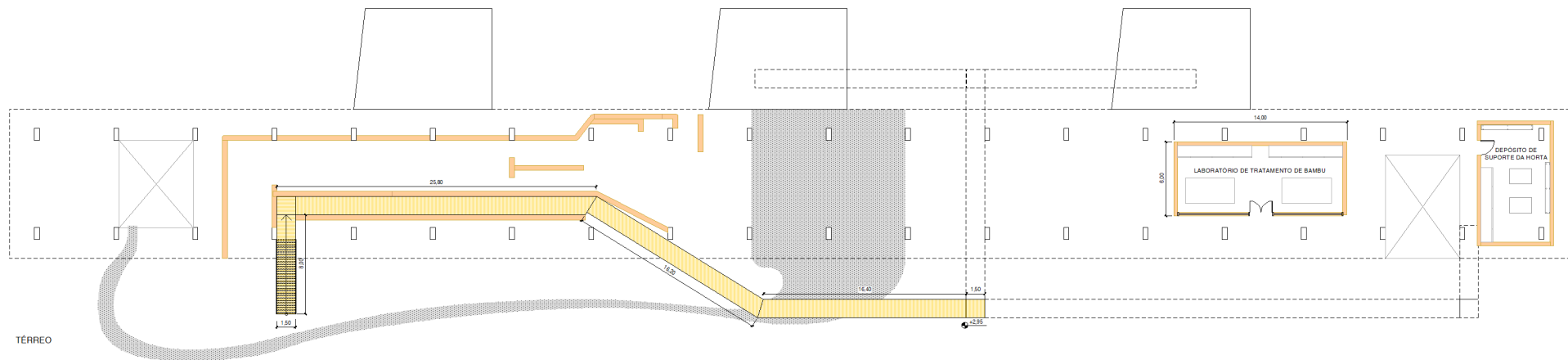
Saltou seu pai e mergulhou na surpresa”-

O Terno, Passado/Futuro



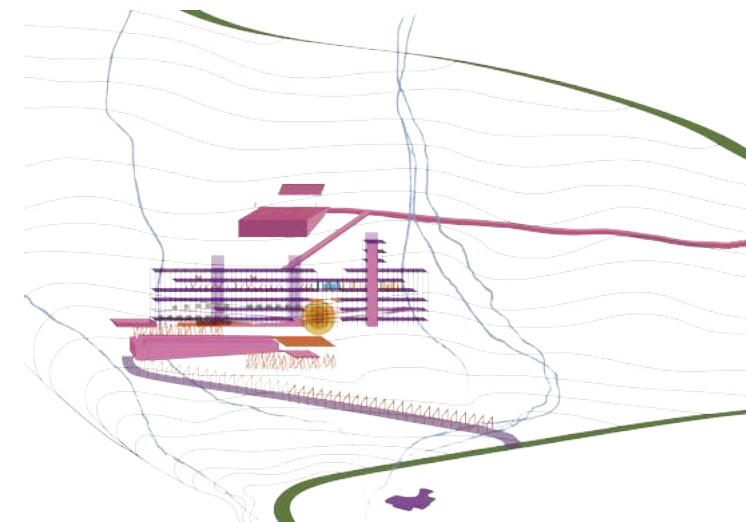


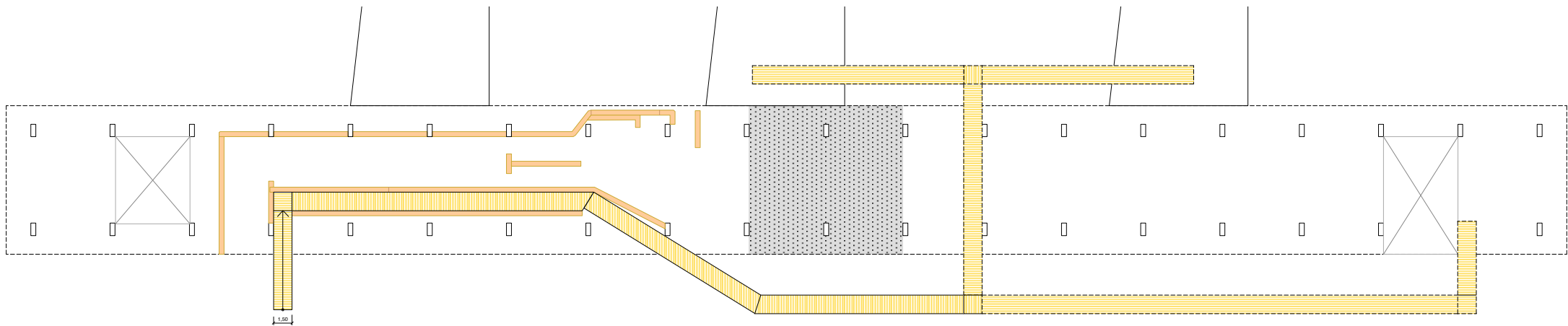




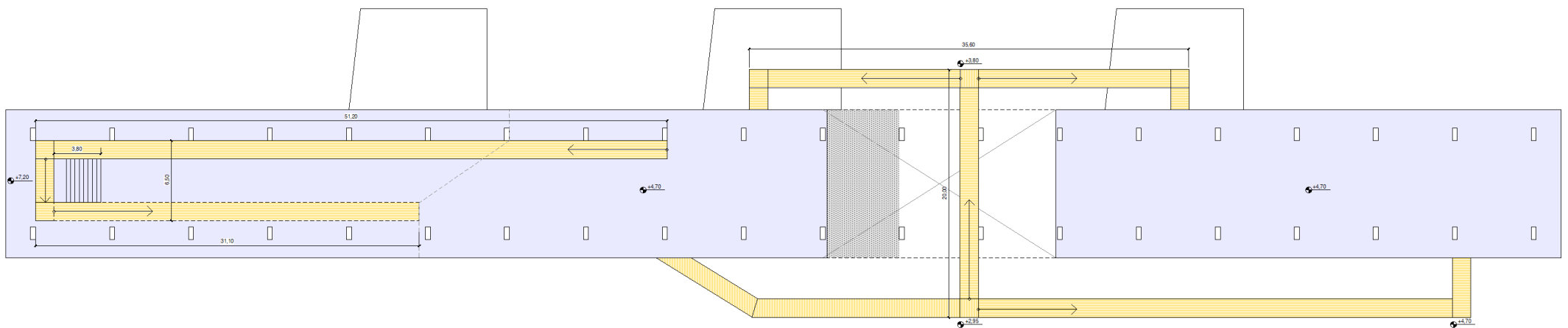
Logo, as plantas são substituídas pela sombra do concreto. De um lado tenho o verde da floresta, do outro, o laranja terroso da taipa de pilão. A rampa desvia da proteção da marquise e segue na borda rente ao edifício, em um trecho externo, mas logo cruza perpendicularmente pelo vazio das lajes cortadas. Agora suspenso, me deparo com a queda d'água; o som é bem similar à Estrada das Canoas. Uma cascata bate no paredão de pedra e escorre pelo solo de brita.

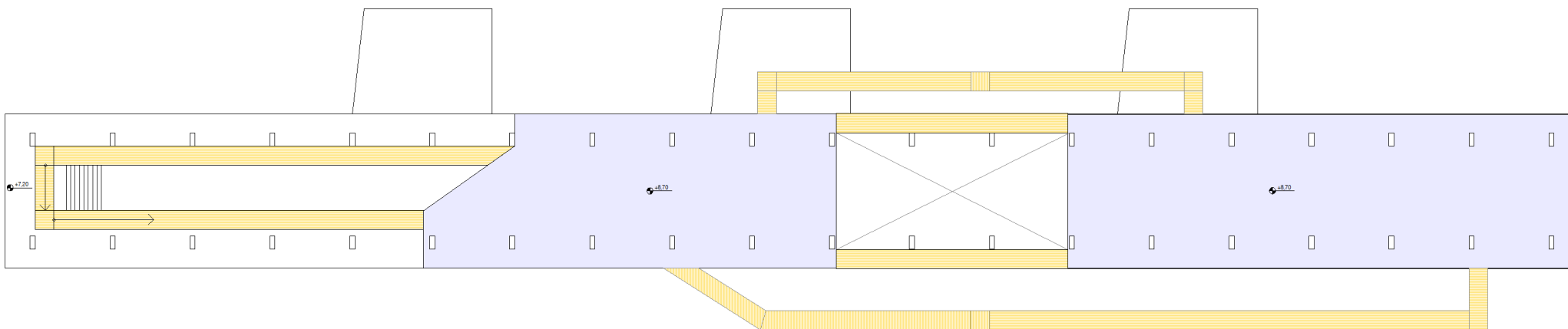
Dali da rampa, assimilo a floresta de bambu ao redor da contenção preenchida com entulho e as rampas que a cortam, desembocando no deck de madeira. Mais ao fundo, do lado direito do térreo do edifício, é possível ver uma plantação de mudas originárias. Já devo estar há uns 4 metros do chão quando o caminho bifurca em direções opostas novamente.





Sigo um deles e chego na primeira laje, mas a rampa continua subindo em direção ao próximo pavimento. Enquanto subo, várias placas informativas dão o caráter expositivo deste local: inúmeros dados com textos e fotos espalhados e suspensos contam a história do Parque Nacional da Tijuca e seu papel como “Floresta Protetora”. Consigo ver a expressão de surpresa de um casal ao descobrir que essa floresta exuberante é toda replantada e só possui 160 anos de idade. Informações sobre as espécies de aves, mamíferos, insetos, répteis, moluscos, anfíbios e plantas presentes são expostas ao longo do caminhar, assim como a crescente lista de espécies ameaçadas de extinção.



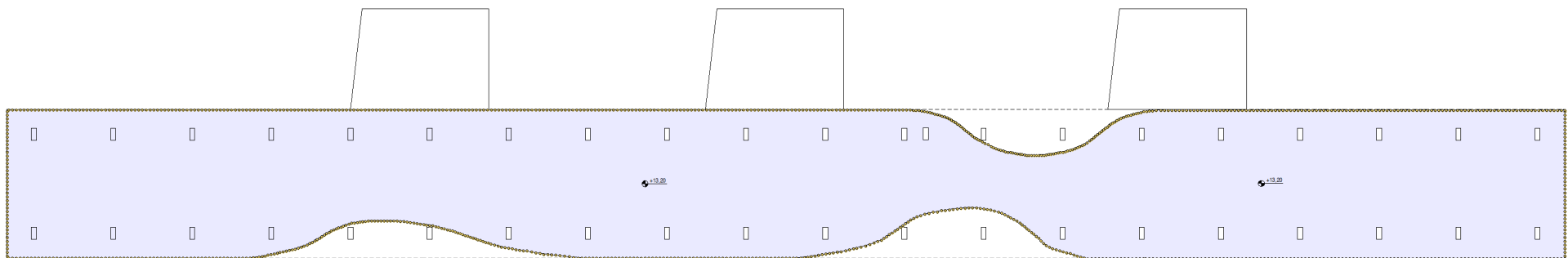


2 PAV

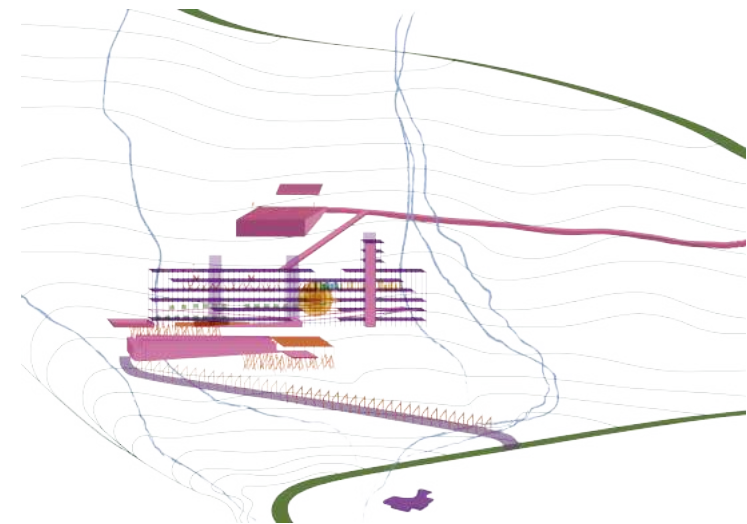
Flutuo até o final da estrutura e faço o contorno para chegar no próximo andar (segundo pavimento). Percorro o espaço preenchido com outras placas informativas, artísticas e interativas, até o momento que encontro o corte na laje. Assim, consigo ver por entre a laje vazia, da qual a água passa sem cerimônias. Duas passarelas laterais permitem o cruzamento entre lados. Olho para cima e o oposto acontece: o vazio do recorte da laje superior é completado com um caminho no meio, a luz entra mais aqui. Atravesso para o outro lado da laje e vejo uma escada próxima a uma das torres de circulação antiga. Enquanto subo, uma pessoa está escalando a torre do seu lado externo, que não possui aberturas. Uma empena inteira de escalada está a sua disposição para conseguir alcançar todos os andares.

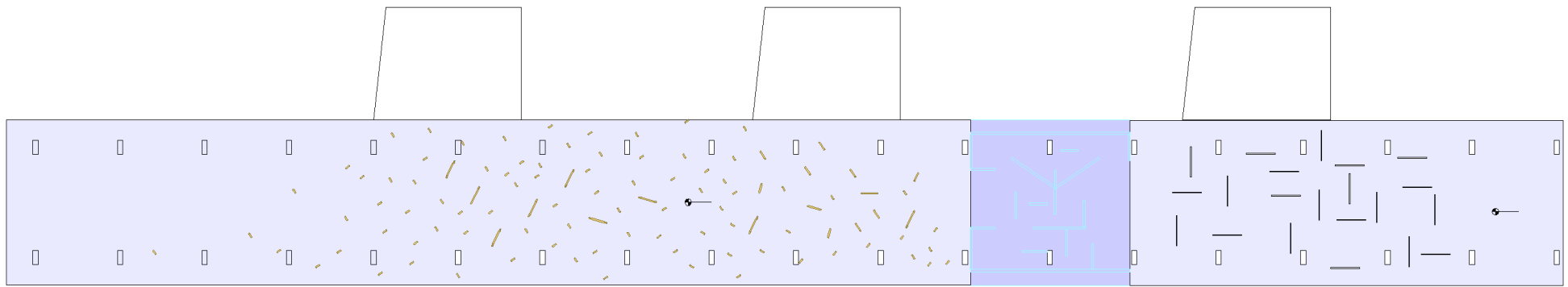
A peculiaridade de se ter uma estrutura vertical no meio da floresta traz a possibilidade de práticas esportivas a partir da adaptação do uso, esse terreno faz parte de um vasto circuito carioca de atividades a serem praticadas ao ar livre: a população pode aproveitar o espaço da melhor forma possível, indo à piscina, pegando sol, praticando atividades, suando e brincando. Além disso, talvez aprender sobre a história da floresta, de seus personagens e de como a cidade cresceu ao seu redor.

Escuto atritos, vários juntos. Aquele som singular de rodas batendo no chão e rolando, rolando. Nem completo o lance de escada e já vejo muitas pessoas andando de skate, patins e até bicicletas nesse terceiro pavimento. A laje parece dançar, se contorce, cresce, diminui, oscila e gera angulações curiosas. Esse pavimento inteiro tem suas fachadas protegidas com brises de bambu, raios de luz invadem essa pista elevada, garantindo segurança para qualquer prática.



3 PAV

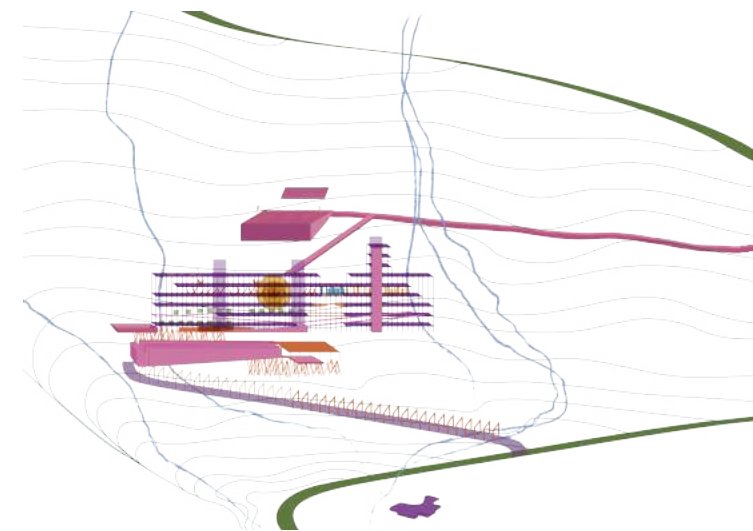




4 PAV

No próximo lance de escadas o eco das rodas vai diminuindo rapidamente, até o som desaparecer. Reina o silêncio.

No quarto pavimento, os bambus à tona. Demoro alguns momentos para entender o que acontece: troncos de bambu invadem todo o pavimento. Ando pelo andar e busco explorar o que ele esconde. Preciso desviar dos bambus a todo momento, eles estão dispostos em angulações diferentes e são fixados nas lajes através de cabos de aço. Essa ambiência remete à uma floresta artificial, como se a plantação do térreo houvesse sido refeita neste pavimento. É um nível labiríntico, em que é necessário desviar, procurar e desvendar os destinos possíveis. Decido caminhar para o outro lado do pavimento, em direção à direita. Atravesso os bambus, assim como duas crianças, que correm e brincam de pique-esconde e pega-pega. Ao atravessar os obstáculos, repetidos metro a metro, sinto que me aprofundo em mim mesmo.



Sobre o tempo:

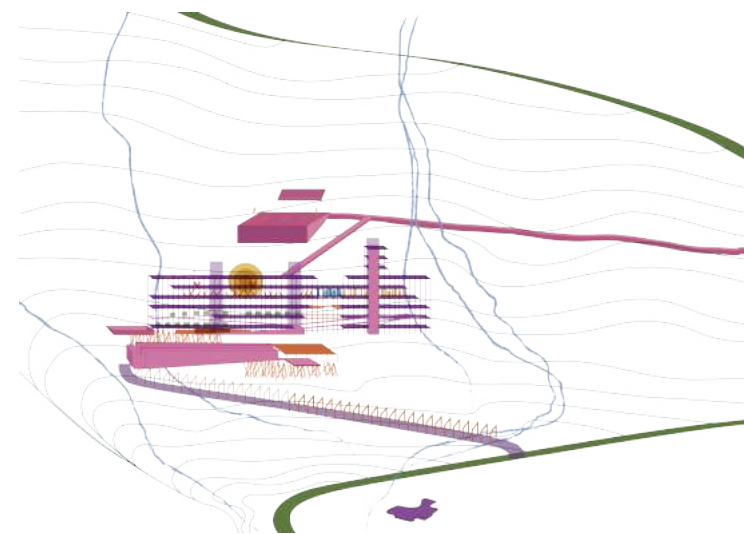
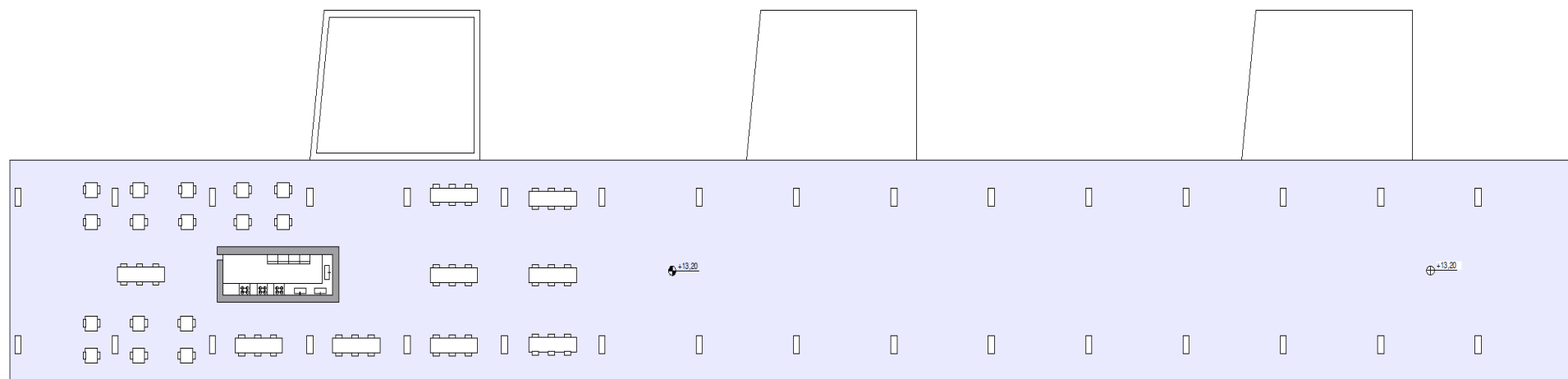
“Imaginei um labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros. Senti-me, por um tempo indeterminado, conhecedor abstrato do mundo. O vago e o vivo campo, a lua, os restos da tarde, agiram sobre mim; também o declive que eliminava qualquer possibilidade de cansaço. A tarde era íntima, infinita. O caminho descia e se bifurcava, entre várzeas indistintas. Uma música aguda e como que silábica aproximava-se e afastava-se no vaivém do vento, turvada de folhas e de distância. Pensei que um homem pode ser inimigo de outros homens, de outros momentos de outros homens, mas não de um país: não de vaga-lumes, palavras, jardins, cursos de água, poentes.”

O Jardim de caminhos que se bifurcam – Jorge Luís Borges

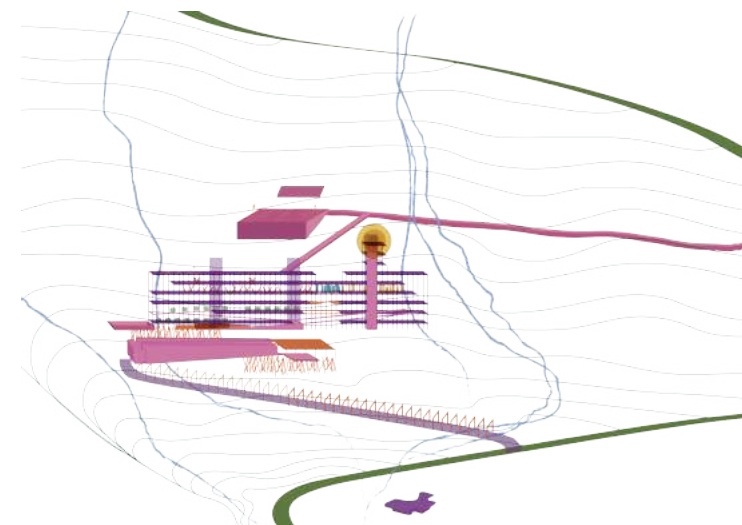
Mais a frente, me deparo com uma interrupção. Nesse trecho, uma caixa ocupa toda a laje e, ao adentrar o recinto, percebo que o labirinto não se interrompe, apenas há uma mudança de materialidade, caracterizada por planos de vidro e levemente espelhados. Me vejo em diversos reflexos em diferentes posições, a sensação de replicação da realidade se faz latente. Logo mais, torna-se mais branda, os planos não são mais estáticos e duros: ao ar livre, a última fase do labirinto é marcada por tecidos suspensos. Eles retratam a leveza do movimento do vento, enquanto o pavimento ganha pé direito duplo.

Respiro.

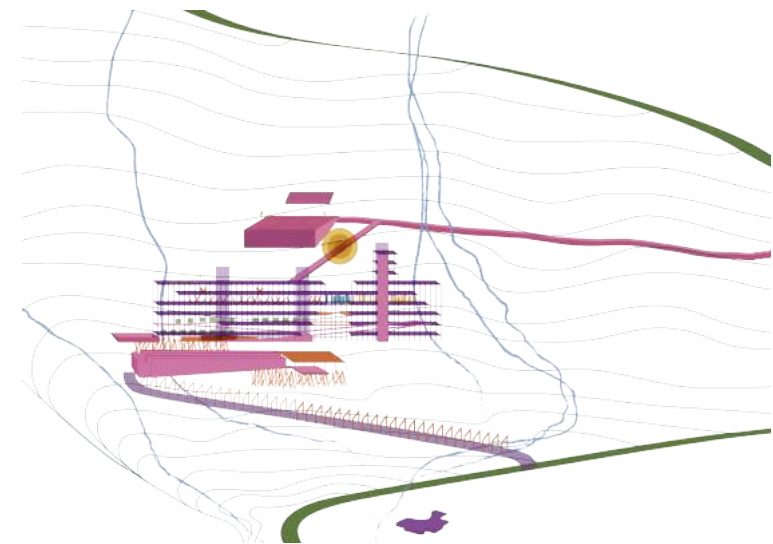
O quinto pavimento me chama antes mesmo de alcançá-lo, meu olfato dilata. Subo através do elevador disponível na torre central e um grande balcão surge. Dele, temperos somam cheiros deliciosos e repousam em tudo presente. Uma cozinha sinestésica com a fachada livre coincide com o topo da massa arbórea, permitindo que se visualize fragmentos de mar. Meu apetite se abre ao ver tantas cores e texturas, decido me sentar em uma das mesas e perco a noção do tempo.



Quando lá chego, não estou sozinho. Uma pessoa toda equipada com trajes esportivos, capacete e cordas divide a vista comigo, compartilhamos este momento. Embora as gotas de suor acusassem o cansaço dela, um sorriso largo surgiu. Enxergo uma espreguiçadeira que soa convidativa, sento um pouco, espreguiço os músculos e respiro o ar fresco. A brisa, o sol quente, o canto de um pássaro e a vista da Pedra da Gávea olhando para a praia me desaceleram, fecho os olhos. Nesse momento, me sinto leve tal qual o ar que me atravessa, cortando o vazio, ditando a dança das folhas e moldando o barulho do sopro. Abro os braços e ele me agita de acordo com o seu ritmo. A luz solar me faz ceder ao peso das minhas pálpebras.



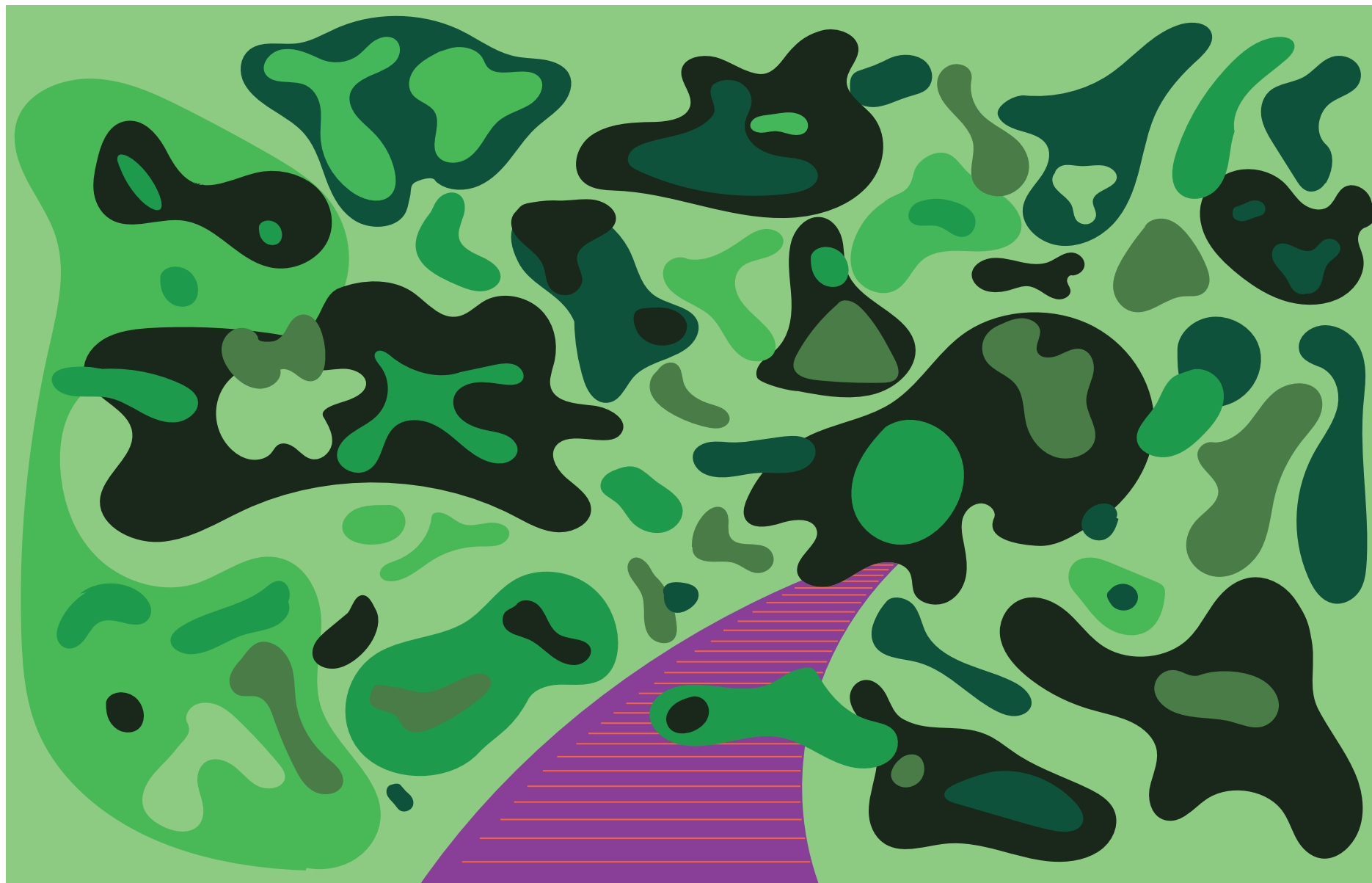
Atrás de mim, vejo um novo caminho, que sai do quinto pavimento e segue em uma ponte suspensa de trinta metros até sumir por entre as árvores. Uma possibilidade surge em direção à floresta. Desço até o encontro da ponte com os pilares do esqueleto e vou em direção ao verde-escondido. Sua estrutura é composta por vigas treliçadas de aço, conformando uma passarela de 2 metros de largura.



*“Quem sabe a tua existência
Fosse um balão de gás
Que voasse sem ajuda
Gestos muito naturais”
- Bicho Burro, Dônica*



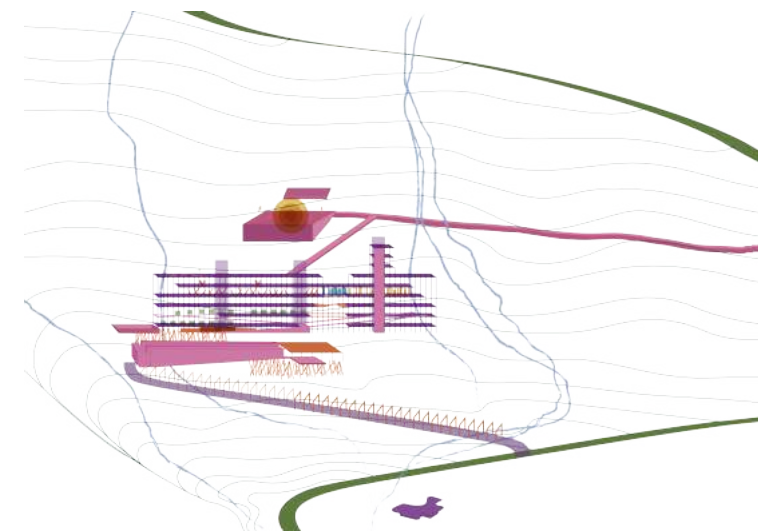
São trinta e cinco metros de suspensão até encostar e atravessar as folhas de uma jaqueira, quando me vejo cara-a-cara com um mico leão dourado. Ficamos imóveis esperando a reação um do outro. Sustento o movimento e prossigo.



São trinta e cinco metros de suspensão até encostar e atravessar as folhas de uma jaqueira, quando me vejo cara-a-cara com um mico leão dourado. Ficamos imóveis esperando a reação um do outro. Sustento o movimento e prossigo.

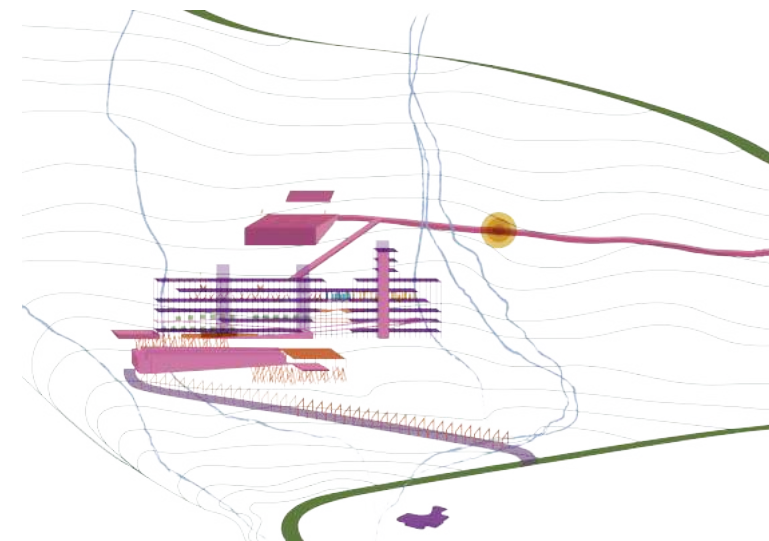
Quando habito a sombra das árvores, vejo uma bifurcação entre os caminhos: há um corredor rente à floresta e uma rampa que vence uma plataforma de três metros. Sigo a última opção para descobrir do que se trata. Contorno o platô e descubro uma outra quadra poliesportiva, esta com uma arquibancada de suporte. Na sombra, não há a paisagem integralmente aberta, mas há uma outra atmosfera: a prática do esporte dentro da floresta.

Do aro da cesta, um tucano assiste a um grupo de jovens jogando basquete de cadeira de rodas. Estes estão tão focados que nem percebem a presença não humana.



Quando faço o caminho de volta, decido não entrar no edifício, mas sim seguir aquele corredor rente à terra. Onde vai dar esse caminho? Ando lentamente sobre os painéis de bambus ripados, protegidos por uma cobertura com vigas metálicas e palha seca.

É como se fosse uma trilha projetada, um longo corredor que ora é semi-enterrado e ora pousa suave no solo, mas que tem um destino certo, serpenteando por entre as árvores. A sensação de atravessar os múltiplos verdes apaga a lembrança dos carros que passavam em alto e bom som colados em mim, agora vejo raízes, frutas e sementes: habito a floresta. Continuo a deambular, me hospedo no caminho enquanto sou atingido pela mistura de sons ao meu redor. Mais um ruído é acrescentado ao liquidificador sonoro que estou imerso: o som da água correndo entre as pedras. Vejo um fio de água aqui, outro mais a frente. São braços do Rio Canoas, reencontro a água, agora em um ponto mais acima.





Quando faço o caminho de volta, decido não entrar no edifício, mas sim seguir aquele corredor rente à terra. Onde vai dar esse caminho? Ando lentamente sobre os painéis de bambus ripados, protegidos por uma cobertura com vigas metálicas e palha seca.

É como se fosse uma trilha projetada, um longo corredor que ora é semi-enterrado e ora pousa suave no solo, mas que tem um destino certo, serpenteando por entre as árvores. A sensação de atravessar os múltiplos verdes apaga a lembrança dos carros que passavam em alto e bom som colados em mim, agora vejo raízes, frutas e sementes. Continuo a deambular, me hospedo no caminho enquanto sou atingido pela mistura de sons ao meu redor.

Logo, mais um ruído é acrescentado ao liquidificador sonoro que estou imerso: o som da água correndo entre as pedras. Vejo um fio de água aqui, outro mais a frente. São braços do Rio Canoas, reencontro a água, agora em um ponto mais acima, mais perto de sua origem.

É como se fosse uma trilha projetada, um longo corredor que ora é semi-enterrado e ora pousa suave no solo, mas que tem um destino certo, serpenteando por entre as árvores.

Após algumas boas dezenas de metros, vejo um caminho linear que se levanta e segue perpendicular em direção às árvores: o caminho ganha altura e é possível avistar um deck-mirante que beija a copa das árvores. Seu piso é revestido com madeira, mas a estrutura é preenchida com o entulho do esqueleto. Ali, o ambiente parece propício para permanecer, descansar e usufruir dos raios de sol que escapam e dos cantos dos pássaros. O guarda-corpo é feito de bambus e cipós.

Continuo a caminhar nesse caminho. Quando ando um total de 200 metros de comprimento, completo o circuito: estou na calçada da Estrada das Canoas, um pouco a cima do Mirante das Canoas, de frente para o estacionamento.

V. Tropeços



O impulso gerador do trabalho é o entendimento das urgências do nosso tempo, com a genuína aceitação de que vivemos imersos em uma perspectiva danosa e já falida.

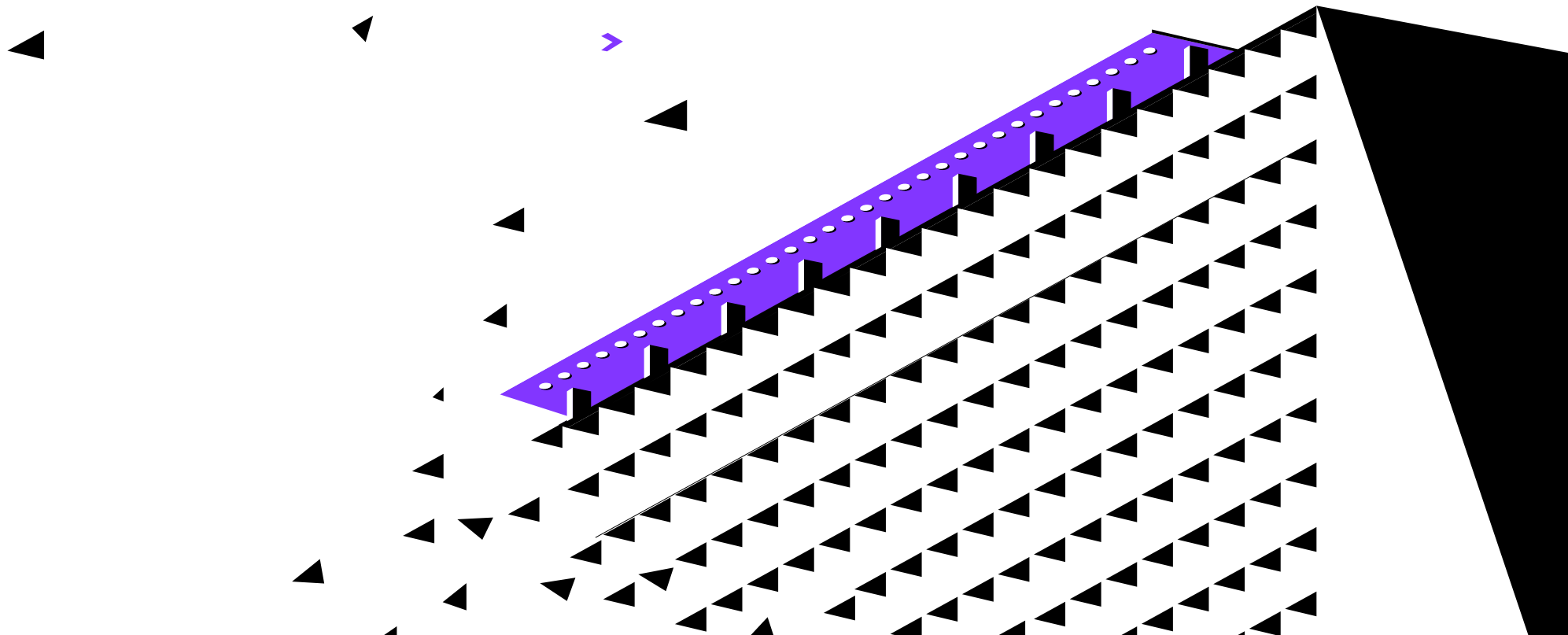
O esforço exercido foi o de não fugir dessa realidade, mas sim habitar, se manter atrelado à problemática e habitá-la. Entretanto, por mais que evitasse, a todo momento me via caindo em práticas antropocêntricas, como na própria análise inicial do objeto, quando só conseguia enxergar o edifício a partir de uma perspectiva aérea, influenciado pela representação arquitetônica que surgiu a partir das viagens de aviões militares (possíveis de serem captadas hoje por drones ou acessíveis em grande escala na internet). Mesmo que estivesse ciente do simbolismo de se pensar a arquitetura de cima, realizando inclusive a influência direta que ela teve na adoção da escala projetual do próprio esqueleto, frequentemente me via reproduzindo tal prática.

Seja pela influência da faculdade ou pelas referências arquitetônicas espalhadas pelo mundo, o fato é que eu mesmo caía nessa metodologia de inserção do território, que fortaleceu um imaginário de estruturas que seguem uma lógica própria e acabam por promover a separação não só do construir, mas do viver e coexistir com o mundo a partir da perda primordial da escala humana.

O que busco dizer é que, ainda que eu estivesse pesquisando e refletindo sobre os vícios que foram e são adotados para reproduzir métodos já conhecidos, o descolamento do chão é, muitas vezes, inevitável. Durante todo o processo de projetar percebi como são rígidas algumas práticas que aprendemos na escola - no meu caso, na FAU UFRJ -, com metodologias que nem sempre buscam aflorar questionamentos construtivos que possam nos levar a debates caros e urgentes. A partir deles, poderíamos então abandonar sistemas que se encontram tão impregnados que não são nem questionados, mas reproduzidos de forma automática.

Assim, por mais árdua que tenha sido a tarefa, alterar a minha própria compreensão de mundo mergulhada em valores antropocêntricos (e dita moderna) se mostrou necessário, pois compreendi que apenas assim seria possível pensar em uma solução alternativa à implosão ou ao esquecimento que impregna o esqueleto na Estrada das Canoas.

O permanente exercício de me vertropeçando em dicotomias construídas que busco analisar, tal qual a polarização definida entre cultura e natureza (que tem como objetivo criar um afastamento entre o que se compreende como humano e o que é natural, isolando todos as ecologias e anulando questões interespecies), já evidencia a dificuldade imposta. Perceber alguns dos mecanismos de afastamento do ser humano com os seres que o circundam é olhar no espelho enquanto me esforço para escapar de uma areia movediça, simbolizada pelos frequentes vícios de projetar que me foram adquiridos e teimo em retomar. Portanto, diferentes formas de compreender o sítio foram adotadas e substituídas, conforme me debatia para trilhar um caminho de saída das maneiras convencionais de projetar, isto é, uma rota de desmistificação de verdades sólidas recentemente aprendidas por mim no meu percurso universitário.



Darei-lhes um exemplo: durante a formulação das minhas impressões e visitas ao terreno, encontrei uma carga de romantização da floresta como um elemento quase mágico, uma natureza que deveria ser intocável pela sua exuberância. Entretanto, percebi que esse encantamento alimentava a dualidade entre “edifício mau” e “floresta boa”, logo, uma alienação frente a complexibilidade das relações entre as consequências das ações humanas e os outros seres. Inclusive, de acordo com o avanço da pesquisa, realizei que a própria floresta é também uma edificação, visto que é fruto de um reflorestamento maciço ocorrido há um século e meio atrás.

Ainda sobre as dificuldades impostas durante todo o processo, realizei que o conto do herói, que Le Guin em seu texto “A ficção como cesta” evidencia, atravessa e impregna todas as camadas da nossa sociedade, visto que influencia o comportamento geral e molda as atitudes de indivíduos e da sociedade como um todo. Logo, demorei para assimilar que recorrentemente caímos no vício e ficamos a serviço desse tipo de narrativa, que necessita de algo a ser superado, vencido. Talvez isto reflita a nossa necessidade pelo poder.

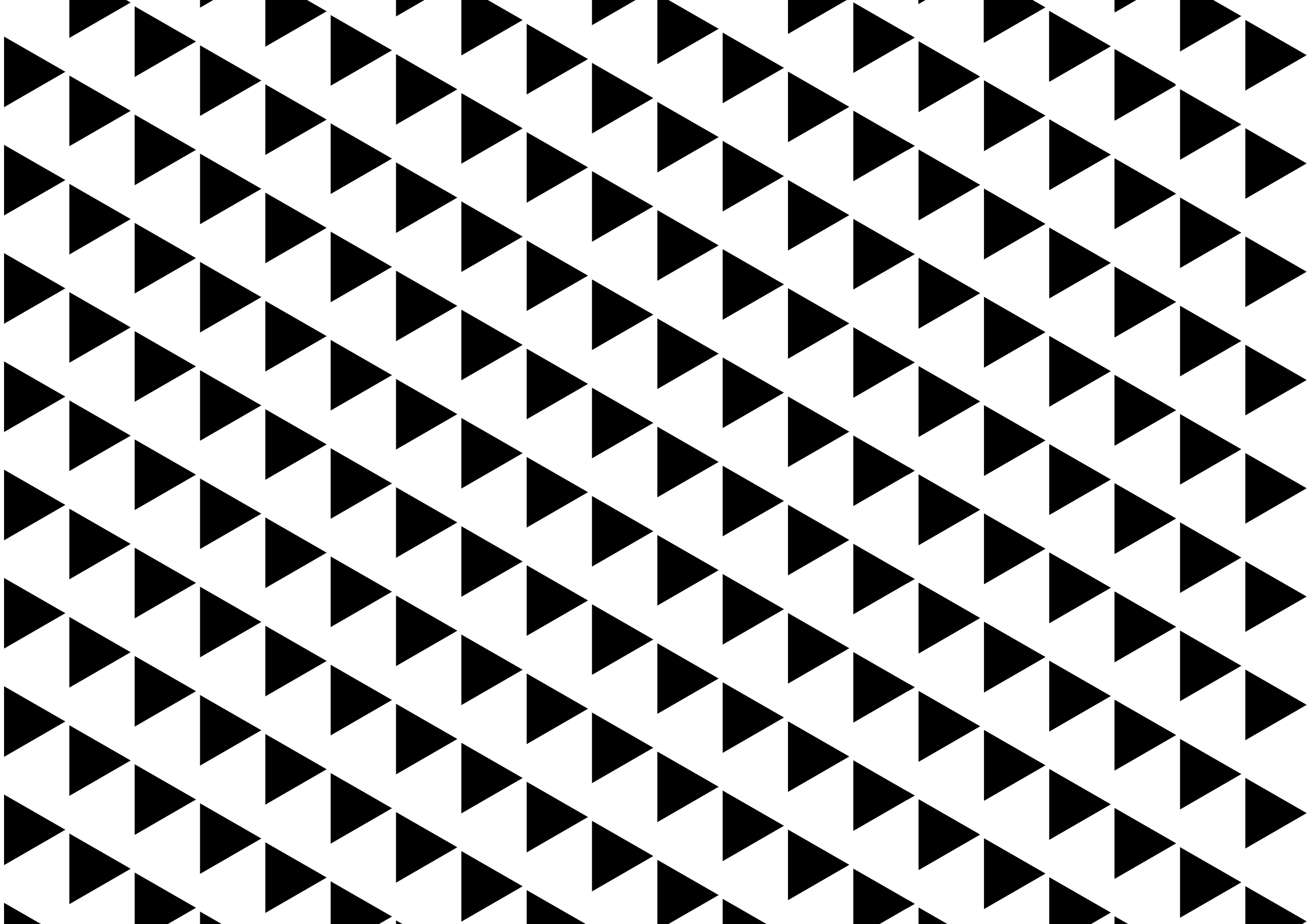
Gostaria de dizer que este trabalho se moldou através de sonhos, de um caminho preciso ou orgânico e que conseguia enxergar o seu fim desde o início, mas seria uma inverdade. **O projeto e seu recorte foi construído de acordo com as aberturas encontradas ao longo do próprio percurso, encontrando brechas em meio à turbulência de indagações, críticas e correções, que estremeceram minhas fundações mais convictas e geraram, assim, rachaduras em idealismos e, finalmente, frestas por onde trilhei a pesquisa. Quando cito um idealismo que foi desconstruído, trato a respeito das minhas impressões iniciais da leitura dos textos, em que desenvolvi uma espécie de idealismo teórico que se afastava da experiência de projeto.** É importante ressaltar que só consigo enxergar essas considerações agora, depois de ter passado por este processo. As lições ocorreram de forma constante a cada hora de projetar, exemplificando mais uma vez, as idas e vindas do processo como um todo.

Olhar para fora e escolher o que guardamos dentro.

Esse trabalho encerra seu ciclo não em conclusões concretas, mas sim na esperança que essa turbulência possa abalar cada vez mais estruturas.

Que no reinventemos

nas frestas



Bibliografia

AMORIM, Cláudia. “Gávea Tourist Hotel, que deveria reforçar eventos, está abandonado” - O GLOBO. (2012) Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/gavea-tourist-hotel-que-deveria-reforcar-eventos-esta-abandonado-6041612>> (Acesso em 10 fevereiro. de 2021)

BARRETO, Fernada. “Hotel Panorama” Trabalho Final de Graduação - Universidade Presbiteriana Mackenzie de Arquitetura e Urbanismo.

BORGES, Jorge Luis “O Jardim de Caminhos que se bifurcam”. (1941)

CABRAL, Maria Cristina. NEVES, Carolina. “PAISAGEM DO ABANDONO: Grandes edificações modernas inativas - eixo temático: o modernismo como cultura”. (2019) - 13º Seminário Docomomo Brasil, Salvador - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

DE JESUS, Marcos Paulo Alves. “Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger”. (2007) – “Existência e Arte”- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III (Filosofia)

HARAWAY, Donna. “Stay with the Problem – Making Kin in the Chthulucene” (2016, p.33) – Duke University Press – Durham and London

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. “A Queda do Céu- Palavras de um xamã yanomami” - 17 reimpressão - São Paulo: Companhia das Letras (2020).

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel, 1990 (1986).

LATOUR, Bruno. “Diante de Gaia – Oito Conferências sobre a natureza no antropoceno” (2020) – 1 Edição Brasileira, Ubu Editora

LATOUR, Bruno. “Jamais Fomos Modernos (Ensaio de Antropologia Simétrica)” 1ª Edição. (1994, p.15 - 19). – Rio de Janeiro: Editora 34

LATOUR, Bruno. “Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno”. (2014). (Revista De Antropologia)

MACIEL, Lucas da Costa. 2019. “Perspectivismo ameríndio”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/perspectivismo-amer%C3%ADndio>>

NIEMEYER, Oscar. “Residência Canoas”, Rio de Janeiro. Módulo, Rio de Janeiro, n.70; p.48 (maio 1982) .

ROSENBERG, Juan. “A construção do território - Abstração e Natureza nas obras de Luis Barragán, Álvaro Siza e Tadao Ando”. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Paulo. (2016)

“FANTASTIC Fungi - The magic beneath us”. Direção de Louie Schwartzberg. Estados Unidos da América, 2019. Narrado por Brie Larson.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER, (2021). Casa das Canoas. Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br/fundacao/locais/casa-das-canoas>> (Acesso em 22 abril. de 2021)

<https://www.archdaily.com.br/br/915357/quando-a-luz-encontra-o-concreto-reflexoes-sobre-a-obra-de-tadao-ando> (Acesso em 31 maio. de 2021)

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10316187/4255534/RelatorioPEUSaoConrado.pdf> (Acesso em 27 maio. de 2021)

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12762726/4321903/Arte_Livro_Rios_do_Rio_28x28CM_Fechado_Final_Atualizado_Abr_2021_final.

<http://www.niemeyer.org.br/obra/pro055>> (Acesso em 13 maio. de 2021)

<https://www-vivadecora-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/casa-das-canoas/> (Acesso em 12 maio. de 2021)

“O JORNAL” http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&Pesq=%22gavea%20tourist%20hotel%22%20projeto&pagfis=44541(Acesso em 30 abril. de 2021)

<https://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/informacoes-gerais.html> (Acesso em 03 junho. de 2021)

<https://issuu.com/feffbarreto/docs/monografia_online-compactado> (Acesso em 21 maio. de 2021)

<https://bafafa.com.br/turismo/bairros/conjunto-residencial-delfin-imobiliaria-cenario-apocaliptico-em-jacarepagua?fbclid=IwAR3eLGR-54v0Gn7cfcoB-J334BC77Wh5aIq4Zb50m80Zl5zXijmog3t8SdjU> (Acesso em 25 maio. de 2021)

“XV SEMINÁRIO Internacional Ailton Krenak e Wellington Cançado”. Produção de Escola Cidade. Youtube. (Transmitido ao vivo em 4 de ago. de 2020) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qS7JidpuN2s&ab_channel=EscoladaCidade>

BBC, FLEMING, Nic (2014). “Plantas se comunicam e ‘brigam’ usando ‘internet e fungos”. BBC Earth.. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141128_vert_earth_internet_natural_dg> (Acesso em 10 abril. de 2021)

<https://www.archdaily.com.br/br/915357/quando-a-luz-encontra-o-concreto-reflexoes-sobre-a-obra-de-tadao-ando> (Acesso em 31 maio. de 2021)